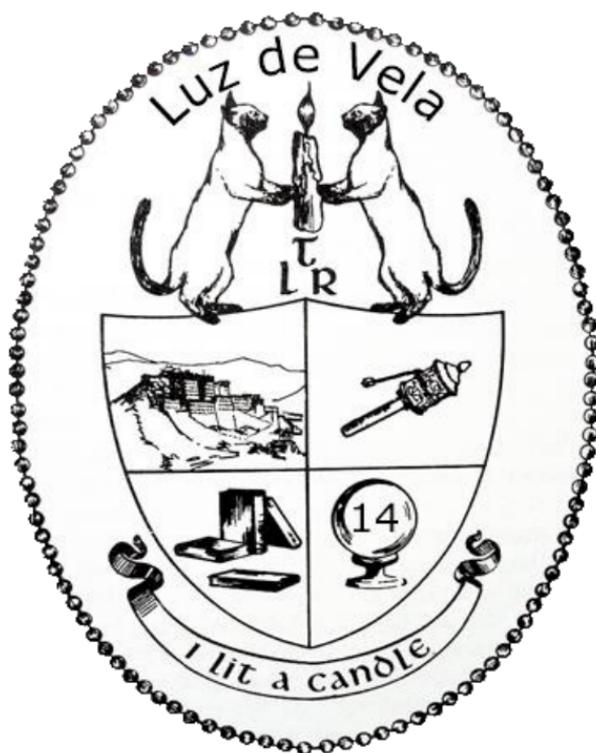


Lobsang Rampa



DE UM ADMIRADOR

“Você está velho, Pai Rampa”, exclamou o Jovem,
“E difamou a Imprensa por muito tempo.
As Velas que acendeu brilham perto e longe
Mandando a luz como uma Estrela acolhedora.”

“Você está velho, Pai Rampa”, falou o Jovem.
“Largue a sua máquina, já está na hora de morrer.
Sua vida foi difícil e suas experiências, tristes.
Mas as Velas que acendeu NUNCA se apagarão!”

“Você está velho, Pai Rampa”, disse o Jovem.
“Suas Velas estarão acesas bem depois de sua morte.
As verdades que você ensinou nos enriquecerão,
As privações que você sofreu; o custo FOI alto demais?”

Liberto do sofrimento, liberto da tristeza,
Liberto de preocupações com o amanhã,
Liberto das lidas desta Terra malvada,

Liberto do ciclo do renascimento “sem fim”,
A *SUA* chama da vida tremula e se acaba um dia,
Mas as Velas que *VOCÊ* acendeu *NOS* mostrarão o Caminho!

(com desculpas para todos os que merecem escusas!)

As nuvens sombrias desceram do céu de aço e começaram a chorar. Num fino véu, gotas de chuva tamborilavam pelos telhados sujos de Montreal, terminando como riachinhos negros de fuligem nas sarjetas entulhadas de lixo. O ritmo da chuvarada acelerou-se; a tempestade tumultuosa apagava as pontes, os prédios altos e feios e depois até o próprio porto.

De repente, as árvores se inclinaram, a água escorrendo das folhas deprimidas, formando poças espumosas na grama rala. À distância, um navio apitou tristemente, como que desesperado por ter de tornar a entrar em Montreal, a Cidade de Duas Línguas.

Mal-humorados, os gatos sentavam-se diante da janela embaciada, pensando se o Sol um dia tomaria a brilhar. Lá fora, na estrada inundada, um jornal em francês, todo rasgado, era carregado para seu lugar num esgoto, onde momentaneamente ele bloqueou o fluxo da água e depois desapareceu com um ruído gorgolejante.

O velho ônibus azul passava com o motor roncando, as rodas levantando plumas de água da rua inundada. Ouviu-se um *baque* quando ele caiu no buraco junto ao escritório. Aos trancos e arrancos, ele abriu seu caminho difícil pela lama e virou à direita, onde não foi mais ouvido. Veio então o ronco imponente do caminhão do lixo rodando pela rua. Um vulto titânico avistado vagamente no meio da penumbra sem luzes e depois — a Paz, salvo o tamborilar na chuva.

O velho na cadeira de rodas procurou o interruptor, ao se virar da vidraça embaciada. De luz acesa, ele voltou tristemente para a pilha de cartas que ainda tinham de ser respondidas. “Perguntas — perguntas — perguntas” resmungou ele, “será que pensam que eu sou um consultório gratuito sobre todos os assuntos, desde a concepção até à morte — e ainda uma boa dose do além?”

A carta da *senhora* de uma grande cidade dos Estados Unidos era interessante: “Já li os seus 13 livros” escreveu ela. “Um *bom* escritor teria dito tudo aquilo e mais alguma coisa em meio capítulo.” Puxa, minha senhora.. . *Obrigado!* Mas — lá vêm eles: uma *gangster* do Women’s Lib muito, *muito* zangada, do Winnipeg. Não gosta nada de mim — acha que eu *detesto* as mulheres. Bom, pelo menos *ela* não é mulher, parece mais um marinheiro bêbado, pelo palavreado. Mulheres? Eu as *amo*. Homens, e mulheres, apenas os dois lados da *moeda*. Por que *haveria* de odiá-las? Que gente *sensível* essas mulheres, puxa!

Mas a minoria mínima não interessa. A maioria — uns 99% (verdade) — interessa-se sinceramente pelo que eu escrevo e simplesmente “adora” as minhas Velas. Querem saber mais a respeito de todos os aspectos da metafísica. Como fazer a levitação, como teleportar, como fazer *isso* e *aquilo*.

Uma porção de gente se está interessando cada vez mais por varas mágicas e pêndulos. Tenho aqui uma carta de uma pessoa que viu um homem andando por um campo e de repente a forquilha que o homem estava segurando agitou-se violentamente. O correspondente me conta que essa pessoa era um adivinho de água, e me pede o favor de dizer se existe alguma verdade nesse negócio de hidroscopia e de usar o pêndulo.

Sim, positivamente, a hidroscopia é uma coisa verdadeira — se a pessoa souber utilizar o pau de avelã ou outro galho em forquilha. Positivamente existe alguma coisa nos pêndulos, desde que a pessoa saiba o que está fazendo e não esteja apenas fazendo uma encenação para impressionar os incautos.

Primeiro, temos de saber o que faz essas coisas funcionarem. Nos dias de hoje, em que o rádio é coisa comum, não é nada difícil entender a idéia de que existem certas correntes, ou certas ondas, que a pessoa não pode perceber sem um intermediário. Por exemplo, existe em volta de nós, o tempo todo, um tumulto terrível, que, felizmente, não podemos ouvir, mas as ondas do rádio chegam de toda parte AM, FM, Ondas

Longas, Ondas Curtas, Alta Frequência e Frequência Ultra- Alta. Para o homem comum, tanto faz elas existirem ou não, pois sem um aparelhamento especial, ou condições especiais, a pessoa não pode percebê-las. Mas se colocarmos uma peça de equipamento misterioso entre as ondas que chegam e o alto-falante ou o tubo de televisão, teremos o som ou a imagem. A peça misteriosa do aparelhamento geralmente é ligada a alguma substância (a antena) que recebe as ondas que entram e depois as leva para o interior da caixa misteriosa, onde todo tipo de fios, pedacinhos de cobre e mica ou papel, etc. classifioam a confusão e *detectam* um sinal coerente. Depois ele passa para outra seção da caixa, onde é amplificado, e a velocidade de sua frequência é reduzida para uma com que se possa lidar. Do amplificador, passa para o estágio de saída e depois para o alto-falante ou um tubo de televisão e alto-falante, e aí temos algo que se aproxima mais ou menos do ruído originário que foi irradiado, ou a imagem originária que foi transmitida. Naturalmente, isto é uma supersimplificação medonha, pois além dos sinais de recepção, temos de ter um método de captar os sinais, de percebê-los, amplificá-los e levá-los para o *output*. Mas — e não nos devemos esquecer disso — temos de ter um método de sintonizar a frequência ou comprimento de onda que desejamos ouvir ou assistir.

O rádio e a hidroscoopia se parecem muito.

Os sinais que recebemos em hidroscoopia — vamos esquecer de varas mágicas, sim? Na verdade, a não ser que a pessoa vá procurar água só no *fim do mundo*, não adianta ter galhos de aveleira, *galhos* de alumínio, nem todas as versões aprimoradas de galhos de aveleira. É muito melhor e mais conveniente usar um pêndulo que faz tudo o que uma vara mágica faz, e mais ainda. Por isso, vamos referir-nos apenas aos pêndulos porque, a não ser que você seja um fazendeiro nos confins mais agrestes da Austrália, onde talvez possa cortar um galho adequado a qualquer momento, não adianta entulhar-se com uma porção de madeira.

Um pêndulo é uma massa de material preso a alguma coisa que não restrinja os seus movimentos. Um pouco adiante falaremos sobre vários tipos de pêndulos, mas basicamente as radiações que podem ser indicadas por um pêndulo são radiações de certo modo semelhantes ao rádio. São radiações transmi-

tidas por todos os materiais quando se decompõem, ou que estejam prestes a mudar de estado. Sabemos, por exemplo, que, com o passar de muitíssimos anos, o rádio se decompõe no chumbo. Sabemos que a matéria é toda uma horda de moléculas saltando como pulgas num prato quente. Quantos menores as pulgas, mais pulam e, quanto maiores, mais lentas e pesadas se mostram. O mesmo se dá com a matéria. Tudo tem o seu número atômico, o número de átomos que indica se vai vibrar devagar ou depressa. Por isso, tudo que fazemos, ao trabalhar com o pêndulo, é sintonizar algumas vibrações atômicas e, se soubermos fazê-lo, poderemos dizer quais são e onde estão.

Quando tratamos do rádio, temos um sistema de antena que absorve ou atrai ou intercepta (digamo-lo como quisermos) as ondas que vêm através da atmosfera. Elas podem ser refletidas pela camada Heaviside ou Appleton. Mas, além disso, há um fio terra que faz contato com a onda de terra porque temos de ter dois — positivo e negativo — em tudo. Pode-se tomar a onda de terra como negativa e a onda de ar como positiva. Assim, no assunto dos pêndulos, o corpo humano capta a onda do ar, agindo como a antena, e os pés em contato com a terra agem como o fio terra. E para um bom trabalho do pêndulo, é necessário conservar as plantas dos pés no chão, a não ser que se utilize outro método de tocar a corrente de terra.

Naturalmente, usar um pêndulo é a coisa mais simples do mundo. É mais simples ainda se soubermos *por que* uma coisa funciona. É por isso que você está lendo esta longa coleção de palavras que à primeira vista podem parecer-lhe uma cantilena. Mas não é. Enquanto você não souber o que está fazendo, não pode saber quando o está fazendo!

Os pêndulos funcionam mesmo! Muitos japoneses sabem o sexo de bebês antes de nascerem utilizando um pêndulo. Usam um anel de ouro dependurado de um pedaço de cordão ou de linha, que é então seguro sobre a barriga da mulher grávida. A direção ou tipo do movimento indica o sexo da criança que está para nascer. E, por falar nisso, muitos chineses e japoneses usam o pêndulo para dizer o sexo dos ovos!

Um aparelho de rádio usa a corrente elétrica para produzir o som irradiado de alguma estação distante. Os aparelhos de televisão também usam a corrente para reproduzir um simulacro grosseiro da imagem transmitida de uma estação distante. Assim, da mesma maneira, se vamos usar a vara mágica ou

um pêndulo ou coisa que os valha, antes de tudo temos de ter uma fonte de corrente, e a melhor fonte de corrente que podemos usar é o corpo humano. Afinal de contas, o nosso cérebro é na verdade uma bateria, central telefônica e tudo mais, mas o importante é que é uma fonte de corrente suficiente para atender a todas as nossas necessidades e para permitir que percebamos impulsos, e assim fazemos um pêndulo girar, torcer-se, virar ou oscilar, ou todas as outras coisas esquisitas que o pêndulo faz. Assim, para fazer funcionar um pêndulo, é preciso ter um corpo humano, e um corpo humano vivo, ainda por cima. Não se pode prender um pêndulo a um gancho e esperar que funcione, pois não haveria fonte de corrente.

Nem adiantaria muito se pudéssemos amarrar o nosso pêndulo a um gancho e fornecer-lhe corrente, pois a corrente tem de ter pulsações que variem de acordo com o tipo de ação desejada; assim como no rádio temos notas agudas, graves, fortes e suaves, assim também com o pêndulo temos de ter a necessária variação de corrente para fazer *o necessário*.

Quem vai fazer variar a corrente? Bem, o Superego, é claro. Esse é o cidadão mais brilhante que temos junto de nós. Afinal, você que está lendo isto só tem um décimo de consciência, e por isso, conhecendo-se a si mesmo, imagine como seria brilhante se pudesse convocar os outros nove décimos de sua consciência. Você certamente pode solicitar a sua ajuda, a ajuda do subconsciente. O subconsciente é brilhante; sabe tudo que você já soube na vida, é capaz de fazer tudo que você já conseguiu fazer e lembra-se de todos os incidentes desde muito antes de você nascer. Assim, se você pudesse tocar o seu subconsciente, chegaria a saber de muita coisa, não é? E você pode tocar o seu subconsciente — com prática e confiança.

Q subconsciente também pode entrar em contato com outras mentes subconscientes. Não há, realmente, limites aos poderes da mente subconsciente e, quando a mente subconsciente está ligada a outras mentes subconscientes, então realmente aparecem os resultados.

Não podemos simplesmente discar um número de telefone e pedir para falar com o nosso subconsciente, porque temos de considerar essa Mente como um professor muito distraído, que está sempre classificando conhecimento, armazenando conhecimento e adquirindo conhecimento. Ele é tão ocupado que não se pode ocupar dos outros. Se você o importunar bastante, de

maneira muito educada, então pode ser que ele atenda a sua solicitação. Assim, antes de tudo você tem de se familiarizar com o seu subconsciente. Entenda, o fato é que o subconsciente é a parte maior de você, a parte muito maior de você, e sugiro que você dê um nome ao seu subconsciente. Chame-o do que quiser, contanto que o nome seja agradável a você. Supondo que seja masculino, então você poderia (só como ilustração) usar o nome *George*. Ou, se for o subconsciente de uma mulher, você poderia dizer *Georgina*. Mas o caso é que você tem de ter um nome definido que você relacione inseparavelmente com o seu subconsciente. De modo que, quando você quiser comunicar-se com o seu subconsciente, poderá dizer, por exemplo, “George, George, quero muito a sua ajuda, quero que você trabalhe comigo, quero que você”.. . (aí você especifica o que quer), “e lembre-se, George, de que na verdade somos todos um só e o que você fizer por mim, também estará fazendo por você”. Você deve repetir isso devagar e com cuidado, e pensando bem. Repita-o três vezes.

Da primeira vez, *George* provavelmente dará de ombros mentalmente e dirá “ah, aquele camarada nojento, importunando-me outra vez, e eu com tanta coisa para fazer”, e *ele* voltará ao trabalho. Da outra vez que você repetir a frase, *ele* prestará mais atenção porque está sendo importunado, mas ainda não agirá. Mas se você repetir a terceira vez, *George* ou *Peter* ou *Dave* ou *Bill* ou seja quem for vai entender que você vai continuar com aquilo até conseguir uma ação qualquer, de modo que ele dará um suspiro (metafórico) e ajudará.

Isto não é fantasia, é fato. Tenho a pretensão de saber um bocado a respeito disso porque, durante tantos anos que nem gosto de me lembrar, eu fiz exatamente assim. Aliás, o meu subconsciente não se chama *George*, tendo um nome que a ninguém revelo, da mesma forma que você não deve revelar a quem quer que seja o nome do seu subconsciente. Nunca se ria nem brinque a respeito disso, pois é tremendamente sério. Você só é um décimo de uma pessoa, o seu subconsciente são nove décimos, de modo que você tem de demonstrar respeito, tem de demonstrar afeto, tem de demonstrar que se pode confiar em você, pois se não conseguir a cooperação do seu subconsciente, então você não fará nenhuma das coisas sobre as quais eu escrevo. Mas, se você praticar aquilo que lê, então poderá fazer tudo isso. Portanto, seja amigo de seu subcons-

ciente. Dê-lhe um nome e não deixe de guardar esse¹ nome no maior segredo.

Você pode conversar com o seu subconsciente. É melhor se você falar devagar e repetir as coisas. Imagine que está telefonando para alguém do outro lado do globo e a ligação está ruim, você tem de repetir as coisas e tem dificuldade em se fazer entender, A pessoa do outro lado do fio telefônico não é nenhum idiota, por ter dificuldade em entender a sua mensagem, mas as comunicações em geral são más e, se você conseguir vencer as dificuldades das comunicações, verá que do outro lado está uma pessoa de conversa muito inteligente, alguém que é muito mais inteligente do que você!

Quando você usar o pêndulo (daqui a pouco falaremos sobre isso com maiores detalhes), tem de manter os seus pés rasos no chão, para que as plantas dos pés fiquem em contato com o solo, e então você tem de dizer uma coisa como “Subconsciente (ou o nome que você escolheu), quero saber o que devo fazer para conseguir tal e tal coisa. Se você vai fazer o pêndulo trabalhar, queira fazê-lo balançar para a frente e para trás para dizer *sim* e de um lado para outro para dizer *não*, assim como faz uma pessoa humana quando inclina a cabeça para *sim* e sacode a cabeça para *não*.” Você tem de transmitir uma mensagem como essa umas três vezes, tem de explicar muito lenta, clara e cuidadosamente o que quer que seu subconsciente faça e o que espera do teste, pois se você não souber o que quer, então como é que o subconsciente lhe poderá dar alguma informação? O subconsciente também não saberá. Se você não sabe o que quer, não saberá quando o tiver encontrado!

Nós começamos com hidrocopia, de modo que trataremos primeiro do que chamamos de pêndulo hidrocópico. Mas, antes, uma pequena divagação. Vamos chamar de *George* a todos os subconscientes, para essas instruções. Dá tanto trabalho escrever *subconsciente* tantas e tantas vezes, de modo que vamos usar o nome genérico *George* do mesmo modo que os pilotos chamam seu piloto automático de “Mike”. Então *George* passa a ser o nosso subconsciente coletivo.

O pêndulo hidrocópico devia ser uma bola, talvez de uns três centímetros de diâmetro. Se você conseguir um pêndulo de madeira muito bom, melhor, ou então você poderia obter um de *metal neutro*. Mas, no momento, qualquer pêndulo serve, contanto que tenha uns três centímetros de diâmetro. Você deve arranjar um pedaço de linha, dessa usada pelos sapateiros para

costurar solas. Acho que se chama linha de sapateiro. Vai precisar de mais ou menos um metro e meio. Prenda uma das extremidades ao seu pêndulo, que deve ter um furinho em cima, para isso, e prenda a outra extremidade a uma vara, ou mesmo um carrete de linha vazio. Aí enrole todo o fio no carrete, de modo que quando você segurar na palma da mão o carrete, o fio que segura o pêndulo fique entre o polegar e o indicador de sua mão direita — sua mão direita se você escrever com essa mão, mas, se você for canhoto, então naturalmente o pêndulo estará na mão esquerda. Mas primeiro temos de sensibilizar ou afinar o nosso pêndulo para o tipo determinado de material que desejamos localizar. Suponhamos que vamos procurar uma mina de ouro; antes de mais nada, você pega um pedacinho de fita gomada (uns dois centímetros bastam) e coloca um pinguinho de ouro — raspado de dentro de um anel, por exemplo — na fita gomada e o prende de leve no pêndulo. Aí o seu pêndulo tem um pedacinho de ouro que o tornará sensível a esse metal, e quando eu digo “raspado”, quero dizer que mesmo que você só obtenha um grão, será o suficiente.

Depois que você tiver isso, coloque um anel, ou outro pedacinho de ouro, entre os seus pés, você estando em pé. Fique em pé com esse ouro, com um anel ou um relógio de ouro, entre os pés, e lentamente derenrole o fio, de modo que o pêndulo desça a uns 45 centímetros de seus dedos. Nesse ponto, o pêndulo deve balançar num movimento circular, isto é, fazendo um círculo completo. Se ele não o fizer, abaixe um pouco o fio ou puxe-o um pouco para cima, pois você tem de verificar em que comprimento do fio o pêndulo balança mais livremente com o ouro. Depois que você o determinar — pode ser 45, 50 ou 55 centímetros, ou por aí — você faz um nó no fio e escreve o comprimento exato, como *Nó 1 — Ouro*, e então você tira a sua amostra de ouro com a fita gomada e apanha o seu anel ou relógio e coloca um artigo de prata no chão; pode ser uma moeda ou um pedaço de prata que você apanha com alguém, mas tem de ser prata. Você coloca também uma raspinha muito fina de prata em outro pedaço de fita gomada e põe isso no pêndulo. Aí procura encontrar de novo qual o comprimento certo para a prata. Depois você faz outra anotação, como *Nó 2 — Prata*. Você pode continuar a fazer isso para diferentes metais, e não apenas metais, mas diferentes substâncias. Se você organizar uma tabela bem feita, há de se divertir muito, explorando. Geralmente, você verá que,

em termos de comprimento, a primeira coisa a reagir (a cerca de 30 centímetros de comprimento) são objetos de pedra. Com um fio um pouco mais comprido, você terá cristal ou porcelana. Mais comprido ainda, terá substâncias vegetais. Continuando a encompridar o fio, conseguirá prata e chumbo, e um pouco mais adiante encontrará a água. Mais longe ainda, encontrará ouro. Depois ainda, cobre e latão. E o mais longe será o ferro, e o ferro estará justamente abaixo dos 75 centímetros. Assim, se você quiser saber o que se encontra embaixo de você, fique ali e antes de mais nada pense no metal que está procurando. Ajuste o comprimento de seu fio a distância adequada e ande devagar para a frente.

Mais uma vez — mais uma vez — frisamos e refrisamos que você *tem* de dizer a George precisamente o que está fazendo. Tem de dizer a ele que quer explorar ouro, ferro, prata ou seja o que for, e que, quando ele sentir as radiações, faça o favor de balançar o pêndulo. O tempo todo, você tem positivamente de ficar pensando muito intensamente naquilo que espera encontrar; senão, se você mudar a pensar em outra coisa, não o conseguirá.

A propósito disso, deixe-me dizer que, se você estiver procurando porcelana antiga, por exemplo, e aí de repente pensar em mulheres, então você terá a reação do ouro, pois o comprimento do fio para o ouro e as mulheres é precisamente o mesmo, e, se uma mulher pensar em homens, ela terá a reação que teria se houvesse um diamante sob o solo! Isso, naturalmente, significa que você estará completamente enganado. Não seria nada interessante se você tivesse reação do diamante, pegasse uma enxada e cavasse, e em vez do diamante, encontrasse um homem morto! Pode acontecer!

Agora, é aconselhável usar um pêndulo de fio mais curto para uso diário dentro de casa. Afinal, você não vai querer ter fios de um metro a um metro e meio se emaranhando todo dia. Assim, quando estiver dentro de casa, use um pêndulo separado. Os pêndulos que se obtêm comercialmente já vêm com um fio ou uma corrente presa a eles, e muitas vezes a corrente tem uns 15 centímetros de comprimento, embora o comprimento exato varie, mas isto não tem importância.

Suponhamos que você deseje encontrar alguma coisa — suponhamos que deseje descobrir se uma pessoa está morando em determinada zona; você aí se senta a uma mesa, mas tem

de ser uma mesa simples, sem gavetas nem nada por baixo, pois se houver alguma coisa embaixo, como por exemplo uma gaveta, então o pêndulo será influenciado pelo que estiver dentro da gaveta. Você pode ter uma faca de cozinha na gaveta. Pode ter um anel de ouro ou coisa parecida, e o pêndulo, por mais que você pense, será influenciado pelo objeto *errado*. Assim, sente-se a uma mesa simples e tenha ao alcance da mão algumas folhas de papel branco comum. Aí diga a seu pêndulo, ou melhor, diga a George, exatamente o que você quer. Você dirá, por exemplo, “escute, George, quero saber se Maria Bugsbottom mora neste bairro. Se ela mora, queira fazer o favor de bater a cabeça, dando ao pêndulo um movimento para a frente e para trás, e se ela não mora, faça o favor de sacudir o pêndulo de um lado para outro”.

Aí, do lado direito da mesa você tem uma folha de papel branco, e em cima, no local mais afastado de você, você escreve *Sim* e embaixo, perto de você, escreve *Sim*. Na extrema esquerda do papel, você escreve *Não* e na extrema direita do papel você escreve *Não* e no centro põe um X para marcar o ponto sobre o qual você vai segurar o pêndulo. O pêndulo, aliás, deve ser seguro a uns cinco centímetros acima desse X.

Sente-se confortavelmente. Não importa se você está calçado ou descalço, mas tem de estar com os pés no chão, e não nas traves da cadeira — fique com eles no chão de modo que as plantas dos pés estejam em contato com o chão. Depois pegue um mapa da zona desejada e abra-o à sua esquerda, para ficar com a folha de papel branco à direita e o mapa à sua esquerda. Primeiro passe o pêndulo por cima de toda a área do mapa, dizendo: “Olhe, George, essa é a área de meu mapa. Maria Bugsbottom está em algum lugar nessa área?” O pêndulo está sendo passado por cima do mapa a uns cinco centímetros da superfície. Depois de cobrir toda a área, diga: “George, agora vou começar essa investigação. Quer ajudar-me, George? Quer indicar Sim ou Não, conforme for o caso?” Aí (se você usar a mão direita) coloque o seu cotovelo direito confortavelmente sobre a mesa e suspenda o pêndulo pelo fio ou corrente, segure o fio ou corrente entre o polegar e o indicador. Veja que o pêndulo esteja a uns cinco centímetros acima do X. Observação especial: se você for canhoto, tudo terá de ser invertido, mas para quem não for canhoto — bem, siga as instruções acima.

Tudo pronto, certifique-se de não ser interrompido, e diga a George que você está pronto para começar a trabalhar. Olhe para o mapa e ponha o seu indicador esquerdo na rua do mapa em que você acha que Maria Bugsbottom pode estar morando. De vez em quando olhe para o pêndulo. Ele pode balançar à toa, sem parecer fazer sentido, mas se você chegar aonde acha que o seu amigo ou inimigo pode estar morando, aí o pêndulo positivamente indicará sim ou não.

É uma boa idéia usar primeiro um mapa em escala pequena, para poder cobrir uma área maior, mas, quando você tiver qualquer indício, como se George dissesse: “Puxa! Mas que área grande! Preciso ter uma aproximação maior do que isso”; então, pegue um mapa em escala grande, para que, com a prática, possa localizar qualquer casa individual.

Depois de cada teste, você precisa substituir sua folha de papel branco por outra — ora, você poderá usá-la para escrever; escreva cartas ou qualquer coisa nela, mas use apenas uma folha de papel para cada leitura, pois você impregnou com as impressões do que quer que você estava tentando descobrir, de modo que, se tentar repetir uma leitura, então a segunda leitura será influenciada pela primeira e... bom, mais nada.

Mas não, talvez não seja só isso, afinal, pois você tem de formular as suas perguntas direito. George, sabe, é um indivíduo sério, que não entende uma piada e é extrema e excepcionalmente dado a tomar as coisas ao pé da letra. Por isso não adianta dizer “George, você sabe dizer se Maria Bugsbottom mora ali?”. Se você fizer uma pergunta assim, a resposta será “sim”, pois George sabe dizer se Maria Bugsbottom mora ali, ele *sabei*. E é isso que você está perguntando. Está perguntando se o pêndulo sabe dizer. Não está perguntando se ela está morando lá no momento. Portanto, qualquer pergunta que você fizer deve ser formulada de maneira que George não fique confuso.

A maior dificuldade em tudo isso é fazer as perguntas de modo que elas não se prestem a qualquer mal-entendido. Em qualquer pergunta, se você disser “pode-me dizer...?” então a resposta será “sim” ou “não” à pergunta “sabe-me dizer?”. A outra parte da pergunta, “se Maria Bugsbottom mora ali?” ficará sem resposta, porque a primeira pergunta terá absorvido o interesse de George. Portanto, até você ter mais prática, que tal escrever primeiro as suas perguntas e olhar para as palavras para ver se de alguma maneira a pergunta pode ser considerada

ambígua, ou ter um duplo sentido, ou não estar clara? Vou repetir em maiúsculas, bem claramente: VOCÊ PRECISA TER CERTEZA DAQUILO QUE PERGUNTA ANTES DE FAZER A PERGUNTA.

Naturalmente, quando se tem prática, é muito fácil localizar as pessoas desaparecidas. É preciso ter um mapa em escala pequena e um em escala grande da área em que a pessoa deve ter desaparecido. Depois, você deve poder fazer uma idéia mental da pessoa desaparecida. É um menino grande ou uma menininha? A pessoa é ruiva, loura ou tem cabelos pretos? O que você sabe a respeito da pessoa? Você tem de se informar o mais possível, porque, mais uma vez, a não ser que você saiba o que está procurando, não saberá quando o tiver encontrado.

Pode acontecer que às vezes, como por exemplo quando você está de cama, você não possa pôr os pés bem no chão. Esse é o meu problema, de modo que tenho uma vara de metal, de uns 80 centímetros de comprimento, que eu seguro em minha mão esquerda, tal como a antena de rádio portátil, e na verdade é justamente isso — uma antena de rádio portátil. Eu capto a onda com aquilo exatamente da mesma maneira que uma pessoa com maior facilidade de movimentos do que eu captaria com dois pés no chão.

Quando estou captando impressões de um mapa ou uma carta, uso um pequenino lápis de metal e toco no mapa ou na carta e aí o velho pêndulo começa a tremer e me responde.

Nunca, nunca, nunca deixe outra pessoa tocar em seu pêndulo. Ele tem de estar saturado com as suas impressões. Você deve ter vários pêndulos, um de madeira, um de metal neutro, parecido com metal de tipos e — bom, você pode querer ter um de vidro, ou de plástico, pode até ter um que seja oco, e você poder pôr a amostra dentro dele, em vez de prendê-la com fita gomada. Mas você há de ver que um certo pêndulo é mais atuante do que todos os outros para os assuntos pessoais, e você poderá torná-lo ainda mais atuante se o levar consigo, saturando-o com as suas impressões. Se você fizer isso e nunca deixar outra pessoa usá-lo ou mesmo tocá-lo, aí você verá que tem uma coisa tão poderosa e útil quanto o radar para os aviões numa noite de nevoeiro.

O pêndulo não pode errar. George não pode errar. Você pode. Você pode errar na forma que assumem as suas perguntas e as suas interpretações das respostas. Ora, com os computadores, a pessoa tem de usar uma linguagem especial,

senão o computador não pode fazer sentido do que a pessoa quer descobrir. Por isso, faça de conta que o seu pêndulo é um computador e formule as suas perguntas de uma forma tão clara e direta que não possa ocorrer qualquer possibilidade de erro, pois o pêndulo só pode indicar “sim” ou “não”, Pode indicar incerteza fazendo um oito. Também pode indicar de que sexo é uma pessoa, pois em geral, para um homem, ele gira num círculo para a direita, isto é, no sentido dos ponteiros do relógio, mas para uma mulher ele gira num círculo para a esquerda, em sentido contrário ao dos ponteiros do relógio. Mas se o homem for muito feminino, então o pobre do pêndulo pode andar ao contrário, mas não é bem ao contrário, está apenas indicando que o homem não é.. . é mais feminino, e apenas tem as características necessárias, como se diria nos melhores círculos, que lhe permitem passar fisiologicamente por um espécime masculino. Todos os seus pensamentos podem ser femininos, de modo que nesse sentido o pêndulo é muito melhor juiz do que os melhores médicos!

Ah, sim, não posso deixar de lhe dizer o seguinte: certifique-se de que suas mãos estejam limpas antes de usar o pêndulo, pois se você esteve, por exemplo, trabalhando no jardim, ou apagando um cigarro num vaso de plantas, então terá uma leitura para o conteúdo do solo nos poros de seus dedos. Portanto, certifique-se de que seus dedos e mãos estejam limpos. Veja que a sua mesa esteja limpa. Não adianta, por exemplo, se você vir que um gato grande e gordo está sentado em cima da folha de papel branco — pois se assim for, você terá de usar outra folha de papel branco!

Com um pêndulo e com prática, você pode aprender a descobrir minerais por meio de um mapa. Você vai procurar ouro, se quiser, com uma particuiazinha de ouro presa ao pêndulo. Depois deixa o seu dedo seguir pelo mapa para o local onde você acha que pode haver ouro, e você pensa intensamente em ouro, excluindo todo o resto. Ou, se estiver procurando prata, pense intensamente em prata, excluindo todo o resto, Tudo isso é muito, muito simples; enquanto você não se acostumar com essas coisas, terá certeza de serem completamente impossíveis — de que não são para você, Mas não. B só a prática que permite que um piloto decole em seu avião e o traga de volta intacto. É só a prática e a confiança em si que lhe permitirão ir até à sua mesa, apanhar um mapa e um pêndulo e dizer “ali — ali existe água, abundância de

água” e depois ir até o lugar e, após cavar, descobrir que existe água a certa profundidade.

Você pode ter uma boa idéia da profundidade de alguma coisa pela força da oscilação do pêndulo. Este não é um livro sobre pêndulos nem hidroscoopia, mas a prática logo lhe ensinará a encurtar ou encompridar a corrente ou o cordão, e a avaliar a profundidade. Mas lembre-se, mais uma vez, de que você deve concentrar-se muito positiva e fortemente sobre aquilo que quiser descobrir ou saber.

Você também pode descobrir muita coisa sobre uma pessoa utilizando um pêndulo sobre a assinatura de uma carta. É um exercício muito útil. Mas, lembre-se, você tem de estar certo do que quer saber, tem de ter certeza do que está perguntando, pois, se estiver fazendo uma pergunta em duas partes, então George certamente vai responder à parte errada! E não deixe de dizer ao seu subconsciente — George ou seja qual for o nome — precisamente o que é que você está tentando descobrir e o que espera que o pêndulo faça para fornecer a informação que você deseja.

Desde que escreví essas linhas, eu experimentei isso praticamente, pois me parecia bastante claro, mas também eu sei tudo sobre isso, e então arranjei uma pessoa que nada sabe a respeito para ler e agora vou dar umas informações suplementares.

Bom, como é que se segura esse pêndulo?

A pessoa apóia o cotovelo sobre a mesa, conforme já foi dito, e deve ser o cotovelo direito para uma pessoa dextra, e o cotovelo esquerdo para uma pessoa canhota. Depois, dobre o braço de modo que sua mão fique a uma altura da mesa tal que o seu pêndulo, suspenso da ponta de sua corrente, fique a uns cinco centímetros da superfície da mesa. Você pega a corrente, cordão ou fio, seja o que for, entre o polegar e o indicador e, se quiser encurtar a corrente uns dois centímetros, para obter melhor oscilação, pode fazê-lo. Sempre ajuste o comprimento da corrente ou fio entre seu polegar e indicador para obter a melhor oscilação ou indicação. Agora, isso deve ficar bem claro, coloque o seu antebraço num ângulo em que você fique confortável. Você deve sentir-se confortável, do contrário não poderá fazer o trabalho com o pêndulo. Igualmente, se você acabou de fazer uma refeição pesada, não poderá trabalhar com o pêndulo, ou se tiver alguma coisa que o preocupe muito,

sem relação com o pêndulo, isso distrairá a sua atenção. Você deve estar num estado de espírito bastante tranquilo e estar disposto a trabalhar com o subconsciente.

Ora, dizem-me ainda:

Você me deixou todo conjuro; diz que o Superego vai variar a corrente — pois bem, qual a ligação entre o Superego e o subconsciente?

Vamos tentar esclarecer isso de uma vez; temos você, que é um pouquinho consciente. Você é a base dessa escada. Acima de você, você tem seu subconsciente e seu subconsciente é como o operador que controla a mesa telefônica, etc., que é o seu cérebro. O subconsciente está em contato com você por meio de seu cérebro — por meio de seu cérebro conjunto, talvez seja uma expressão melhor — e o subconsciente também está em contato com o seu Superego. Por isso se parece com você, o pobre operário comum, que não consegue falar com o gerente, e tem de passar pelo contramestre primeiro. Assim, você fica rondando, procura fazer-se notar para que o contramestre ou o seu superior note a sua presença e, querendo saber por que (você sabe o quê!) você não está trabalhando, queira saibei de que se trata. Aí você tem de explicar o seu ponto de vista ao contramestre e persuadi-lo a conversar com o gerente sobre seu caso, ou com quem quer que seja superior a ele. Isso é semelhante às circunstâncias entre o Superego e você. Antes de você poder chegar a seu Superego você tem de conseguir o auxílio de seu subconsciente e, uma vez consiga convencer o seu subconsciente de que é realmente necessário para seu bem comum, então o subconsciente entrará em contato com o Superego e o pêndulo variará de acordo com as indicações que você está *percebendo*.

Aliás, se conseguir alcançar o Superego por meio do subconsciente, poderá curar uma porção de doenças que você possa ter. O Superego é como o presidente de uma companhia e nem sempre sabe os probleminhas dos departamentos inferiores. Ele acaba sabendo, quando as coisas ficam muito, muito graves, mas muitas vezes ele ignora totalmente as queixas dos operários mais inferiores. Mas se você conseguir que o seu contramestre converse sobre o assunto com o Superego, ou presidente, ou gerente-geral, então uma queixa pode ser atendida antes de se tomar grave. Por isso, se você tiver uma dor persistente aqui, ali ou em algum outro lugar, então insista com George

ou Georgina, explique claramente qual o problema, qual a dor, como ela é, por que você tem de sentir essa dor, e que o subconsciente faça o favor de curá-lo. O Superego é inabordável. O subconsciente é a ligação entre você, que é um décimo consciente, e o Superego, que é todo-consciente.

É claro, o pêndulo poderá ajudá-lo a saber quem será o vencedor numa corrida, se você formular a sua pergunta de maneira razoável, mas veja isto: “Você pode me dizer quem vai ganhar a corrida das 14h30min?” Ora, que espécie de pergunta é essa? Olhe seriamente para ela e você verá que está pedindo a seu subconsciente para lhe dizer isso; você, o meu subconsciente, pode me dizer quem vai vencer a corrida? A resposta, naturalmente, será “sim” e, se você receber “sim” como resposta a sua pergunta, vai pensar que está sendo ludibriado, não é? Não pode fazer as coisas assim.

Volte atrás um pouco e leia o trecho em que eu ensino a localizar as coisas num mapa. Ora, nesse caso, se você quer saber quem vai vencer determinada corrida, terá de ter uma relação de cavalos, os cavalos que vão correr naquela determinada corrida, e você terá de pensar positivamente, “este cavalo vai vencer?” E você terá de apontar o lápis em sua mão esquerda lentamente para cada nome por sua vez, pousando-o ali uns 30 segundos, perguntando se o cavalo vai ganhar a corrida. Se a resposta for “não”, então passe ao cavalo seguinte, até chegar àquele que vai vencer. Você conseguirá fazê-lo, com prática. Não é muito moral, sabe, pois apostas e jogo são coisas más, mas, de qualquer forma, a responsabilidade é sua. Só estou querendo deixar absolutamente claro que você não terá resultado satisfatório a não ser que seja bem preciso ao formular a pergunta, de maneira que haja apenas uma pergunta, e uma pergunta que possa ser respondida por um simples “sim” ou “não”. Sugiro que você tome a ler aquele trecho, porque senão vai ficar muito zangado quando tiver uma resposta confusa, que será, na verdade, proveniente de uma pergunta confusa.

A última pergunta aqui é:

Sim, mas onde vou comprar esses pêndulos?

Na verdade, eles são bem difíceis de se obter, porque muitos comerciantes, que querem ficar ricos depressa, vendem umas porcarias completas, coisinhas como chaveiros enfeitados que eles juram que sejam pêndulos com a sua pedra do mês presa a eles, ou coisa parecida. Mas isso é completamente inútil. Vou convencer ao Sr. Sowter a ter em estoque de pêndulos realmente

de confiança, de um tipo especial. Haverá os de madeira e os de metal neutro, e estes também terão uma cavidade ou abertura onde se possa colocar uma amostra (como um fio de cabelo apanhado de uma escova de cabelo de uma pessoa desaparecida, ou coisa semelhante). Assim, a pessoa desaparecida não estará mais desaparecida. O Sr. Sowter, de Touchstones, na Inglaterra, também lhe poderá fornecer livros. Depois, darei o endereço, no fim deste capítulo. Mas torno a repetir que é completamente inútil comprar um negocinho de quinquilharia, que não passa de um artifício para tirar dinheiro do seu bolso relutante. Se^você quiser uma coisa autêntica, tem de pagar por cia, e um pêndulo que vale a pena pode custar entre 15 e 30 dólares, ou seja, em dinheiro inglês, de 5 a 10 libras. Mas você de bom grado daria isso por um rádio transistor, e um bom pêndulo é muito mais útil para você do que esse radiozinho. Com um pêndulo, você poderá encontrar uma fortuna — se ler este capítulo atentamente e se realmente o colocar em prática com seriedade.

A prática é a chave de tudo. Você não pode ser um grande pianista, se não praticar. Quanto mais importante o pianista, mais pratica horas a fio — aquelas escalas tolas que fazem *bone, bone, bonc*. O mesmo se dá com o pêndulo; você tem de praticar e praticar e praticar para poder fazê-lo por instinto, e pode praticar com cartas das pessoas, com metais e tudo o mais, e é assim que você terá êxito — praticando.

Ah, sim! Há mais uma coisinha que devo mencionar. Vou mencioná-la, mas, naturalmente, espero que sejam usadas as regras normais de educação; é muito, muito importante que, depois de usar o seu pêndulo, você o pegue com as duas mãos e o encoste em sua testa, e solenemente agradeça a George ou Georgina por tê-lo ajudado nessa leitura. “Obrigado”, três vezes, não se esqueça disso, pois se você não agradecer a *ele* ou *ela* segundo as regras comuns de cortesia, pode não ter resposta nas duas ou três vezes seguintes, e — lembre-se — seus agradecimentos devem ser repetidos três vezes, como o foram os seus pedidos.

Informam-me que há uma ligeira ambiguidade em uma parte deste capítulo (provavelmente, tudo é ambíguo, mas não vamos entrar nesse problema). Dizem-me que não deixo bem claro como é que um pobre coitado se deve postar, quando ele (ou ela) está sintonizando o pêndulo com um grão de ouro ou um pedacinho de prata entre os pés. O.K., lã vai de novo:

pegue o seu ouro, prata, estanho, latão ou cobre e coloque-o no chão entre os seus pés. Depois ponha-se em pé ereto com a espinha reta e o braço esquerdo caído ao lado do corpo. Depois, levante a mão direita, de modo que o seu antebraço fique paralelo ao solo e veja se esse é um método conveniente de fazer a coisa, pois se apoiar seu cotovelo direito contra o lado do corpo, não terá titubeios nem rabeios no seu pêndulo, mas apenas o que George ditar. Mas o principal, naturalmente, é conservar o braço a qualquer distância que seja cômoda para você e para o pêndulo. E é só!

Poderá obter pêndulos, livros e outros materiais em:

Sr. E.Z. Sowter,
Touchstones Ltd.
33 Ashby Road,
Loughborough,
LEICESTERSHIRE, Inglaterra

2

O vento estava frio. As partículas de gelo se formavam e endureciam na cantaria saliente. Uma nuvem de pó em volta dos pilares de concreto e o vento gemia pelos caminhos cobertos, entoando um lamento ao verão que se foi.

No canal chamado Bikersdike, os barulhentos quebradores de gelo resfolegavam e roncavam, avançando pelo gelo espesso. Investiam e tomavam a investir: recuando cautelosamente pelo canal recém-desobstruído, parando, e *correndo* para a frente com grandes nuvens de vapores diesel se esparramando dos exaustores até o gelo relutante ceder, protestando com suspiros e um *estalo* final prolongado, seguido do desmoronamento ruidoso das bordas fraturadas.

Vultos encapados debruçavam-se fatigados sobre as pás de neve, tentando fazer passar o tempo e ao mesmo tempo trabalhando o suficiente para gerar algum calor. O vento recrudesceu e gemeu mais forte. Em unísono, os homens encapotados puseram as pás nos ombros e se arrastaram pela neve. Um vulto verde momentaneamente tapou a janela e depois voou na ventania cada vez mais forte; um saco de lixo, levantado pela tempestade e semeado pelos jardins.

A escuridão acentuou-se. A neve rodopiava mais espessa em volta dos arranha-céus, que mal se distinguiam, apagando as luzes e transformando a paisagem numa cena misteriosa de sombras móveis e pontos vagos e mal definidos de luzes bruxuleantes. O tráfego dos automóveis, que derrapavam de um lado

para outro, terminou por paralisar-se completamente, quando a visibilidade se tornou pior ainda.

A neve caía cada vez mais. Pela noite afóra, os flocos indiferentes pululavam, contorcendo-se e remoinhando, como se imbuídos de uma meia-vida louca. De manhã, quando os primeiros e tênues raios de luz lutaram fracamente para penetrar na obscuridade, o *mundo* estava parado. Nenhum ser humano, nenhum veículo, nenhum pássaro interrompiam a mortalha regular da neve recém-caída.

Cracl Um som forte, como de um tiro de pistola, ressoou. O velho na cama teve um sobressalto e virou-se, penosamente. Uma grande rachadura crescia na vidraça, que ia do chão ao teto. O quarto estava quente e lá fora o frio era muito mais que o normal, e o vidro não agüentara a diferença de temperatura. Através da rachadura que aumentava, o ar gelado penetrava no quarto. A temperatura era cada vez mais baixa. A rachadura se espalhava cada vez mais, ampliando-se. Em breve, o quarto ficou inabitável.

O velho permaneceu sentado, tremendo em sua cadeira de rodas no corredorzinho do lado de fora de sua porta. Em todo o bloco de apartamentos, as vidraças estalavam no frio inusitado.

O dia parecia não ter fim; o frio intenso inundava todo o apartamento. Na vidraça rachada, por onde entrava o ar gelado, formavam-se montículos de gelo, que caíam como uma poeira branca no chão.

No dia seguinte, depois de muita persuasão, chegaram os homens para substituir a vidraça quebrada. Trabalho de meio dia, e foi colocada a nova vidraça. Os homens foram a outros apartamentos, onde as vidraças se tinham rachado. Aos poucos, o calor voltou aos aposentos. Aos poucos, os gatos foram saindo das pilhas de cobertas, aquecidas por água quente.

Durante a noite, a temperatura caiu mais e mais. De repente, ainda de madrugada, o som, como de um tiro, acordou o velho. Horrorizado, ele ficou olhando, à luz pálida da Lua, para a rachadura que novamente se espalhava pela vidraça de quase dois metros. Uma vez mais, o frio, com o gelo, invadiu o quarto. Mais tarde, os operários descobriram que a esquadria estava defeituosa, e nada houve a fazer senão mudar-se para outro apartamento.

Os dias se passaram, e as semanas, e por fim o velho pôde continuar com seu trabalho. Respondendo a perguntas,

perguntas e *mais* perguntas. Conforme escreveu uma senhora: “É tão bom poder escrever-lhe e ter respostas a minhas perguntas. O senhor nada cobra. Mas mais nada pergunto ao Sr. XYZ, pois *ele* cobra 50 dólares por pergunta.” Que felizardo o Sr. XYZ, pensou o velho, a *mim* não mandam nem o selo da resposta!

Mas, se algumas perguntas forem respondidas neste livro, então as pessoas não terão de me escrever sobre os mesmos assuntos, certo? Portanto, eis as perguntas e as respostas.

Eis uma pergunta de uma mulher que me escreveu; “Que tipo de aventura o senhor vai ter quando tiver terminado nesta terra? Vai voltar a este mundo, ou vai passar a um outro planeta? Estou muito interessada em saber de suas futuras aventuras.”

Bom, madame, minha vida não é uma “aventura” — é trabalho duro. Eu trabalho duro, lutando contra os preconceitos e o ódio de gente como os jornalistas. A senhora verá, se estudar, que, sem exceção, todos os que vieram a esta Terra para fazer alguma coisa especial foram perseguidos impiedosamente por aqueles que não têm compreensão. Isso me lembra que os cães ladram aos pés de qualquer estranho. Lembra-me que as pulgas podem morder qualquer pessoa, seja qual for seu *status* ou sua estatura.

Não vivo uma “aventura”. Ao contrário, tenho vivido com bastante dificuldade, tentando realizar uma tarefa específica e encontrando um sem-número de empecilhos bastante dispensáveis. Portanto, faça o favor de não me escrever sobre “aventuras”. Nada disso foi aventura para mim. Tem sido sofrimento desnecessário, assim como um professor bem intencionado pode sofrer às mãos de crianças desatentas e dementes.

Quando eu deixar esta Terra, nunca, em tempo algum, voltarei a ela, nem a seu sistema. Sem dúvida, depois que eu tiver passado desta vida, alguma pessoa estúpida há de iludir os crédulos com anúncios nos jornais ocultistas, alegando: “Em contato direto com Lobsang Rampa — respostas às suas perguntas dos Campos Celestes.” Pois bem, não acreditem em nada disso. Não estarei absolutamente nesta região, e lhes digo positivamente que as pessoas que põem anúncios, dizendo que obtêm informações e respostas diretas daqueles que passaram para a outra vida, não estão realmente prestando serviço nem a si nem aos falecidos. As pessoas que faleceram têm outra

vida a viver, outro trabalho a fazer. Se você, por exemplo, emigrasse para um país distante, onde fossem más as comunicações com a região que você deixou, poderia parar de fazer seu novo trabalho só porque algum pateta no outro lugar dissesse “ah, você me precisa ajudar, eu anunciei dizendo que estava em contato direto com você — você tem de me ajudar.” Não, claro que não! Você tem seu trabalho a fazer e não se interessaria por esses anunciadores que só querem enriquecer-se depressa às custas da credulidade de pessoas ingênuas.

Portanto, depois que eu me for desta Terra, terei ido para uma região completamente diversa. Sei para onde vou, sei o que vou fazer. Assim, depois que eu partir, não se iludam com anúncios burros de gente burra na imprensa.

Eis uma pergunta:

Você diz que não pode haver positivo sem negativo, bem sem mal. Essa afirmação se aplica em alguma ou todas as dimensões, em parte do tempo ou em todo o tempo? Deus não acabará por iluminar as trevas em toda a parte pelo simples poder de Seu amor? Ou haverá sempre, em algum lugar por fora, trevas sem fim ou um vazio para Deus iluminar e preencher com Seu abraço positivo?

A crença cristã conforme é ensinada hoje em dia não é em absoluto o que Cristo em pessoa ensinou. Vários padres, no correr dos séculos, mexeram nos ensinamentos e nas traduções para conseguir um pouco mais de poder para si.

Claro que não pode haver positivo sem negativo. É absolutamente claro. Toda a vida se resume em impulsos, vibrações, correntes elétricas, se quiser, e tente fazer o seu rádio funcionar com apenas um dos fios ligados à tomada. Não conseguirá. Ou, se preferir um sistema não elétrico, tente fazer funcionar uma torneira quando nada mais houver entrando no sistema — em breve verá que não há mais água. Um positivo e um negativo são inteiramente essenciais, caso contrário não pode haver um *fluxo* e é tão idiota pensar que Deus é algum velhote que anda por aí com uma lanterna de pilha iluminando os lugares escuros! Não é Deus quem os faz, são as pessoas que moram nos lugares, claros ou escuros. Na Terra, por exemplo, a maior parte das pessoas está muito ocupada, passando as outras para trás e prejudicando-as como podem. Esta é a era da *difamação*. A gente vê ignorantes vulgares difamando pessoas como Churchill e outros grandes homens porque os imbecis se

sentem bem fazendo isso; isso os faz pensar: “Ah, ele é humano como nós, também pode cair.”

Os cristãos sempre imaginam que não existe outra forma de religião a não ser o cristianismo. Sempre imaginam que o Deus cristão anda por aí com uma lanterna em cada mão, e talvez algumas velas na boca, procurando iluminar os caminhos dos pagãos que estavam muito bem antes de ser iniciado o cristianismo. Além disso, o cristianismo não é mais do que uma mixórdia de hinduísmo, budismo, judaísmo, etc., tudo preparado para servir a uma outra época. Por isso, é favor não escreverem tanta besteira sobre Deus a iluminar e abraçar a todos em toda parte. Isso não funciona assim.

As perguntas continuam:

Assim que o Príncipe Satanás for banido pelo forte resplendor do Seu amor, ele então apenas se retirará, levando consigo as suas trevas para o espaço e tempo infinitos? Em algum momento, ele não achará vantajoso unir-se ao Criador em perfeito equilíbrio e harmonia, ou está condenado eternamente a desafiar a vontade de Deus?

É preciso ter um positivo e um negativo, não se pode ter apenas um, e não há possibilidade de “Satanás” a correr a toda brida para fugir de algum Deus imaginário que o persegue. Se tal coisa acontecesse, haveria um êxtase — um estado em que tudo ficaria estacionário, em que nada se moveria. Torno a repetir que é preciso ter um positivo e um negativo, e ambos são igualmente importantes. Se não houver negativo, não haverá positivo, e pronto.

Essa pessoa diz:

Houve uma guerra nos céus, existindo pois a possibilidade de já ter existido uma vez uma unidade completa de tudo, sem qualquer conflito entre o positivo e o negativo. Se isso se deu, este conflito agora é irrevogável?

Mas, cara senhora, não se trata de um conflito no sentido de um sujeito bom aos murros contra um sujeito mau. Nada disso. Tome uma bateria e uma lâmpada. Tem a sua bateria — uma lanterna elétrica, se quiser — e quando a ligar (leia isso com atenção) estará apenas completando o circuito, para que o positivo e o negativo se liguem à lâmpada e você consiga a luz. De modo que, se formos acabar com o velho Satanás, ou o negativo, como quiser chamá-lo, aí a luz pára, tudo pára e, dentro em pouco, nada tendo a fazer, a pobre bateria se

estraga e acaba. Tente você mesma e veja. Vá a uma loja qualquer, compre uma bateria e dois pedaços de arame, de uns 60 centímetros cada, e compre também uma lâmpada. Ligue a bateria e a lâmpada e terá luz. Desligue o negativo e não terá luz, e é só. Essa *luta infundável* é a própria luta pela vida. Um bebê luta para sair da mãe, luta contra a doença, luta com as câibras quando está crescendo, luta quando os dentes nascem — e faz um barulho danado nesse processo de luta! — e em toda a vida há uma luta. Lutar para ter um companheiro, lutar para divorciar-se desse companheiro, lutar para ter um emprego, lutar para desbancar o chefe superior, para conseguir uma promoção rápida. Ah, não, é preciso haver luta! Não importa o que você faça, terá de lutar, tem até de lutar para sair da cama de manhã!

Quando a luta termina, a vida termina. Quando a vida termina nessa Terra, aí você passa para outra existência e recomeça a lutar. Poderá lutar de maneira mais refinada em outro mundo, mas continua a ser uma luta, que isso fique bem claro.

Nossa consulente continua dizendo que “inicialmente, fico triste ao pensar numa luta infundável entre uma felicidade sublime e um desespero vazio, sem qualquer possibilidade de ela se resolver num final feliz, mesmo que seja a trilhões de eras no futuro. Mas, como no caso de explorar e analisar outras verdades que a princípio me alarmaram, estou firmemente convencida de que a verdade nos liberará no final, seja qual for”.

Pois bem, aí está, estou dizendo-lhe a verdade. Eu lhe digo a verdade em todos os meus livros. Portanto, se acredita em mim, já terá sabido da verdade antes disso. A verdade é esta: estamos todos lutando para cima, para uma meta final. Essa meta final não é ficar sentado como um bando de *hippies*, com algum Deus gigantesco enfeitado com cores e dourados desfilando diante da gente. Deus é coisa bem diferente. Deus é completamente diferente da concepção normal do cristão. Do modo como os cristãos visualizam Deus, ele é apenas uma paródia de como os antigos pagãos visualizavam os deuses no Olimpo. Eles pensavam em Júpiter e uma porção de outros deuses e deusas, todos se divertindo em cima de alguma montanha mítica. Eles deviam sentir muito frio lá em cima, é o que eu posso dizer, pois as ilustrações imaginárias deles os mostram muito pouco vestidos e, se eles brincavam assim tão parcamente vestidos no topo da montanha, então teriam de continuar a

brincar para se aquecerem. Mas, de qualquer forma, o caso é o seguinte:

Primeiro, livremo-nos dos preconceitos, e examinemos o verdadeiro problema; vejamos o comunismo, Um grupinho de pessoas no princípio pensou: “Ah! por que é que aquele grupo de gente há de ter tudo? Nós é que somos os trabalhadores, nós também queremos tudo.” E assim, eles se juntaram e formularam uma espécie de política. O comunista achava que todos os homens e mulheres deviam ser iguais e todos deviam ter a mesma quantidade de dinheiro, esquecendo-se de que, se todo mundo tivesse a mesma quantia de dinheiro hoje, teria quantias diferentes amanhã. Mas os comunistas não gostavam da maneira como os capitalistas estavam agindo, de modo que formularam uma espécie de política — se é que pode ser chamada de política — em que se invertiam todos os valores dos capitalistas, e depois eles começaram a atrair adeptos, mesmo que isso os deixasse desempregados, que eles morressem de fome e que levasse a miséria ao mundo,

Nos primeiros tempos dos romanos e dos gregos e de alguns outros povos, havia uma religião muito boa, um bom código de vida e as pessoas eram muito mais felizes que agora. Por exemplo, havia muito mais liberdade, uma liberdade mais limpa, no sexo. Havia muito mais companheirismo, camaradagem entre homens e mulheres, mas depois um grupinho de pessoas ficou com inveja da maneira como os gregos, romanos e outras raças viviam; eles eram felizes demais para serem naturais, acharam os outros. Portanto, pegaram os Ensinamentos de um grande homem e os alteraram, torceram-nos, viraram-nos num círculo e inverteram tudo o que os gregos, romanos, etc. estavam fazendo. O sexo tomou-se algo desprezível e imundo e só era concedido aos homens como incentivo para fazerem coisas que os padres queriam que eles fizessem. As mulheres, em vez de serem iguais aos homens, como eram na época dos gregos e romanos, foram transformadas em escravas, servas, bagagens para os homens utilizarem como quisessem. Mas muitas vezes surgem situações assim, quando esses grupinhos, e por sinal possivelmente de homossexuais, têm uma aversão por alguma coisa, ou alguém. E assim, através dos anos, os cristãos têm trabalhado muito para conseguir adeptos, querendo converter as pessoas mesmo que isso venha a matá-las. Se você ainda duvida, pense nas Cruzadas: bandos de salteadores armados que invadiam as terras de tantos povos de índole pacífica.

Se quiserem mais material para meditação, pensem na Inquisição espanhola, onde “se torturava o homem para lhe salvar a alma”. Quanta besteira! Se eu vejo um dos lados de uma moeda, é aquele lado que vejo, mas se alguém olhar para o anverso da moeda verá um quadro totalmente diferente. É a mesma moeda, mas temos diferentes pontos de vista.

É toda essa conversa de explorar as outras *verdades!* A verdade é que os seres humanos estão na Terra para crescer, desenvolver-se para se tornarem criaturas mais espirituais e, se não o fizerem, eles serão retirados e outras criaturas serão colocadas em seus lugares. É como as plantas em um jardim; o jardineiro planta uma porção de plantas e as observa com cuidado. Se elas não se desenvolvem, como devem, então elas são arrancadas e novas plantas de outro tipo são plantadas. Assim são os seres humanos, assim são os cavalos, assim são os porcos; plantas diferentes, crescimentos diferentes, coisas diferentes que estão sendo observadas em nosso planeta.

Nossa indagadora continua:

Se uma paz perfeita e final acontecesse no mundo dos seres racionais, os mundos opostos então estariam fadados e um destino oposto, ao chamado inferno eterno, ou seria a sua sorte, mais benigna, também uma espécie de paz que se manifeste de maneira posta, seja qual for? Será que todos os deuses, seres inteligentes e racionais, algum dia não aprenderão todas as suas lições necessárias, uma vez por todas, e voltarão para uma consciência total do Criador, e uma unidade com Ele? Ou estaria sempre em Seu plano de amor infinito a eterna criação de novos seres, que podem escolher entregar-se a Ele, depois de primeiro passarem por uma grande luta entre as forças positivas (boas) e negativas (más)? Depois de terem passado por todas as suas provas, e de terem voltado a Deus, serão seguidos de outros seres novos, criados numa criação sem fim?

Se a paz chegasse a este mundo, isto é, a paz perfeita, isso significaria que as pessoas daqui não seriam obrigadas a voltar aqui, pois teriam aprendido uma lição, a lição de manter a paz, e aí passariam para algum estado superior de evolução, onde poderiam tornar a ir à escola e aprender outra coisa. Mas tudo isso de “voltar a Deus” é tolice. A gente não volta a Deus, no fim dessa vida na Terra, como uma criancinha volta a seu papai ou mamãe. Não é nada assim. Há muitas, muitas coisas a aprender. Há bilhões, trilhões de anos a serem vividos em dife-

rentes estúgios, e devo dizer-lhe, a esse respeito, que recebi uma carta muito insultuosa de duas pessoas da Austrália. Um homem e uma mulher diziam que estavam “em contato com os Jardineiros da Terra” e os Jardineiros da Terra eram gente tão boa que tudo o que escreví no *Hermit* (*Eremita*) devia ser fruto de minha imaginação, pois os Jardineiros da Terra nunca fariam algo para prejudicar a um ser humano. Meu Deus do céu! Essa gente da Austrália deve ter um buraco na cabeça, ou coisa que o valha! A humanidade não é a mais elevada forma da criação, é apenas mais um espécime, assim como a formiga é um espécime, como a tênia é um espécime. Uma tênia está aprendendo uma coisa, o ser humano está aprendendo outra, ou melhor — corrigindo —, devia estar aprendendo, o que é outro assunto.

Mas quero repetir positivamente que estamos aqui para aprender certas coisas, e fazer certas coisas, e a vida continua sempre em ciclos. Prefiro considerar isso como o balanço do pêndulo: quando um pêndulo balança, ora está no topo de sua oscilação, e estamos numa Idade de Ouro, em que tudo é maravilhoso, tudo está em paz — mas onde ninguém aprende coisa alguma. E depois o pêndulo cai — as coisas pioram cada vez mais. Quando atingimos o ponto mais baixo do pêndulo, em sua oscilação, há guerras e boatos de guerra, assassinatos, tudo, todo o calendário do crime junto. Mas depois disso o pêndulo, indiferente, continua para cima e novamente teremos uma Idade de Ouro, em que ninguém aprende, pois é um fato, um fato triste, mas nem por isso menos verdadeiro, que as pessoas só aprendem pelas privações e sofrimentos; quando uma pessoa tem tudo o que deseja, encosta-se e goza o seu conforto e nada faz para tentar ajudar aos outros nem a si mesma.

Outra pessoa me escreve perguntando:

Podemos algum dia encontrar os nossos opostos individuais?

Suponho que isso queira dizer a alma irmã. Se for o caso, a resposta é não, você não pode encontrar sua alma irmã neste mundo, pois assim você estaria completo e não poderia permanecer aqui. Você só pode permanecer aqui se tiver uma *âncora* que o prenda aqui, algum defeito, ou alguma falha induzida artificialmente que lhe permita permanecer aqui. As pessoas que vêm de além das esferas são como mergulhadores, têm de usar o equivalente a um cinto de chumbo, botas de chumbo, etc., a fim de permanecerem submersos neste mundo triste. Assim, se uma pessoa encontrasse sua alma irmã aqui, atingiria a

maior aproximação possível da perfeição, e não se pode ter perfeição num mundo como este, Portanto, você terá de esperar pela sua alma irmã até deixar este mundo.

E outra pessoa pergunta:

Você diz enfaticamente que cada um de nós encontra Deus somente pelo esforço individual, e não devemos depender do auxílio dos outros. Quer dizer que a responsabilidade final para o uso de nosso livre arbítrio, ao nos entregarmos a Deus, reside plenamente sobre cada indivíduo, não importa que coisas boas ou más nos tenham sido feitas por outros; e que a pessoa conscientemente escolhe a direção de sua visão? Naturalmente, a verdade e a instiga, ou a mentira e a injustiça, podem afetar o rumo de nossas vidas, de uma maneira ou de outra, com relação à luz, mas a aplicação da Regra de Ouro não é vitalmente importante para cada um de nos praticarmos, ajudando assim aos outros?

Digo muito positivamente que todo homem se deve sustentar sozinho. É tolice entrar para cultos, turmas, associações, institutos, etc. etc. e esperar a *salvação* nisso, pois você não encontrará a salvação nesses cultos sanguessugas que só querem tirar o seu dinheiro! Pense assim: uma pessoa morre — deixa esta Terra para ir aos reinos astrais — e irá para o Salão das Recordações. Ali, dará contas a si pelas coisas que foram feitas ou não foram feitas. Lá não haverá mais ninguém a não ser a alma recém-chegada, ou entidade, ou como quiser chamá-la, e a ligação com o Superego. Ora, eu lhe digo muito positivamente — muito positivamente — você dá contas sozinho. Você não terá a secretária nem o diretor da Sociedade dos Cachorros- Quentes, ou seja como for que chamem a esses cultos, para dar contas por você. Não encontrará o presidente da Associação dos Narizes Vermelhos para dizer: “Ah, sim, Superego, você nada sabe; eu disse a essa pessoa para fazer tal coisa porque o regulamento de nossa associação diz que é assim, de modo que ela deve tomar o seu lugar.”

Você tem de se haver sozinho; portanto, despedido e provavelmente envergonhado. E se você se descartar de todas as idéias dessas associações e cultos, nesta Terra, então você estará treinado para responder por si quando chegar ao Outro Lado.

Naturalmente, se você vai responder a seu Superego, então precisa de ter boas respostas, e o melhor meio é obedecer à Regra de Ouro, que é: “Faça aos outros o que quer que lhe

façam.” A pessoa que formulou a pergunta acima parece estar debatendo-se e tudo fazendo para escapar da simples verdade, a verdade que é: você tem de aprender a ficar sobre os seus dois pés, não importa sejam chatos ou não. Você tem de se apoiar sobre eles, tem de ser responsável por si e, se ajudar os outros, aderindo e obedecendo à Regra de Ouro, então terá muito a haver em sua conta corrente astral.

Quero dizer novamente que Deus não está ali postado com uma bengala, nem o diabo está ali com seus ferros de marcas. Deus é uma força positiva, o diabo é uma força negativa, não são pessoas que elogiem ou torturem. Enquanto você estiver aqui nesta Terra, não pode compreender coisas que acontecem em muitas outras dimensões. Da mesma maneira, uma lesma marinha, presa ao limo no fundo do oceano, não poderia compreender o que se passa na Lua, nem compreender o que as pessoas nos arranha-céus estão pensando ou fazendo, nem o tumulto provocado quando as pessoas ligam seus aparelhos de televisão em altos brados. Tudo isso estaria completamente fora da compreensão de pessoas aqui na terceira dimensão; elas não compreenderiam o que as pessoas na nona, décima, décima primeira ou vigésima dimensões estão fazendo. Portanto, tudo é relativo. Podemos compreender mais ou menos o que fazem as pessoas na Terra, podemos ter uma sensação maior de que estão agindo bem ou mal, mas como podemos ao menos tentar compreender o que se passa com as pessoas na vigésima dimensão? Você não pode compreender os conceitos de outra dimensão, a não ser que tenha tido alguma experiência naquela dimensão.

Na verdade, é possível ter-se uma idéia, uma idéia vaga, pensando-se que tudo é vibração. Num ponto dizemos “tato”, depois dizemos “som” e, mais acima ainda, “visão”. Tudo é vibração, em qualquer planeta, em qualquer sistema, em qualquer universo, de modo que isso nos dá uma vaga idéia das outras dimensões. É realmente raro uma pessoa sentir um som, ou ver um som, e no entanto são todos vibrações, todos parte de uma mesma escala. Existem entes que podem ver o som, há animais que podem ouvir sons diferentes, que estão fora do alcance dos seres humanos. Os cães, por exemplo, atendem a um assobio que é completamente mudo para os humanos. Os gatos vêem cores num espectro diferente; por exemplo, vêem o vermelho como prateado. Mas, dando outra pequena ilustração que pode ajudar, procure resolver isso sozinho:

Temos uma pessoa que nasceu cega. Ora, você tem a tarefa de explicar a essa pessoa que nasceu cega a diferença entre o vermelho e o rosa, ou entre o laranja e o amarelo. Como é que você vai fazer? Não consegue. Não há jeito de você explicar a um cego a diferença entre amarelo e laranja, âmbar e marrom. Talvez você pudesse explicar a diferença entre o verde e o vermelho, se a pessoa fosse extremamente sensível e pudesse *sentir* a diferença. Mas resolva isso — você quer saber como são as outras dimensões; portanto, corte uma dimensão que você conhece, corte a visão. Aí, como vai explicar a uma pessoa que nunca conheceu a visão a diferença entre o vermelho e o rosa?

Suponhamos que temos uma pessoa completamente surda; como você vai fazer essa pessoa apreciar a diferença entre duas uotas musicais bastante semelhantes? Não é tão fácil, hein? Portanto, a não ser que você possa responder às *minhas* perguntas, não lhe posso falar das experiências na nona dimensão.

Farei uma pergunta que vai arrepiá-los; portanto, senhoras, ponham suas toucas de banho. Cavalheiros, se forem calvos, os seus cabelos vão ficar em pé em seus crânios calvos! Eis a pergunta: “De acordo com os filósofos Zeri, não existe realmente o certo e o errado; está eliminada, então, a necessidade do julgamento?”

Podem responder a isso? Bom, de acordo com o significado da pergunta, a resposta é a seguinte: na escala *maior* das coisas, o “certo” e o “errado” são completamente diferentes do que são na Terra. Aqui há certas regras ou leis que devem ser obedecidas por causa do que se costuma chamar normalmente de bem comum. Por exemplo, não é certo roubar, de modo que o homem, pelo menos em teoria, deveria morrer de fome, mas nunca roubar dinheiro para comprar comida.

Se um homem, depois de fumar, por algum motivo guardasse o cachimbo ainda aceso no bolso da calça e a incendiasse, teoricamente ele não deveria tirá-la, pois então ficaria nu e iria contrariar a decência pública. Tornar-se-ia até passível de ser acusado de imoralidade. Assim, de acordo com a lei, o homem devia positivamente queimar-se em suas melhores partes, para não se expor a olhares curiosos e indecentes, quando suas calças estiverem pegando fogo. O que você considera o certo?

E por falar em indecências, há lugares em que a mulher tem de ficar com o rosto coberto aos olhos de toda a huma-

nidade. Pode deixar bem descoberta a parte inferior de seu corpo, e ser decente. Em outras partes do mundo, pode ficar com o rosto de fora, mas a parte inferior de seu corpo deve ser coberta, caso contrário será desconsiderada. Portanto, o que é certo numa parte do mundo é errado em outra. O certo e o errado são conceitos feitos pelo homem, e não têm estabilidade fora da Terra. Ao mesmo tempo, se a pessoa se está julgando no Salão das Recordações, é preciso agir de acordo com as regras que vigoravam durante a sua vida na Terra. Não importaria em absoluto se você tivesse transgredido leis puramente artificiais, por exemplo, se você tivesse tirado as roupas em publico — isso não seria uma ofensa na Realidade Maior do mundo astral. De qualquer forma, os cristãos acreditam que o Homem foi feito à imagem de Deus, e no entanto fazem uma onda tremenda se a pessoa aparecer despida, e por quê? Estarão dizendo que Deus é indecente? Mas, de qualquer forma, este é apenas um pensamento pessoal meu.

O que realmente importa no nosso *juízo* é aquilo a que temos de responder: Fez mal a alguém? Ajudou a alguém? Vejamos um exemplo: uma pessoa tinha um emprego que você cobijava. Você queria muito aquele emprego, via que daria certinho para você aquele cargo e, assim, fez uma intri- gatinha contra seu ocupante de modo que ele foi despedido e você lhe tomou o lugar, isso, sem dúvida, é um pecado, pois é contrariar a lei do Universo que manda “não fazer mal aos outros”. Mas, se você pregou uma mentira inofensiva para ajudar uma pessoa a conseguir um emprego que ela realmente podia ocupar, essa mentira não seria uma ofensa, ela seria boa!

Bem longe, acima de todas as leis e regulamentos falsos da humanidade, existem verdades básicas, que, transgredindo, nos prejudicamos. As leis do Homem na Terra não são feitas para o indivíduo, e sim para a maioria, a fim de que os interesses da maioria sejam mais bem atendidos. Muitas vezes uma lei parece ser dura para o indivíduo. Não importa, essa é uma das coisas que temos de suportar, se formos loucos a ponto de viver em comunidades, pois a liberdade é um tempo relativo. Se fôssemos livres para fazer qualquer coisa, então poderíamos entrar na casa de qualquer pessoa, pegar o que quiséssemos, fazer o que nos agradasse. Assim, seríamos completamente *livres*. Na verdade, isso não seria benéfico para a comunidade como um todo e, por isso, há leis que protegem a maioria contra a minoria. Nós as violamos a nosso risco, isto é, risco

na Terra; muitas delas não importam a mínima além da Terra. O que importa, por exemplo, se uma pessoa comprar um maço de cigarros na Inglaterra depois das oito horas da noite? O que importa se, no Canadá, uma pessoa comprar um jornal no domingo? Tudo isso são coisas infantis e tolas, mas em algum lugar alguém teve essa idéia, mesmo que hoje ninguém saiba qual o sentido que faz a dita lei!

Eis outra pergunta: “Parece que os entes da quarta e outras dimensões estão todos muito ocupados ajudando as almas desta, a terceira dimensão, e que se dedicam exclusivamente a nos ajudar neste mundo. O que lucram com isso?”

Não, claro que isso não é verdade! Vamos considerar a vida, toda a vida, como uma escola — claro que alguém vai me escrever, dizendo “ah, você se repete, já nos disse isso antes”. Mas é óbvio que não fui bem claro, senão as pessoas não continuariam a me perguntar a respeito, de modo que vocês, que pensam em escrever para reclamar, fiquem quietos um pouco, sim?

Então, toda a vida é uma escola. Turmas diferentes, séries diferentes. Nós nessa Terra estamos na Terceira Série (terceira dimensão). As pessoas da quarta dimensão estão na Quarta Série. As da quinta dimensão estão na Quinta Série. Agora, digam-me sinceramente, recordando-se de seus tempos de escola, se vocês na escola estavam muito interessados em continuar ali para ajudar os alunos da Terceira Série? O mais provável é que os alunos da Quinta Série achessem que os da Terceira Série eram uns pirralhos endiabrados que não mereciam a menor atenção. É verdade ou não é? Portanto, vou dizer-lhes uma coisa: existem pessoas que são professoras, que têm a infelicidade de serem persuadidas a irem *voluntariamente* à Terceira Série para ensinar aos pirralhinhos endiabrados daquela turma e, quando chegam à Terceira Série, descobrem que os alunos não estão nada ansiosos para aprender (*você* estava ansioso por aprender, no seu tempo de escola?), E mais, que eles dizem uma porção de coisas malévolas sobre o professor, até que este, farto de tudo aquilo, diz ao diretor: “Olhe, chefe, não aguento todos esses pirralhos, tenho de passar para outra turma, senão acabo mais maluco ainda. Para onde posso ser transferido?”

Portanto, acreditem, os mestres na Terra — mestres de outras dimensões — esforcem-se muito para ajudar as pessoas da Terceira Série, ou seja, da terceira dimensão. Se as pessoas

da terceira dimensão compreendessem isso um pouco melhor, progrediriam muito mais depressa, pois chega um momento em que até os melhores mestres ficam fartos de uma perseguição eterna e querem passar adiante.

Ora, eu fui chamado à ordem, não pela primeira vez, nem pela última, mas tenho um comentário: “Ah, mas você não pode deixar as coisas *assim!* As pessoas não vão entender em absoluto a idéia que você tem de Deus. Em alguns lugares, você diz que Deus é um conceito e, em outros, que Deus é uma pessoa. Como explica isso?”

Ai, ai, desgraça pouca é bobagem, não é? Bom, há Deuses e Deuses. A pessoa normal reza para o seu Deus. Na verdade, as orações passam pela estrada principal para o Superego. Mas, se você quiser subir um pouquinho, então você pode rezar para o Manu do planeta. Ou, se você tiver *conhecimentos* lá em cima, pode rezar para o Manu de todo este Universo. Como tentei esclarecer em meus livros (aparentemente, sem sucesso!) o sistema de Deus parece-se muito com uma loja de departamentos ou uma cadeia de lojas em que cada gerente de filial é um deus para os outros empregados. Mas todos os gerentes de departamentos ou de filiais consideram o presidente ou presidente do Conselho como *deus*. Portanto, vamos tentar esclarecer o seguinte: a pessoa pode rezar para um ser que considere como *Deus*. Pode ser o Superego, pode ser um Manu, ou pode ser um Manu-Chefe, ou pode até ser o Deus do Universo. Mas não é o *Deus Supremo*, de modo algum. O *Deus Supremo* é coisa muito diferente, coisa que só podemos considerar como um conceito, no momento, pois, como já lhes disse, não se pode falar de coisas da nona, décima ou vigésima dimensões em conceitos da terceira dimensão. Portanto, continuem a considerar o seu Deus como uma pessoa ou ente, mas tendo claro na mente que existe uma coisa muito, muito mais elevada do que tudo isso.

3

O Homem Mais Honesto de Montreal estava de pé atrás de sua porta e observava, por uma fresta da veneziana, a cena lá fora. A rua parecia um campo de batalha; carros da polícia e motocicletas roncavam por todo lado. Garrafas e pedras voavam pelos ares, caindo com estrondos. Do outro lado da rua, diante da loja onde Hy Mendelson montava guarda às Simons Cameras, o recinto grande e agitado de La Presse erguia-se como um símbolo do poder da Imprensa.

Sim, os impressores em greve tinham feito parar as grandes máquinas. Os teletipos não vomitavam mais quilômetros de mensagens. Os repórteres não perseguiam mais aqueles que eram considerados notícias. A greve da imprensa era um período em que para alguns, o “ar estava mais límpido — que a greve dure muito tempo!”

Mas para gente como Hy Mendelson, dono de Simons Cameras, o prejuízo nos negócios era grande e grave. Por trás de sua loja, prosseguiam-se os trabalhos de abertura de uma nova rua. À sua frente, os grevistas de La Presse, a polícia, barricadas, todos os obstáculos para os negócios honestos. (Hoje, naturalmente, a greve acabou e Hy Mendelson está próspero outra vez!)

Por que temos de ter greves quando há tantos desempregados? Se as pessoas não estão satisfeitas, que cedam seus empregos para gente que queira trabalhar. Por que fazer chantagem contra um país inteiro, um *continente* inteiro, só por

causa do capricho de um punhado de líderes gananciosos de sindicatos inspirados pelos comunistas? A Imprensa e os sindicatos — as pragas da vida quotidiana moderna!

Hy Mendelson um bom homem, um homem honesto. Por que ele e outros como ele não de ficar quase arruinados por causa dos grevistas? Quando não são os impressores em luta que paralisam o comércio na rua, são os carteiros em greve que atrapalham seu negócio muito lucrativo de reembolso postal. Eu o conheço há anos: é um bom amigo e eu fico muito indignado ao ver que todas essas greves violentas prejudicam os inocentes e os justos.

Montreal parecia uma cidade sitiada. Grevistas errantes, uma polícia muito eficiente e bandos de pretensos revolucionários vadiando insolentemente pelas esquinas. *Homens* de cabelos compridos, em sua sujeira e roupas propositadamente esfarrapadas perambulavam com arrogância pelas ruas, cumprimentando de maneira estranha e grosseira outros de sua espécie, com quem falavam brevemente, passando adiante.

Montreal, onde os franco-canadenses não gostavam dos franco-canadenses! Onde muitas vezes era muito difícil (conforme descobri) conseguir ser atendido numa loja a não ser que se falasse francês. A Cidade de Duas Línguas, cidade que adorei deixar, quando chegou o momento de fazê-lo, conforme lerão adiante.

O velho muitas vezes ficava olhando, de sua casa junto ao rio; olhava os lampejos das explosões de noite; olhava as luzes trêmulas dos carros de polícia perseguindo incendiários, revolucionários; e olhava as crises do FLQ, onde um homem bom e justo foi assassinado a mando de algum desgraçado analfabeto.

. Olhava, ainda, quando passou o Prefeito Drapeau. O Prefeito Drapeau, um dos melhores, senão o melhor homem que o Canadá francês já teve. O Prefeito Drapeau, que é tão perseguido por uma Imprensa sem compreensão nem concepção do que é a Grandeza. Pois é fato verídico que o Prefeito Drapeau fez de Montreal uma *cidade* em vez da coleção de aldeias que era antes dele. Sim, Drapeau é um dos realmente Grandes nesta época de muito, muito poucos homens.

O velho em sua cadeira de rodas ficou olhando enquanto os desordeiros do FLQ passavam correndo por sua janela, presos pela polícia, quando procuravam asilo diplomático no *terri-*

tório estrangeiro do Pavilhão cubano no local da exposição, O Homem e Seu Mundo. O helicóptero que levou esses bandidos para o aeroporto voou por cima da cabeça do velho.

Mas agora, ao anoitecer, o velho estava deitado em sua cama, vendo acenderem-se as luzes de Montreal; o primeiro brilho embaciado das lâmpadas da rua, logo seguido de uma luz amarelo-esverdeada. As luzes néon multicoloridas dos anúncios e os altos arranha-céus, que de repente surgiam na luz da vida noturna. Lá em cima em Mount Royal, a grande cruz de metal se destaca em luz contra o céu que escurece, quando em algum lugar um robô reage ao estímulo do escuro e liga um interruptor.

No rio, abaixo das linhas fantásticas da Ponte Jacques Cartier, vinha um transatlântico, todo aceso, com suas fileiras de luzes brilhando até o topo do mastro. Pequenos rebocadores, com os lados enfeitados de luzes, mexiam-se em volta do gigante do oceano, partindo deles gritos no dialeto especial que o franco-canadense acredita ser francês.

Luzes, deslizando no céu da noite, e o ronco abafado dos jatos anunciavam a chegada de aviões das capitais do mundo. Sabena das cidades belgas, Lufthansa, KLM e as multidões da Grã-Bretanha. Veio também um avião da Rússia, raridade que hoje não é mais raridade. Os aviões das nações do mundo voavam lá por cima. Mas, agora, um número cada vez maior voava diretamente para Toronto, para evitar o incômodo e a grosseria do aeroporto da Cidade de Duas Línguas!

Mas as horas custavam a passar. As luzes mudaram. Acenderam-se novas, outras se apagaram. O tráfego nas estradas diminuía, mas não parava, pois aquela cidade nunca dormia. O velho virou-se, olhou sem simpatia para o monte de cartas por responder, e mentalmente mandou-as para um lugar mais quente. Amanhã, pensou ele, começaria cedo e liquidaria a pilha, antes que chegasse o punhado dos dias seguintes.

Pensando nisso, virou-se e adormeceu. Outros daquela casa podem dizer que ele ronca como um porco, com sobretons de um portão enferrujado, mas, quando a gente está em viagens astrais... bom, tem o direito de roncar!

A manhã chegou, como chega até nas casas mais bem organizadas. Chegou a manhã, e com ela a hora, mais uma vez, de trabalhar, a rotina incessante de cartas, cartas, cartas.

Há uma pergunta que vem muito a propósito porque a acupuntura se acha hoje muito presente nas notícias. Escrevem-me:

Já li tanta coisa sobre a acupuntura e, no entanto, ninguém parece saber explicar exatamente como funciona. Será que as 12 principais zonas de inserção da agulha correspondem a 12 centros psíquicos do corpo, explicando assim o mistério e talvez fornecendo uma ligação entre as terceira e quarta dimensões da existência?"

Sim, há muito mistério na acupuntura. Infelizmente, a imprensa dramatizou demais as coisas. A Acupuntura é muito mais eficiente no Extremo Oriente que no mundo ocidental. O motivo não é difícil de verificar.

Repito sempre a verdade de que os seres humanos não são mais que marionetes do Superego. Muito bem, qual foi a última vez que você foi a um espetáculo de marionetes? Até j mais simples das marionetes tem um cordão que lhe controla a cabeça, outros cordões controlam os braços e as pernas, de modo que até a mais simples das marionetes tem cinco cordões que a controlam. Então, quantos mais cordões pode ter um ser humano, que afinal de contas é uma marionete bem complexa?

A acupuntura funciona pela interceptação de um feixe nervoso com algum defeito, como se fora um curto-circuito ali aplicado. Por exemplo, você tem um carro e verifica que não pode usá-lo, porque cada vez que você liga o arranque e circuitos associados queima um fusível, mas você não consegue descobrir exatamente o que há de errado com o carro. Assim, se não dispõe de muito tempo, localiza a área em que ocorre o defeito. Podia ser (só como exemplo) a buzina defeituosa, de modo que, se você a desligar provisoriamente, poderá ir a uma oficina consertar o carro.

O processo de acupuntura provoca um curto-circuito temporário em parte do sistema nervoso e faz com que um estímulo parta em direção oposta, o que provoca um alívio considerável no estado doloroso,

Temos a marionete; os cordões da marionete vão para a mão do operador, mas a mão do operador é controlada pelo cérebro do operador e, assim, se a marionete não se sair muito bem, pode ser que a mão do operador é que não saiba desempenhar as ordens do cérebro. Ora, vamos substituir isso; digamos que a marionete seja um ser humano, a mão seja o cérebro do ser humano, e aí podemos ver que, se o cérebro não con-

segue enviar as mensagens certas para algum membro ou parte do corpo, então há uma disfunção. No caso da marionete normal, possivelmente um cordão poderia ser encompridado ou encurtado para uma solução provisória. Fazemos o mesmo tipo de coisa, pelo menos em princípio, na acupuntura,

Mas por que funciona melhor com um oriental? Pois bem, o oriental] tem um conjunto diferente de vibrações, com relação a um ocidental. O oriental preocupa-se mais com as coisas do espírito, com a vida depois da morte, com os valores morais, a ética e tudo isso. Portanto um oriental é mais capaz de aceitar a realidade de que espetar uma agulha ou duas em nossa anatomia trêmula pode provocar uma diminuição espetacular nos sintomas físicos.

O mundo ocidental preocupa-se mais com as coisas desta vida, como obter poder sobre outros, fazer dinheiro depressa e não se separar dele a não ser para o seu conforto físico.

O mundo ocidental não acredita em algo a não ser que possa pegá-lo e desmontá-lo. Depois de destruí-lo totalmente, exclamam: “Imaginem! E funcionava mesmo. Que pena ter sido destruído para provar que funcionava!”

Creio que até a Bíblia cristã tem qualquer coisa sobre a idéia de que, a não ser que se seja como uma criancinha, não se pode entrar no Reino dos Ceus. Muito bem: a não ser que se possa ter uma simplicidade infantil e uma fé verdadeira de que há coisas que os seres humanos da Terra não podem explicar, não se terá benefícios com a acupuntura!

A acupuntura não é uma cura pela fe, em absoluto, não se trata de fé porque a acupuntura realmente cura. Mas primeiro é preciso ter-se o metabolismo de uma pessoa sensível que pode aceitar a Realidade de que vai ser efetuada uma^ cura. Ora, isso é diferente da cura pela fé. Há gente que diz: “Bom, prove-me isso, e ainda assim eu não acredito.” (Como a velhinha que foi ao jardim zoológico e, vendo uma girafa, exclamou: “Puxa, esse animal não existe!”.) Portanto, por melhor que seja o acupuntor, por mais brilhantes as suas agulhas, a não ser que a pessoa que vai ser tratada tenha a devida percepção, não haverá cura alguma, e a imprensa, tomando conhecimento de um caso desses, rapidamente se intrometerá, imprimindo coisas que desencorajarão e diminuirão o ponto de percepção de outros que poderiam curar-se.

Temos aqui uma boa perguntinha que, sem dúvida, deve estar na cabeça de muita gente. É a seguinte:

A pessoa um dia terá de voltar, digamos, à quarta ou terceira ou até mesmo à segunda ou primeira dimensões, depois de ter existido em algum lugar na quinta até a nona dimensões, por ter levado uma vida má num desses planos mais elevados?

A resposta é um Não\ muito positivo. Se a pessoa for um Mau Menino na terceira dimensão, ele voltará à terceira dimensão, mas não irá para a segunda. Acho que o mesmo tipo de sistema se aplica nas escolas; se um aluno não estuda direito quando está na terceira série, então no fim do ano ele sai de férias e tem uma entrevista desagradável com os pais; no fim das férias, ele volta à escola, na terceira série; não é rebaixado para a primeira série.

Da mesma maneira, uma pessoa que luta na Escola da Evolução não volta uma Série inferior, mas apenas à mesma Série. Assim, se você se portar mal ou não estudar direito suas lições, voltará para essa pobre Terra, onde as coisas vão estar bem piores, por algum tempo.

As pessoas voltam para as dimensões inferiores com um propósito especial; são voluntários (vale lembrar a velha história do Exército sobre voluntários — o sargento diz: Quero 10 voluntários, você, você, você...). Bom, talvez as pessoas em dimensões muito superiores olhem para a Terra e estremeçam diante do que vêem. Aí elas voltam e chegam à conclusão de que alguém — algum especialista — terá de voltar à Terra como voluntário para verificar o que há de errado e depois ajudar as pessoas da Terra a se endireitarem.

Existem alguns senões nisso, pois uma das leis mais importantes é que não se pode utilizar em benefício próprio o conhecimento que se adquiriu numa outra dimensão, é preciso viver como membro da terceira dimensão, ou seja qual for, e se adaptar às facilidades inerentes aquela dimensão.

Outra reação estranha é que o voluntário *é diferente*, de modo que eie ou ela é perseguido e muitas vezes antipatizado, pois a pessoa é, com efeito, um corpo estranho, uma farpa no corpo da Terra. Você, por exemplo, se tiver uma farpa em qualquer parte de sua anatomia — bom, vai fazer um barulhão, até a farpa ser extraída. Os voluntários também têm a experiência dolorosa de verificar que não são populares. Não importa quem sejam, Até Cristo foi perseguido. Até Gautama foi perseguido. Até Moisés teve suas dificuldades. Durante as suas vidas, não foram populares, foram considerados como introme-

tidos, bisbilhoteiros, etc., etc. Só depois que um voluntário já saiu do plano da Terra há muitos anos é que as pessoas da Terra descobrem que “aquela pessoa deve ter sido boa, afinal”, e aí escrevem uma ou duas bíblias sobre ela. Mas isso não ajuda muito ao voluntário, não é mesmo?

No estágio atual, os pobres dos voluntários têm mais um empecilho para o êxito de seu trabalho — os jornalistas estão sempre à procura de alguém que seja *diferente* e, se a pessoa é *diferente* e não trabalha com a imprensa, é perseguida e chamada de impostora. Isso prejudica mais ainda o sucesso do que ele está querendo fazer. Por exemplo, um voluntário pode estar indo muito bem em seu trabalho, mas aí algum jornalista desgraçado inventa uma história completamente imaginária, com “provas documentadas” e isso se toma realmente um obstáculo considerável a um bom êxito.

Íjá uma outra pergunta que cabe aqui. É a seguinte:

Tendo alcançado a nona dimensão, a pessoa fica cristalizada, para tornar-se uma para sempre, irrevogavelmente, para sempre uma com o Criador?

Bom, não, nunca se é “cristalizado”, há sempre alguma coisa mais alta a se buscar. Vale aqui o velho ditado, “há sempre mais um lugar no alto!”. Já me referi várias vezes à nona dimensão; pois bem, vou dar-lhes uma nova meta, a nonacên- tésima dimensão. Ora, nada adianta querer explicar-lhes o que é a nonacentésima dimensão, mas existe uma nonacentésima dimensão, e algumas ainda mais altas, Mas se você não consegue entender nem a quarta ou quinta dimensões, como poderá compreender a nonacentésima?

Nós subimos e subimos e subimos. Naturalmente, se a gente lutar em todos os centímetros do caminho, subirá mais devagar, mas as pessoas sempre têm suas oportunidades e eu declaro, positivamente, que ninguém é jamais destruído, nem mesmo o pessoal da imprensa. Pensam que estou matracando sobre esse pessoal da imprensa? Tenho meus motivos, sabem? Já tive muitos problemas com essa gente na Inglaterra, na Alemanha e na França e, como lerão adiante, no Canadá francês também. Mas não, não sou amargo contra a imprensa, não guardo rancor contra ninguém. Mas é idiota ficar sentado como o touro Ferdinando, a cheirar as flores, enquanto pessoas mal- intencionadas tentam cortar o rabo da gente para fazer rabada. Ah, não, não pensem que sou amargo, pois não sou. Não pensem

que ataco a imprensa injustamente. Não ataco. Estou dizendo a verdade — são *eles* que inventam as histórias!

Mas, voltando às nossas dimensões, o velho Hitler, ou Stalin, ou alguns outros desse tipo, pois bem, eles não serão lançados de volta à primeira dimensão, sabe? Nem mesmo à segunda dimensão. Voltarão para a terceira. E vou dizer-lhe uma coisa, bem baixinho. Está pronto para um cochicho suculento? Lá vai, então.

É uma verdade que o verdadeiro vilão e tirano *desta* vida volta à vida como um pregador empolado. Por exemplo, um homem que tenha sido um verdadeiro pervertido sexual em uma vida poderá vir pregando e dissertando contra o sexo em qualquer forma ou modalidade, sem se preocupar em como a raça deve ser continuada. Igualmente, um camarada que tenha sido o chefe dos torturadores num país muito selvagem, talvez volte como um médico muito, muito compassivo. As coisas têm de se compensar, sabe? É um caso de perde e ganha. E preciso equilibrar as coisas. Assim, se você for um bandido de verdade em uma vida, você volta como uma imitação de santo na seguinte, pois, quando você chega ao Salão das Recordações, vê que confusão você fez das coisas, de modo que volta cheio de remorsos, pensando no patife que você foi, e você se excede um pouco, exagera as coisas, torna-se extremado, e vê-se então um pecador convicto de verdade voltando como um desses padres galopantes que correm pelo mundo, ensinando às pessoas a nada fazerem a não ser ficar sentadas em seus traseiros, berrando hinos. Assim, se você encontrar algum pregador realmente bom nos próximos anos, pois bem, poderá ser apenas o velho Hitler de volta!

Mas como é que me meti numa porção de perguntas assim? O que estarei expiando, tendo de lidar com essas perguntas todas? Vejam esta:

Toda a Criação é composta das vibrações da oitava musical com a maioria das oitavas mais agudas, ou talvez até mais graves, do que os ouvidos humanos podem perceber?

Tudo é vibração, todas as coisas, e até a matéria dita morta vibra, senão não poderia existir. Pegue uma pedra, e não poderá ouvir o barulho que ela faz, mas algumas criaturas em algum lugar poderiam, e talvez chamem as pedras de pedras cantantes ou coisa que o valha, o que seria uma variação dos Rolling Stones (Pedras Rolantes) não é? Mas toda a vibração

é vida, toda a vida é vibração, e os seres humanos só conseguem perceber o mínimo espectro das vibrações. Existem lugares em que as pedras cantam e há lugares em que as pedras são realmente criaturas. Podem levar uns 100 anos para fazer qualquer movimento que fosse perceptível aos humanos, mas essas criaturas, tendo alguns milhões de anos de vida, de acordo com os padrões da Terra, estão bem satisfeitas com sua velocidade de movimento. De qualquer forma, têm todas a mesma velocidade, de modo que não sabem que lesmas elas são!

Essa próxima pergunta, logicamente, suponho, deveria ter sido colocada duas perguntas acima. É a seguinte:

A Terra em si está destinada a evoluir para um plano mais elevado? A Lua está num plano abaixo do da Terra, e está também destinada a evoluir para um plano mais elevado e ser substituída por outra criação no nível original do plano mais baixo da Lua?

Agora, a minha cabeça está tonta com tudo isso. Quantas perguntas temos nessa frase? É melhor eu parar um momento até que a minha cabeça pare de girar!

Mas, falando sério, a Terra é como uma sala de aula. Você não diria que uma sala de aula evolui, não diria que a sala de aula dos alunos da terceira série de repente evolui e toma-se uma sala de aula da quarta série ou da quinta série. Uma sala de aula é uma sala de aula e pronto. Naturalmente, muitos grupos diferentes de alunos passam pela sala de aula, assim como muitos grupos diferentes de civilizações passam pela Terra, e de vez em quando há tremendos cataclismos na Terra, que revolvem a superfície do planeta de modo que se perdem todos os traços de vida, ficando eles sepultados a quilômetros abaixo da superfície. É por isso que não há traços de Mu nem de Lemúria nem da Atlântida. É por isso que não há traços das civilizações que existiram várias eras antes da própria Atlântida.

Pense num lavrador; lá vai ele com algum instrumento de aspecto horrível e toda a superfície do campo é revolvida e arada tão profundamente que passa a haver uma nova superfície pronta para a nova semeadura. Assim é a Terra, assim prosseguem os Jardineiros da Terra. Quando uma raça fica ruim demais, aparece *algo* para revolver a superfície da Terra e enterrar tudo o que pertencia a uma civilização anterior, decadente, e aí passa a haver terra nova para plantar novos espécimes.

A Lua, ou as Luas, conforme o caso, não são de modo algum inferiores ao dito planeta de origem. A Lua, de fato, pode ser apenas um grande asteroide que foi captado pelo campo de gravidade daquele mundo que está para tornar-se o corpo predominante, tal como a Terra tem a Lua como seu satélite. E depois você deve lembrar-se também de que as pessoas estão acostumadas com a vida na Terra, e que consideram que toda vida deve ser aquela que lhes é aceitável. Não significa em absoluto que a vida na t ua (por exemplo) deve ser idêntica à da Terra. As pessoas, por exemplo, poderiam viver no interior da Lua.

Para responder a essa pergunta, portanto, só se pode dizer: Não, a Terra não evolui para um plano mais elevado. É apenas uma sala de aula para as pessoas que estão evoluindo.

Um tumulto repentino. O velho levantou os olhos do trabalho, com certa irritação. Já era bem desagradável ter de responder às cartas, sem interrupções inoportunas, mas aí apareceu a visita.

— Eh! — disse ele, exuberante, e depois acalmou-se um pouco, — Escute, você nunca lê os jornais de língua francesa, não é?

— Não — disse o velho. — Nunca os leio, nem olho para eles.

— Pois devia, sabe — disse a visita. — Têm falado um bocado sobre você, ultimamente. Não sei o que é que há com eles, mas parecem considerá-lo como inimigo pessoal. O que há, você não quis conceder entrevista, ou coisa assim?

— Não — disse o velho. — Não pretendo dar entrevistas à imprensa porque, todas as vezes em que dei entrevista, minhas palavras foram tremendamente desvirtuadas. Por isso, é melhor não receber jornalista algum, e aí sabemos que qualquer *entrevista* é inteiramente imaginária.

A visita mexeu na orelha.

— Bom, não sei não, mas como é que você vai dizer às pessoas que não concedeu entrevistas? E mesmo que disser, sabendo como é o pessoal hoje em dia, provavelmente não acreditarão.

— Não — respondeu o velho. — Este é um desses casos em que a gente não pode ter razão, faça o que fizer.

— Vou dizer-lhe uma coisa — disse a visita. — Eu antes pensava que você era meio maníaco com esse negócio de impren-

sa, mas algumas coisas que andei vendo por último e outras que andei lendo me levaram a pensar que você não é tão maluco assim, afinal. Parece que todo mundo tem encrencas com a imprensa. Escute só isso,

Ele remexeu nos bolsos, tirando montes de papéis e procurando, naquela confusão, até encontrar uma folha que parecia ser o que queria; desdobrou-a com cuidado e prosseguiu:

— Aqui está uma coisa para você. É algo que Thomas Jefferson disse há muitos anos: “Até mesmo as pessoas menos informadas já aprenderam que nada que seja publicado nos jornais merece ser acreditado.” Então, o que pensa disso? E aqui tem uma pérola. Winston Churchill certa vez escreveu: “A essência do jornalismo americano é a vulgaridade destituída da verdade. Seus melhores jornais escrevem para uma classe de empregadinhas e camareiros metidos, e até as melhores pessoas estão com o gosto tão viciado que apreciam esse estUo.”

O velho sorriu e disse:

— Ah, eu faço melhor que isso, ou, se não melhor, pelo menos igual. Conhece o General William Sherman, um grande general americano? Pois bem, uma vez ele escreveu: “Prefiro ser governado por Jefferson Davis a ser insultado por um bando de jornalistas imundos que têm a insolência de Satanás. Eles entram num acampamento, bisbilhotam entre os vadios preguiçosos e pegam boatos de acampamento, publicando-os como fatos verídicos, e a avidez com que esses boatos são absorvidos pelo público faz até com que alguns de nossos oficiais os considerem espíões, como são, de fato.”

Mas não adiantava nada falar dessas coisas, de modo que o velho concluiu:

— Bom, tenho de trabalhar. Você vai ter de dar o fora, por enquanto. Tenho de continuar com isso, senão as pessoas vão pensar que sou muito mau escritor e que não sei responder às cartas. Vá andando, sim?

Com um suspiro e dando de ombros, o velho voltou ao seu trabalho.

Agora, eis uma pergunta que devia interessar a muitos:

Quando eu chegar ao Salão das Recordações, se eu achar que já aprendi o que queria aprender nesta Terra, eu passarei a um plano de existência num mundo dos espíritos, ou tornarei a tomar a forma humana, mas vivendo num planeta diferente, num Universo diferente?

Bom, se quando você chegar ao Salão das Recordações achar que já realizou aquilo que se propôs a fazer, então você não voltará à Terra. Não haveria motivo para voltar, pois você teria *passado*. Torne a pensar na vida escolar. Pense que, se você freqüentou uma escola ou universidade, então não há motivo para voltar para seguir um curso no qual você já se diplomou. Se você se saiu bem, e acha que se saiu bem, poderá permanecer no plano astral por um tempo indeterminado, ou então poderá ir a uma outra forma de mundo onde, possivelmente, a molécula de carbono não seja a pedra fundamental da vida, e talvez seja uma molécula de silicone ou alguma outra matéria. E lá você poderia aprender pela bondade, em vez de pelas dificuldades que você suporta nesta Terra. Existem provações na Terra porque este é um dos infernos. Mas anime-se, pois este inferno não vai durar para sempre.

A mesma pessoa pergunta:

No próximo plano de existência, a rotina é semelhante à da Terra, de sofrimento, dor e provações, até aprendermos mais lições, para podermos progredir para o plano seguinte da existência?

Eu já respondi a isso uma porção de vezes, mas vamos repetir. Basicamente, *não*, à medida que você evolui cada vez mais, você cada vez tem menos sofrimentos. Tome como exemplo as circunstâncias nesta Terra, em que o trabalhador tem o trabalho pesado, as contusões e os palavrões, etc., enquanto que o presidente ou o gerente-geral da companhia parece ser quem tem o maior lucro, ou pelo menos era assim antes de o movimento trabalhista desenvolver-se e mais ou menos inverter as coisas — em detrimento do mundo. Mas de qualquer forma, o problema é que, quanto mais você sobe, mais depressa progredirá e mais suaves as circunstâncias.

Note bem, eu me refiro às coisas físicas e básicas. Ninguém vai discordar de que o trabalhador, que cava buracos no solo, tem muito trabalho físico pesado, vive em condições precárias e ouve palavrões do contramestre, se não fizer o trabalho direito. Assim, ele tem um trabalho pesado.

Mas o presidente de uma companhia ou o gerente-geral, que podem sentar-se confortavelmente numa poltrona estofada, têm muito trabalho não-físico a fazer. Têm a responsabilidade de ver que os menos evoluídos (os trabalhadores) façam seu trabalho. Portanto, quero deixar bem claro que quanto mais alto a pessoa sobe, maiores suas responsabilidades morais.

Considere o seguinte: os trabalhadores mais humildes podem sair, embebedar-se e brigar, e ninguém acha nada de mais nisso, mas quando se trata das pessoas mais importantes — um duque ou um príncipe — e se eles fossem beber num bar e se metessem numa briga, bom, isso não estaria certo. De qualquer forma, isso não aconteceria, pois quanto mais progridem, maior a sua responsabilidade e maior a sua disciplina ética e moral. Têm maior respeito por si mesmos e suas capacidades, mas o trabalho físico é para os inferiores, de modo que, quando você está nessa Terra, se está nos estágios inferiores, terá o trabalho pesado. Quando você progride para cima, para outras dimensões, não encontra condições tão difíceis e desagradáveis, mas, naturalmente, terá maiores responsabilidades, para as quais o seu trabalho pesado o terá treinado.

Bom, essa pessoa parece estar tirando bastante proveito de seu dinheiro; tem uma lista de perguntas, mas são perguntas que parecem intrigar muita gente. Portanto, eis a próxima:

Qual será o fim de todos esses planetas em que vivem as pessoas, todos esses planetas de existência? Quando chegar o dia em que todo mundo passou por todos os planos de existência, tendo conseguido toda a sabedoria dessas numerosas vidas, o que faremos então?

Você não pode falar a respeito atualmente, devido às limitações da compreensão humana de três dimensões. Se você entrar no mundo astral conscientemente, saberá direitinho o que acontece e, em termos de compreensão terrena ou mesmo humana, não há um fim, é como refeições que sobrem — a gente começa com uma boa refeição num dia, no dia seguinte ela é requeitada, no outro vira um prato diferente e, por fim, volta à Terra, produzindo novas plantas que vão alimentar novos seres humanos, e assim por diante. É um ciclo interminável da existência,

Você nos diz em seus livros, continua o indagador, que existem muitos Universos. O nosso Universo se sobrepõe a algum outro, ou há apenas vazios e trevas entre eles?

Existem bilhões e trilhões de Universos. Como posso esclarecer isso para você? Bom, imaginemos que você esteja numa praia. A seus pés estão todos os grãos de areia e estes se acham em contato uns com os outros, mas você não diria que eles se sobrepõem, não é? Alguns são tão pequenos que são pó, e alguns são grandes rochas, ou mesmo montanhas, e, de fato, existem montanhas debaixo do mar, como há areia debaixo do mar.

Pense em todos os grãos de areia sobre a Terra — todas as rochas e todas as pedras sobre a Terra de modo algum igualam o número de Universos que existem em todo o sistema geral. E além desse sistema existem outros, e assim por diante, *ad infinitum*, até alcançarmos números que ultrapassem muito a compreensão humana.

Continuamos com o mesmo cavaleiro. Tenho de responder a esse cavaleiro, porque até hoje tenho respondido a tantas perguntas de senhoras que realmente fico satisfeito com um cavaleiro e algumas perguntas sensatas. De qualquer forma, ele continua:

Em um de seus livros, você descreve como foi fazer uma viagem astral com o seu Guia, o Lama Mingyar Dondup e uma pessoa chamada Jigme, a um certo Planeta Vermelho, Lá, você conversou com outras pessoas que lhe disseram que aquele era um planeta agonizante, Essas outras pessoas estavam em forma astral ou em forma humana, ou você se materializou diante delas?

Você não deve confundir a viagem astral com a viagem física. Não tomei um ônibus para o Planeta Vermelho, isso é certo. Mas quando a gente faz uma viagem astral, ainda pode estar completamente visível para *um clarividente*, ou completamente audível para *um telepata*. Portanto o Planeta Vermelho, ao qual eu fui, era povoado, embora pouco, e a população consistia de pessoas altamente evoluídas, que eram clarividentes e telepatas, assim como nesta Terra as pessoas ouvem e vêem coisas. Assim, elas nos podiam ver como se fôssemos pedaços sólidos de carne e osso. Podiam falar conosco e nós com eles. Nós podíamos ver tudo no planeta deles e eles nos podiam ver. Na verdade, foi uma viagem astral, uma viagem astral consciente, viagem astral sob pleno controle, mas isso não fazia diferença alguma para eles e nem para nós. Estávamos lá.

Agora, uma coisa a meditar. Leia isso algumas vezes, coce a cabeça e pense mais um pouco:

Você pode estar na rua e ver em sua frente uma pessoa andando de modo perfeitamente comum e normal, mas tem certeza de que ela realmente está ali? Tem certeza de que não é um viajante astral, que está estimulando suas percepções sensoriais a um ponto em que você acredita que ele é uma figura sólida, enquanto que na verdade ele pode estar no astral, vibrando numa frequência compatível com você, de modo que você tem certeza de o ver com seus olhos físicos? Você não

pode chegar e bater num estranho e dizer “eh, você aí, você está mesmo aí ou é outra coisa que estou vendo?”, mas, se pudesse, e se o dedo com que o tocasse o atravessasse, você provavelmente cairia de tanto susto, não é?

Outra ideiazinha, ah, uma boa ideiazinha, esta; sabe ioda essa conversa de gente que vem nos Discos Voadores, ou, mais respeitosa, nos O.N.I.? Já pensou que, se essas pessoas que saem dessas coisas fossem tão tremendamente estranhas, a ponto de não crermos nelas, então nós não as veríamos, não é? Pense nisso. Se uma coisa é diferente demais do que os humanos podem acreditar, eles não acreditam, e não acreditando, não a vêem.

Mais outro pensamentozinho simples: essas pessoas podem estar numa vibração diferente, uma vibração que esteja na faixa da invisibilidade, no que diz respeito aos seres humanos. Elas podem ver os humanos, mas estes não as podem ver. Acha que isso parece coisa de doido? Está bem, então que tal isso: os cães conseguem ouvir sons que os humanos não ouvem e, assim, você vai dizer que esses sons que os cães ouvem e os humanos não ouvem não podem existir? O cão pode ouvir outros sons além daqueles que os humanos ouvem. O cão ouve ambos, então por que não podem existir pessoas de outro mundo, numa gama de vibrações tão diferente, que os humanos não as percebam? Pense nisso e depois veja se não sente uma pessoa espiando por cima de seu ombro!

Ele tem mais duas perguntas aqui, que já foram respondidas num outro livro meu. Pergunta:

O Homem evoluiu do mar... para macacos... para o Homem? E de onde vêm as diferentes raças, do espaço? Os Jardineiros do Universo?

Para responder a essas perguntas, basta ler *O Eremita*; os porquês e comos e para quê estão claramente explicados naquele livro.

4

Um-Que-Podia-Ter-Sido-Amigo passou pelo corredor forrado de concreto. Com a respiração arquejante, ele empurrou seu corpo redondo em volta das pilasíras de pedra, para parar diante de uma porta escondida numa alcova escura. Ofegante, ficou ali um momento, recuperando o fôlego. Depois, com um dedo troncudo, apertou a campainha. No apartamento, por trás da porta, a campainha soou estridente.

Dentro do apartamento, o velho estava deitado, descansando. O Sol brilhava sobre as águas do porto. Junto da lagoinha das crianças, mães carinhosas vigiavam protetoramente seus filhinhos. Num galho de uma árvore próxima, um passarinho cantava as alegrias de fazer ninhos. O dia estava quente, alegre, sem uma nuvem no céu.

A campainha soou. Ruído de porta se abrindo. Vozes:

— Posso vê-lo um momento? É urgente.

Barulhode passos e o Um-Que. .. apareceu, sorridente.

— Já leu isso? — guinchou ele, brandindo um semanário em língua francesa, muito escandaloso. — Tudo sobre você. Difamatório. Sensacionalista. Vão escrever um livro sobre você. Por que não *faz* alguma coisa a respeito?

A luz do Sol não esquentava mais. Um frio invadiu o ar e uma penumbra encobriu tudo. O dia não era mais alegre. Do jornal amassado vinham as sinistras emanações do *ódio*, o ódio de homens invejosos. Um ódio que datava de muitos anos. O

ódio de escritores cujos livros não vendiam bem. Ódio, inveja, veneno concentrado contra um que escrevia e falava a *verdadel*

Um-Que. . . remexeu no chapéu e parecia ter segundas intenções ao prestar aquela informação.

— Você não gosta mesmo da imprensa, não é? — perguntou. — O pessoal de língua francesa parece estar escrevendo um bocado sobre você. É na TV também. Ontem à noite um crítico literário pegou o seu último livro e disse que não conseguia ler nem a primeira página do primeiro capítulo. Depois, desfechou um ataque amargo contra você pessoalmente. Fiquei pensando como é que ele podia atacar tanto, se não tinha lido o livro.

O Velho suspirou.

— É — respondeu. — Existe uma minoria muito barulhenta que está querendo prejudicar não só a mim, mas também ao trabalho especial que estou tentando fazer. Mas não importa o que diz um crítico, ele não é mais que uma pessoa que não tem capacidade de escrever um livro seu e tem inveja de quem tem. Eles confundem sarcasmo malvado com espírito. Não se preocupe com *eles*!

— Mas deve haver *alguma* coisa nisso — disse Um-Que. . . —, senão a imprensa não insistiria tanto. Onde há fumaça, há fogo!

O Velho fungou, indignado.

— Isso mostra como *você* está mal informado — disse ele. — Senão, não diria coisas tão idiotas.

Por algum tempo, ele ficou ali deitado na cama, pensando no passado, nos acontecimentos de uns 15 anos atrás. Naqueles tempos, ele morava em Londres, Inglaterra, e desde a publicação do primeiro livro houvera dificuldades. Uma Agência na Suíça publicara um anúncio completamente enganador em *The Times*, dizendo: “Se Lobsang Rampa se comunicar com..., saberá de algo vantajoso para si.” Assim, Lobsang Rampa, com o pressentimento de que aquilo era uma cilada, arranjou um agente, que era então o Sr. Brooks da A.M, Heath e Company, para entrar em contato com o anunciante e saber de que se tratava. Foi muito informativo. A agência confessou que estava errada, mas que tinha instruções de um autor na Alemanha para descobrir tudo.

Naqueles dias o velho tinha sido seguido, espionado, e tornaram sua vida insportável. Naqueles dias, Buttercup foi morar com eles, ele e a Sra. Rampa, como filha adotiva. Mais

tarde, ela iria ao Canadá como filha adotiva. Mas pessoas maldosas logo viram perversões sexuais nessa situação, perversões que na verdade não existiam. A moça foi aceita como membro da família, como filha adotiva, mas naturalmente as pessoas de idéias imundas não podiam aceitar tal coisa.

A família saiu da Inglaterra, terra de perseguição, e foi para a Irlanda, para a linda aldeia de Howth, perto de Dublin. Lá fizeram bons amigos, que conservam até hoje. Mas, incitada por uma porção de mentiras, a imprensa abriu uma campanha de ódio e declarações inverídicas contra Lobsang Rampa, dizendo todo tipo de coisas, todo tipo de mentiras. As histórias que inventaram eram muito mais milagrosas que a verdade absoluta que Lobsang Rampa contava.

Um dia, uma horda de repórteres ingleses surgiu na — antigamente — pacata aldeia de Howth. Eles acabaram com a paz, perturbaram todo mundo e um certo repórter roubou uma lata de lixo do lado de fora da residência dos Rampa, remexendo nela para encontrar qualquer coisa. Depois, atirou-a no jardim de outra pessoa, cheia de lixo.

Artigos fantásticos e ferozes apareceram na imprensa inglesa e alemã, que estava agindo em ligação íntima com os jornalistas ingleses. Lobsang Rampa não podia tomar qualquer providência a respeito, pois estava de cama, com uma grave trombose coronária. Pensava-se que ele estava desenganado, e a imprensa parecia esperar que ele não vivesse, pois isso ainda aumentaria mais o escândalo.

Os jornalistas foram à casa dele. Batiam na porta como criaturas dementes, que só procuravam o mal e, não o encontrando, inventavam-no. Disseram à Sra. Rampa que eles não queriam a verdade. Disseram-lhe que eles só queriam sensação. O repórter-chefe jurou que impediria a publicação de qualquer outro livro por Lobsang Rampa — este é o décimo quarto! — e parecia estar fora de si, com uma fúria insana. Mas o problema todo foi que, devido à doença, devido a uma doença grave, quase mortal, Lobsang Rampa não pôde entrar com uma ação de difamação. E como essa oportunidade foi perdida, a imprensa mundial agora parece poder citar o que bem entende dos artigos originais publicados na Inglaterra e Alemanha. Parece que, como não se propôs a ação dentro de um certo período, ela não pode mais ser proposta.

A imprensa britânica foi imunda. A imprensa alemã estava cheia de uma indignação insultada. Mas por quê? Ficaram numa

fúria insensata sem motivo, pois a História Rampa é completamente verdadeira e toda a família, sem qualquer exceção, afirmou que é tudo verdade. Lobsang Rampa é quem ele pretende ser. Um certo repórter publicou um relato dizendo que a Sra. Rampa tinha “confessado”. Não é verdade. Ela nada tinha a confessar!

A história é verdadeira. Lobsang Rampa é tudo o que pretende ser. E capaz de fazer todas as coisas sobre as quais escreve. Mas, devido à moléstia, não pôde ir ao tribunal, defender sua reputação, e agora os jornalistas, como imbecis impiedosos, copiam os artigos originais, caluniosos, e ainda os aumentam, com fértil imaginação. Os jornais de língua francesa parecem ter um prazer enorme com o que imaginam ter sido o lado sexual do caso, esquecendo-se de que não houve sexo algum relacionado com a história. Foi tudo uma associação completamente inocente, completamente pura entre duas mulheres e um homem que vivia como um eremita.

O velho pensou em todas essas coisas. Pensou nas dificuldades criadas não só para ele, mas também para aqueles que viessem depois dele, aqueles que também quisessem ajudar a este mundo conturbado. Pensou em outro ataque da imprensa. . .

Lobsang Rampa estava morando em Windsor, Ontário, Canadá. Sem seu conhecimento, na Califórnia, EUA, um homem que se dizia T. Lobsang Rampa, estava tentando reunir “discípulos” e os encorajava a tomar mesalina e peiote, dizendo que era bom para o seu desenvolvimento psíquico, etc. etc., e que Lobsang Rampa, sem fazer qualquer restrição, dizia que tomar drogas não fazia mal algum.

Mas Lobsang Rampa estava em Windsor, Ontário, e o falso Rampa estava em Los Angeles. Inevitavelmente, a fraude de Los Angeles foi publicada na imprensa, e houve grande tumulto a respeito. Afinal ficou provado que Lobsang Rampa não estava na Califórnia, e o tumulto cessou, mas a imprensa nunca publicou desmentido algum nem desculpas.

O velho virou-se na cama e remexeu em uns papéis. Por acaso, pegou três ou quatro cartas. Olhando para elas, seus pensamentos passaram para. . .

Dois ou três meses antes, as cartas tinham começado a chegar. “Onde estão meus livros? Onde estão os livros que me prometeu?” Lobsang Rampa, intrigado, nada podia entender

do que se passava, até que afinal veio uma carta do Colorado, dizendo que naquela região montanhosa havia um homem que morava numa caverna e se dizia T. Lobsang Rampa. Exortava o povo a beber bebidas embriagantes e tomar todos os entorpecentes que quisesse. Era bom, dizia ele. Aconselhava ainda às pessoas escreverem à “Sede”, pois receberiam uma coleção dos livros de Rampa, gratuitamente. Daí a correspondência que choveu sobre Lobsang Rampa, que então morava em Montreal.

Um Lobsang Rampa indignado procurou a polícia do Colorado e fez bastante pressão sobre o chefe de polícia, mostrando que má figura faria a justiça americana, se fraudes como aquela continuassem. Portanto, mais um impostor foi detido.

Houve muitos casos desses. O velho pensou na vez em que recebera cartas de comissárias de vôo, agradecendo-lhe a promessa de livros e perguntando onde estavam. Outras cartas revelaram que um impostor estivera a bordo do avião, no vôo em que elas trabalharam, e que tinha feito muita publicidade ostentosa. O sujeito dissera que era Lobsang Rampa. Falava com muita animação e entusiasmo, dizendo-se formidável e prometendo livros de graça para todos. Mas sem aparecer com os livros. E depois as aeromoças e outros, que escreveram, comentaram sobre a trapaça. A imprensa nunca leva tais coisas em consideração. Nunca pensam que as pessoas, como um bando de anões, perseguem aquelas de quem sentem inveja. E assim se dá que a imprensa chega a ajudar os maus. Parece que a imprensa só dá publicidade ao mal, nunca ao bem. Nada faz para corrigir um erro. Parece, pensou o velho, que no meu caso eles realmente exageraram o ódio deles, com seus preconceitos, citaram meus livros, citaram artigos que me atacavam e, quando surgiram reclamações, eles disseram apenas: “Ah, isso é de domínio público, nada há que você possa fazer a respeito. Temos os nossos direitos.”

As estações de televisão não ficam atrás. Por exemplo, há pouco tempo recebi um telefonema de uma estação de televisão. Era um convite. “Venha à televisão”, disseram eles. “Conte-nos uma história. Conte a verdade sobre a História Rampa.” E eu ia e diria: “Sim, a história é verdadeira, a História Rampa era si é verdadeira, retrata toda a verdade, nada mais e nada menos.” Mas não queriam deixar que eu contasse minha história. Em vez disso, insistiram em que eu devia ler um texto preparado. A isso eu me recusei, porque eles queriam que eu dissesse

que eu era um impostor. Mas não sou. Sou sincero. E foi por isso que não pude aparecer na televisão.

Houve outros casos como esse. Tinham-me dado garantias maravilhosas, no sentido de poder escrever ou dizer o que eu quisesse. “Conte a sua história”, disseram eles. “Venha à TV e diga o que quiser. Não o atrapalharemos.” Mas assim que a oferta é aceita — não, não querem a verdade, só querem o que for sensacional, só o que não é verdadeiro, só o que apela para as piores emoções da humanidade. Assim, por meio de meus livros, tentei transmitir pelo menos uma mensagem, e uma mensagem em especial: tudo o que escrevi é verdade. Meus livros são verdadeiros, contêm a minha própria experiência.

Mas Um-Que. .. estava remanchando ali, mexendo os pés, rodando os dedos.

— Você devia escrever um artigo, você mesmo, sabe — disse ele. — Por que não contar à imprensa o seu lado da história? Sabe, um homem ligado à imprensa, por que não chama o Sr. Telly? Ele terá prazer em publicar a sua história tal como você a contar. Claro, posso tomar as providências por você! Eu o conheço bem. Ele vai concordar, você verá que é fácil lidar com ele. Quer fazer isso?

O velho pensou a respeito. Pensou no artigo publicado no nojento do jornal em língua francesa e depois, tomando uma resolução súbita, disse:

— Sim! Diga ao sujeito que pode fazer suas perguntas. Traga-o aqui, e eu lhe direi muita coisa!

E assim o Um-Que... sorriu com benevolência, virou as costas e saiu. A família entrou, olhou para a cara séria do velho e disse:

— Ah, meu Deus. Mais encrenca? Nunca haverá um fim?

Mas o que é a verdade? Qual o seu conceito da verdade? Você conhece a verdade quando a encontra? Como poderia avaliar a verdade numa declaração? Preferiria a palavra de uma pessoa que pode demonstrar a verdade, ou a palavra de pessoas como os jornalistas, que só querem alguma coisa sensacional? Mas, naturalmente, a culpa não é só do pessoal da imprensa. O público também é culpado, porque, nas últimas semanas, eu soube de um caso inteiramente autêntico de um homem nos Estados Unidos. Esse homem tinha o que ele considerava uma idéia certa. Queria fazer o bem às pessoas, de modo que fundou um jornal dedicado ao bem, dedicado aos

aspectos melhores das notícias diárias, e agora o jornal está fechado. As pessoas não querem saber das boas notícias, só querem ouvir más notícias. As pessoas não querem saber se uma pessoa fez boas coisas, só querem saber das coisas más.

Há muita gente que quer difamar Churchill e outros da mesma magnitude, porque eles se sentem *ótimos* quando descobrem alguma coisa sobre Churchill — não importa que seja ou não verdade, se o repetirem bastante, as pessoas acabarão acreditando. Mas deixe dizer-lhes o que penso da verdade.

Na época atual, em que pirralhos de 14 anos se queixam porque não se podem *comunicar* nem com os de 16 anos, temos de definir os nossos termos para que o leitor possa compreender o que o escritor está querendo dizer. *O-que-é-a-verdade!* A verdade, em minha opinião, é uma declaração de *fatos*, coisas que ocorreram, coisas que *são* coisas que não são imaginação, e sim a qualidade ou estado de ser de acordo com a experiência, de acordo com o que realmente ocorreu. *Isso é a verdade.*

Exatamente! Isso descreve os meus livros exatamente: “A qualidade de ser de acordo com a experiência.” Eu — experimentei — *tudo* — o — que — está — escrito — em — meus — livros, e é por isso que eu escrevo a *verdade*.

A imaginação, inversamente, é o ato ou poder de criar imagens mentais daquilo que nunca foi realmente experimentado. Os *meus* poderes cerebrais não são do tipo que me permitam escrever ficção; minha constituição astrológica inibe completamente essa demonstração de virtuosismo cerebral — e é por isso que sou *forçado* a só escrever a *verdade*.

Vou me repetir um pouco, mesmo arriscando-me a receber uma carta de uma pessoa mal-humorada dizendo “você já nos disse tudo isso”. As pessoas realmente escrevem essas coisas, sabe? Tantas pessoas são totalmente incapazes de compreender o ponto de vista dos outros. Nunca tiveram experiência própria, e só querem ser malvados e — como já disse — puxar todo mundo para o nível triste deles.

De vez em quando, há uma temporada morta na imprensa; não há muitas notícias, terminou uma guerra, ou o mais recente símbolo sexual se casou, ou morreu, ou coisa assim, de modo que os repórteres aborrecidos reagem aos redatores irritados com a falta do que fazer, inventando algum *escândalo* que de fato não existe. Às vezes algum pobre professor é acusado de algum crime hediondo e é exposto ao sarcasmo público por

algo de que é inteiramente inocente, só com base em provas de ouvir dizer.

Tendo sido falsamente acusado, julgado é condenado pelas perversas imprensas da Inglaterra e Alemanha, enquanto os jornais dos outros países as imitavam, vou dar alguns detalhes a respeito, pois, como terão lido nas páginas anteriores, a imprensa *continua* a tentar minha *execução*, como não tem deixado de fazer nos últimos 15 anos.

Em minha inocência, eu pensava que todas as pessoas acusadas de alguma coisa tinham o direito de enfrentar o seu acusador, pensei que todas as pessoas tinham o direito de se defender, mas — e eu lhes digo isso muito seriamente — a imprensa recusou-se, sem exceção, a permitir que eu expusesse a minha versão da história. Recusaram-me qualquer oportunidade de me defender. É como algum valentão, com um alto-falante, querendo fazer calar uma pessoa que só consegue cochichar. O.K., estou cochichando. Querem ouvir?

Sou um autor que realmente não tinha a intenção de me tornar escritor. Na Inglaterra, há muitos anos, tentei conseguir emprego, sem qualquer êxito. Eu era velho demais, ou *diferente* demais ou isso ou aquilo demais. Dirigi-me (como podem lêr em meus livros) à agências de emprego e todo tipo de lugares estranhos, tudo sem resultado. Depois, deram-me uma apresentação pessoal para falar com um agente de autores, que, diziam, poderia ter “alguma coisa útil”. Pois bem, o agente, sem dúvida querendo um negócio lucrativo, recusou-se a me dar trabalho, dizendo “Já ouvi falar de você; escreva um livro sobre a sua vida”.

Saí do escritório dele aborrecido e, confesso, bastante irritado porque mais uma vez eu tivera trabalho à toa. Nada estava mais longe de meu pensamento do que escrever livros. Eu achava isso uma coisa tão tola! Mas o desemprego e a fome conseqüente venceram e, por fim, com muita relutância, escrevi um livro *verdadeiro* sobre minha vida, um livro *verdadeiro*. Revelei um passado que eu queria muito ocultar, revelei-o e escrevi sobre ele, para poder comer.

Mas existia a inveja; o fato de eu ter êxito despertou a raiva de certas pessoas que tinham muito dinheiro e — para falar claramente — fui acusado falsamente e atacado num momento em que, devido a uma doença grave, não podia defender-me.

Ninguém jamais conseguiu *provar* que eu era uma fraude: para cada *perito* que me tachava de impostor, havia três ou mais que atestavam a minha veracidade total. Nunca fui acusado num Tribunal, houve apenas as vergonhosas insinuações da imprensa e outros, insinuações que na ocasião eu não pude refutar devido à trombose coronária.

A imprensa, as estações de televisão e o rádio se têm sempre negado a dar a minha versão da história. Recusaram-se a imprimir ou transmitir minha declaração de que os meus^ livros são completamente verdadeiros. Ao^ contrário, repetem o caso todo, acrescentando mentiras novas às outras mentiras, até que no fim nem se entende mais.

Isso me lembra a pessoa de quem acabei de lhes falar, o homem que fundou um bom jornal e que fracassou porque o público gosta de escândalo, as pessoas gostam de prejudicar os outros. A imprensa sabe que, se eu me revelasse completamente verdadeiro, isso não ajudaria a circulação deles. Só o escândalo, o assassinato, o estupro, etc. são artigos úteis para a imprensa.

As pessoas *gostam* de dizer “ah, sim, eu sei que é verdade, li nos jornais”. É o caso de dar má fama a um cão e enforcá-lo antes que ele possa fazer alguma coisa em sua defesa. No meu caso, essa atitude realmente causou grande mal. Eu tinha esperanças de auxiliar o Tibete, falando diante das Nações Unidas, e, de fato, creio que os meus livros ajudaram o Tibete e a causa do Tibete enormemente, pois os meus comentários tomaram o país conhecido, minhas observações tomaram *humano* o povo *estranho*.

No entanto, a despeito do auxílio que eu poderia dar, alguns dos “altos funcionários” exilados na Índia falaram mal de mim, porque, ao que eu soube de fonte fidedigna, disseram- lhes que me desacreditassem, para não perderem o auxílio prestado por certas organizações religiosas. Pode-se perguntar como é que esses líderes espirituais (assim chamados) abandonam um dos seus? Mas o Presidente Mao e o Generalissimo Chiang Kai-shek são ambos chineses, e ambos procuram desacreditar- se mutuamente. Mesmo aqui no Canadá, onde moro agora, o Sr. Stanfield faz o possível para desacreditar o Sr. Trudeau, ou então o velho Tommy Douglas que se mete com todos e procura desacreditar todo mundo. Parece ser um risco do ofício.

Mas consideremos outro caso. Na Irlanda do Norte, os cristãos se matam uns aos outros porque dois tipos de cristãos

pensam que só eles têm razão; ambas as facções são irlandesas, ambas são cristãs, ambas parecem crer nas mesmas coisas, e no entanto brigam e se matam, e a imprensa, com reportagens inflamadas, põe lenha na fogueira. Se *bons cristãos* agem assim, não é compreensível que os tibetanos na Índia, sob uma considerável pressão política e religiosa, possam, *sob ordens*, repudiar um dos seus que está em outro lugar, *pe/cç grande benefício da maioria*?

Os meus livros são verdadeiros. Sim, mas as pessoas não entendem e essencial. Não importa que eu tenha nascido em Lhasa ou em Londonderry; o autor não importa, e sim o que o autor escreve. Esses livros o ajudaram? Ajudaram alguém? Aprendeu-se alguma coisa com eles? Sim? Então valem a pena. Você, o leitor, paga algumas moedas por uma brochura. Essa quantia mínima não o justifica automaticamente a se intitular de promotor, júri, juiz e executor. No entanto, é isto que alguns de vocês estão tentando fazer, e adorando fazer.

Mas é assim mesmo, você escolhe aquilo em que quer acreditar. Eu digo que os meus livros são verdadeiros. Ora, não digo isso à toa, digo porque milhares de pessoas já me escreveram, afirmando que os meus livros as ajudaram, as impediram de se suicidar, ajudaram parentes moribundos, tiraram-lhes o medo da morte, etc. etc. Não acham que, diante de tudo isso, tenho direito a um pouquinho de consideração, um pouquinho de boa vontade em vez dos impropérios que a imprensa me está sempre dirigindo? Conforme lerão adiante, eles chegaram a me expulsar de Montreal.

Vou citar a *The Gazette* de Montreal, de quinta-feira, 15 de junho de 1972. As manchetes são: “Tibetanos em Quebec Procuram Manter Viva a Tradição. Estrangeiros na Terra Prometida.”

“Vamos ser estrangeiros por muito tempo, murmurou Lynne Borjee, baixinho, por cima da xícara de chá.”

“Ela olhou depressa para a amiga, Kesang Ichhemorito, e sorriu com trizeza, procurando a expressão inglesa adequada.” “. . . Kesang, aos 22 anos, é uma moça tímida e reservada, com maçãs do rosto salientes e um sorriso contagioso, mas confessa que não confia nos jornais de Montreal.”

“Quando viemos para cá, um jornal francês escreveu uma história sobre nós, dizendo que nem sabíamos o que era um maiô de banho, e que íamos nadar de capa de chuva. Podemos ser de outro país, mas não somos burras.”

“A história também não agradou muito a Lynne. *Nós nunca nem vimos o repórter que escreveu a história*, disse ela.” Onde estará a verdade? Com o repórter da imprensa ou as refugiadas do Tibete?

Sim, eu certamente venho a saber de todo tipo de coisas estranhas. Por exemplo, o nosso velho amigo, Sr. John Henderson, de quem já ouviram falar, mandou-me um recorte e parece que não posso citar muita coisa dele, porque... bom, porque o meu editor pensa que eu poderia estar infringindo o *copyright* de alguém, e a gente tem de agradecer ao editor, não é? De qualquer forma, o Sr. Henderson mandou-me um recorte do *Charlotte Observer*, datado de 26 de agosto de 1971, e os cabeçalhos são bastante alarmantes: “Japoneses Dizem Jesus Morreu, Sepultado lá, Era 112.” Os cabeçalhos continuam: “Jesus Não Crucificado — Documentos. Japoneses Alegam Cristo Sacrificou Irmão na Cruz Depois Fugiu.” O artigo é de autoria de John Justin Smith. Parece que o camarada é repórter do quadro do *Charlotte Observer*, mas seria bem interessante para alguns de vocês que moram nos EUA conseguir aquele jornal e ler todos os detalhes que ali aparecem. São detalhes muito circunstanciais — uma leitura muito autêntica.

Tenho uma boa amiga no Japão, e essa moça, a quem é dedicado este livro, fez umas investigações para mim e... bem, eu lhes recomendo seriamente conseguirem aquele jornal, pois alguns de vocês o acharão muito interessante. Mas tenho de me lembrar das exortações e recomendações do Sr. Editor (que Deus o abençoe!) de modo que o melhor que temos a fazer agora é responder a mais umas perguntas. Tenho umas muito boas aqui.

Sim, é verdade, algumas dessas perguntas *são* realmente bem boas. Por exemplo:

Por favor, pode explicar-me como é que a arte ou outras atividades criadoras aumentam as nossas vibrações? E essas vibrações são benéficas?

Na verdade, tudo e todos, como já disse, se resumem em vibrações. Existem vibrações negativas e vibrações positivas, e não sei quantos de vocês já brincaram com diapasões. Mas se você tiver dois diapasões, poderá segurar um deles com a extremidade sobre uma mesa, e depois bater no outro para fazê-lo ressoar, e depois colocá-lo com a extremidade na mesa, a algu-

ma distância do primeiro — e o primeiro começa a ressoar em harmonia com o outro. Consiga um par de diapasões em uma loja de música, são bem baratos, experimente-o e verá que é bem interessante.

Quando conseguimos vibrações agradáveis, isso nos faz vibrar de modo mais agradável, isto é, aumenta o nosso ritmo de vibração e assim nos torna mais felizes, mais espirituais, mais perceptivos. Mas se conseguimos uma coisa que deprime as nossas vibrações, então ficamos malvados, decaímos espiritualmente e isso positivamente paralisa o progresso espiritual.

A pintura, afinal, é apenas um conjunto de materiais dispostos de maneira que toda vibração seja tal que nos agrade e aumente o nosso ritmo de vibração. Assim a arte, seja um quadro ou música, pode aumentar a nossa espiritualidade, elevando nossas vibrações. Lembre-se, vibrações agudas são boas e positivas, vibrações graves são negativas e nem sempre tão boas.

A próxima pergunta é interessante, e se encaixa na anterior. Uma senhora escreve:

Esta é uma pergunta sobre a qual, creio, muita gente gostaria de se informar: o medo. O senhor já descreveu que o medo não é mais que a imaginação lutando com a força de vontade e que a força de vontade sempre perderá a luta. Qual a causa do medo?

Voltemos à arte; se vemos uma coisa bela, nós a apreciamos, gostamos dela, sentimos prazer com ela. Mas se vemos uma coisa terrível — o que direi? um quadro de torturas diabólicas? —, seja o que for, se é uma coisa terrível, bestial, horrenda, isso deprime as nossas vibrações e começamos a pensar “imagine se isso me acontecesse a mim!”. Aí, imediatamente, isso provoca uma reação em cadeia em nossa constituição vibratória e a vibração desagradável, que chamamos de medo, se alimenta de si mesma e produz mais medo.

Acontece a mesma coisa quando uma pessoa passa por um cemitério, à noite, e alguma coisa se move. Seus cabelos se eriçam e ela fica muito tentada a sair correndo, porque a imaginação abaixa as vibrações, de modo que a pessoa fica suscetível a impressões do astral inferior, de espíritos desencorpados, corpos em caixões e todo o resto. Pensamos que muitas coisas nos podem acontecer, pensamos que um fantasma vai sair e nos morder, ou coisa assim. Bom, pensamos nisso e não somos racionais a respeito, e assim o medo aumenta cada vez mais. Em outras palavras, as vibrações tornam-se cada vez mais baixas e nós nos

tomamos cada vez mais sombrios.

O medo não é mais do que a imaginação descontrolada. Se você quiser vencer o medo, tenha *certeza* de que nada lhe vai fazer mal. Nada lhe pode fazer mal. Diga consigo mesmo que você é uma alma imortal e, embora seja possível a alguém temporariamente estragar suas roupas ou o seu corpo, isso não afetará a *você* essencial. Quanto menos você temer, menos terá a temer, de modo que no fim você se pode disciplinar tanto que o medo não mais existe, não pode existir, em sua constituição. Aí, você conhecerá o contentamento e a satisfação, você andará de cabeça erguida e de ombros para trás (a não ser que viva numa cadeira de rodas!).

Agora, ouça o seguinte:

Você já descreveu que as drogas podem causar muito malefício à espiritualidade da pessoa. Esse malefício pode ser remediado durante a vida? Diz também que a pessoa nunca devia tomar entorpecentes, mas certamente há de concordar que muitas pessoas conseguiram experiências de ficar fora do corpo com o uso de drogas, conseguiram esclarecimento espiritual com o uso de drogas. Acredito que não tenha razão, ao dizer que os entorpecentes são nocivos. Por que diz isso?

Sim, senhora, continuo a dizer que os entorpecentes são nocivos. Digo que as drogas são obra do diabo, pois, se tomar drogas, estará alterando as suas vibrações artificialmente e estará tornando quase impossível (eu disse “quase”) desenvolver-se espiritualmente sem o auxílio desses apoios.

Os entorpecentes são realmente coisas terríveis e positivamente maculam o seu corpo astral e prejudicam o seu corpo físico.

Acredita que os atletas deveriam tomar drogas para correrem mais depressa ou saltar mais alto? Acredita que as pessoas deveriam tomar comprimidos de Benzedrina para poderem aguentar mais? Se acredita, devia ler alguns dos relatórios da polícia. Como ilustração, vou falar-lhe sobre os motoristas de caminhões de longas viagens; esses homens dirigem em distâncias enormes todos os dias e, naturalmente, ficam cansados. Assim, muitos deles adquiriram o hábito de tomar drogas ou, como eles dizem, “bolinhas”, e os arquivos da polícia e as estatísticas das companhias de seguro provam incontestavelmente

que o uso dessas drogas provoca acidentes, morte e lesões mentais. Ora, se os laboratórios de entorpecentes pudessem fabricá-los impunemente, venderiam todo tipo de drogas, pois estão no negócio para fazer dinheiro, mas é idiota continuar a vender coisas como o LSD, *bolinhas* e o mais e depois verificar que estão prejudicando a saúde de tanta gente. Digo que as drogas deviam positivamente ser condenadas.

Mas aqueles que já tomaram drogas, que esperança podem ter? Têm todas as esperanças, desde que se abstenham rigidamente de tornar a tomá-las, desde que comam e bebam com juízo e desde que não se entreguem a abusos demasiados — abusos sobre si, quero dizer. Ninguém está *além dos limites*. Todos podem ser ajudados, se quiserem ser ajudados. Por isso, se alguns de vocês, que são viciados em drogas, realmente quiserem largar o vício, poderão fazê-lo a qualquer momento e, quando chegarem ao Outro Lado, verão que a sua forma astral se recuperou do choque psíquico de seu vício físico.

Quero dizer alguma coisa aqui sobre o suicídio porque ultimamente tenho ficado abismado ao ver o número de pessoas que me escrevem dizendo que andaram tomando entorpecentes e que não vêem outra saída a não ser o suicídio. Bom, meu Deus do céu! O suicídio é muito errado mesmo. Você se faz mal e tem de voltar a um estado muito pior se se suicidar. Se você tiver dificuldades que o levam a pensar em suicídio, então converse sobre o assunto com um padre, ou até mesmo com o Exército da Salvação, ou procure no catálogo de telefones e descubra alguma associação ou sociedade de assistência, com quem você possa conversar sobre os seus problemas. Portanto, quero frisar, como já frisei muitas vezes, *nunca pense no suicídio como uma saída. Não se suicide*. Você se estará prejudicando, se o fizer. Suicidando-se, você terá abandonado a salvação. Continuando vivo, há sempre uma saída para o seu problema. O suicídio não é uma solução porque — repito — você voltará para circunstâncias mais difíceis.

Agora, outra pergunta:

Como é que algumas pessoas são de um signo do Zodíaco e outras de outros signos? Se somos de Touro, como podemos compreender os problemas de uma pessoa de Câncer, ou de Leão, ou de Escorpião, ou outro signo? Não entendo esse problema de sermos de diferentes signos do Zodíaco. Pode dar-nos uma explicação?

Sim, posso. Cada pessoa passa por todos os signos do Zodíaco, e há 12 signos. E cada pessoa tem de viver em cada quadrante do Zodíaco. Portanto, você pode estar justamente entrando no signo de Libra em uma vida e depois em outra vida (não necessariamente na seguinte) você pode estar bem no meio do signo de Libra e em outra vida pode estar saindo do signo de Libra, ou, claro, todos os outros signos do Zodíaco. Portanto, você tem de viver por todos os signos e todas as partes dos signos para ter a experiência completa de cada um dos signos.

Pergunta:

Fale-nos do futuro. Nós, ocidentais, vamos todos levar a breca, ou as coisas de repente vão melhorar para nós? Diga-nos. Acabei de comprar um terreno nas Montanhas Rochosas, no Estado de Washington, mandei construir uma casa ali, e espero ficar livre de todas as encrencas. Estarei?

Bom, temos de nos lembrar de que tudo vem em ciclos. Imagine que você está olhando para um grande pêndulo. O pêndulo está no topo de sua oscilação. Digamos que você está olhando para esse pêndulo e ele está no topo de sua oscilação do lado direito. Aí você o solta, e ele avança para baixo e afinal chega ao seu ponto mais baixo, e depois torna a subir para chegar ao ponto mais alto. Depois ele vira e desce de novo ao ponto mais baixo e depois toma a subir. A vida — a existência — é assim. A gente tem uma Idade de Ouro e depois as pessoas ficam por demais satisfeitas consigo mesmas de modo que as coisas começam a piorar cada vez mais, as coisas ficam cada vez mais baixas, como o pêndulo no seu balanço para baixo. E então, quando estiver quase no fim do balanço, você tem a negação de todas as liberdades, tem o comunismo, quando as pessoas ficam muito fartas de receberem ordens. Depois disso, elas tornam a lutar pela liberdade e assim, tal como o pêndulo que se moveu para cima, as pessoas lutam por mais espiritualidade e trabalham muito por isso, deixam de lado suas disputas mesquinhas, suas brigas e as circunstâncias melhoram. Afinal a vida se torna bem agradável, depois torna-se muito boa e cada vez melhor. E assim chegamos de novo à Idade de Ouro, época em que as pessoas se tornam complacentes, satisfeitas demais, contentes demais. Assim, elas se sentam e se recostam, têm tudo, não há mais nada por que trabalhar. E aí o pêndulo recomeça o seu balanço para baixo, e as pessoas vêem surgir as dificuldades, vêem que o comunismo reaparece e temos a mesma coisa, ciclo após ciclo.

Ora, no momento estamos passando por dificuldades nesta Terra. O pêndulo ainda está indo para baixo, e ainda tem de descer mais ainda, antes de poder subir, mas, animem-se, o comunismo que o mundo conhecerá não será tão severo quanto o que iniciou esse culto ou política perversa neste mundo, pois cada vez as circunstâncias são um pouco melhores. Assim, nos estamos aproximando da hora mais escura antes da aurora, mas, depois dessa hora mais escura, os raios de luz brilharão pelo céu, as trevas se acabarão, o dia raiará, e voltaremos à Idade de Ouro. Mas, no fim do dia, a noite tornará a cair, para ser seguida da tristeza e da escuridão, até que novamente a aurora surja sobre o mundo e a vida se tome cada vez mais brilhante, até o ponto em que, com o aumento da complacência e satisfação própria, as circunstâncias se deterioram. E assim por diante, até o fim dos Tempos, a Terra e todos os mundos têm ciclos do bem e do mal, e bem e mal. Portanto, animem-se, pois ninguém jamais está só ou abandonado. Sempre há esperança, guarde isso em mente. Você pode ser tão bom quanto quiser. Pode ser ajudado a qualquer momento, se realmente o quiser.

5

Estava ficando difícil sair aos jardins ou passear pela praça na cadeira de rodas. As cortinas estremeciam ligeiramente quando eu passava e talvez mesmo aparecesse um olho, quando algum curioso espiava a minha passagem.

Havia cochichos: “É, é ele mesmo, é ele.” Outros, mais diretos, vinham abertamente me dizer que tinham ouvido falar de mim na televisão francesa, ou tinham lido a meu respeito nos jornais de língua francesa. Alguns chegavam até a comentar que parecia haver uma conspiração para me fazerem o mal que pudessem.

O número de visitantes que estavam “apenas tirando umas fotos” aumentou. Era de notar que todos conseguiam apontar a câmara em minha direção. Certa ocasião, eu ia sozinho em minha cadeira de rodas, ao lado da rua, e um carro, que vinha em velocidade pela rua, diminuiu a marcha, os freios rangendo, ao meu lado. O motorista passou a dirigir lentamente e — coisa muito perigosa — usou uma câmara de cinema para me filmar, ao mesmo tempo que tentava guiar seu carro numa via pública!

Chegou um momento em que os cochichos e as irritações se tornaram insuportáveis, de modo que conversamos sobre as coisas e eu disse: “Ah, então chamem esse Sr. Telly, mas vou dizer-lhes o que eu vou fazer; já fui tão passado para trás pelas pessoas, não só a imprensa, mas todo tipo de pessoas, que acho que desta vez usarei um gravador. Depois, se houver alguma

dúvida, então terei provas do que aconteceu, provas isentas de recordações faltosas, livres do que eu poderia chamar, delicadamente, de “liberdade de jornalistas.”

Dentro de poucos dias surgiu um ronco, algo como a decolagem de um moderno avião a jato, ou uma cápsula espacial, ou coisa parecida, e o carro muito moderno do Sr. Telly disparou pela rua, fez uma curva violenta para a direita, parando à entrada, vários andares abaixo. Minutos depois, ouvi passos apressados e uma parada quase *derrapada* seguida de pancadas à porta. O Sr. Telly entrou.

Claro, que deve ser entendido que “Sr, Telly” não era seu verdadeiro nome. Seu verdadeiro nome não importa, nada tem a ver com este livro, mas eu achava que, como a televisão, jornais, rádio e tudo isso são mais ou menos o mesmo negócio, eu podia inventar um termo genérico. Isso deve ser esclarecido porque, seriamente, de verdade, já me escreveram perguntando a respeito da Sr a. Hensbaum e Rosie Hipps, e gente assim, sem perceber que eu estava usando nomes inventados.

Pois bem, o Sr. Telly entrou. Nós nos cumprimentamos amavelmente e depois ele me disse que tinha uma lista de perguntas. Eu expliquei-lhe que era um homem muito doente e não sabia se iria suportar tantas horas de entrevista, de modo que sugeria o seguinte: ele me daria a lista de todas as suas perguntas, algumas eu responderia logo e as outras, por escrito.

O Sr. Telly concordou com a cabeça e puxou uma porção de papéis do bolso. Alguns tinham uns rabiscos bonitos, pois ele era um grande rabiscador. Depois, ele colocou as perguntas sobre a cama, diante de si.

— Antes de começar — disse eu —, gostaria que o senhor compreendesse claramente, Sr. Telly, que, nesse material, conservo o meu *copyright*, porque pretendo utilizar todo esse material num livro que escreverei em língua inglesa. O senhor compreende isso, não?

O Sr. Telly fez uma cara meio feia, e disse:

— Ah, bom, e como é que eu vou fazer se os direitos autorais são seus? Não posso usar o material eu mesmo, posso?

— Bom, pode sim, Sr. Telly — disse eu —, pois lhe estou dizendo que pode usar todo esse material no livro francês que sei que vai escrever; eu o usarei no livro inglês, de modo que não haverá choque entre o que pretendemos fazer, não é?

A Sra. Rampa, que escutava atentamente, concordou muito séria e aí o Sr. Telly disse:

— Ah, bom, então está bem,

— Então — disse eu — esse retrato que o senhor trouxe desse jornal em língua francesa. ., bom, isso me faz sentir não saber melhor o francês. É interessante que esses camaradas me considerem um “impostor delicado”. Na verdade, não sou nem delicado nem impostor, mas certamente os comentários deles são uma espécie de elogio, pois há tão pouca delicadeza no mundo, hoje; parece que os judeus e os árabes estão se digladiando mutuamente, e os cristãos estão tentando ver o que existe dentro dos outros, e as bombas são atiradas em Montreal, e a imprensa e a televisão tratam a todos com selvageria. Sim, suponho que seja um grande elogio ser considerado “delicado”, mesmo que seja como impostor.

— Mas, sabe — prossegui —, isso só mostra como a imprensa é falha, pois eu sempre disse que não importa quem escreve algo, contanto que escreva uma matéria que beneficie aos outros, contanto que escreva a verdade. É isso o que eu digo, digo que não importa *eu*, não importa quem eu seja, nem o que eu seja. Se aquilo que eu escrevo traz algum benefício a alguém, e cartas em meu poder provam que eu realmente levo benefícios às pessoas, então minha identidade precisa, ou se eu assino o nome com A, Y ou Z, certamente não importa. Essa entrevista, sabe, é apenas para gratificar a curiosidade do público. O senhor parece achar que é uma boa idéia, mas não estou certo se concordo com o senhor,

E assim continuei, respondendo separadamente cada pergunta:

— Uma de minhas queixas é a seguinte: eu conto a verdade absoluta e, no entanto, a imprensa deturpa tudo, tirando as minhas declarações do contexto e fabricando outras bem diferentes, que eu certamente não fiz nem quis insinuar. Declaro que tudo o que escrevi é verdade. Como é que alguém pode deturpar isso? Mas não duvido de que a imprensa o fará, de algum jeito. Por que a imprensa não faz umas pesquisas? Certamente tem o dinheiro necessário. Podiam fazer pesquisas em casos autênticos de transmigração. Até mesmo na Bíblia há casos de transmigração, e em toda a História, em todas as bibliotecas do mundo, há muitos casos realmente autênticos, registrados. Tenho de ter cuidado ao dizer “realmente” autênticos, pois senão algum jornalista débil dirá: “Ah, ele usa *realmente*, portanto está insinuando que ele mesmo não é real”. Mas não

é nada disso. Declaro que experimentei a txansmigração definida e autêntica.

— Agora, o senhor me pergunta sobre esse negócio de bombeiro, encanador. Bom, qual o mal em se ser bombeiro? Estou certo de que o senhor já deve ter achado os serviços de um bombeiro muito úteis de vez em quando. Na verdade, os serviços de um bombeiro lhe podem ser muito mais benéficos do que os de um jornalista. Se a gente se tranca dentro de um quartinho minúsculo, por exemplo, não será o jornalista quem nos vai tirar de lá.

— Contudo, acredite ou não, e não me importa em absoluto, não, nunca fui bombeiro. Se tivesse sido, estaria muito mais rico do que sou no momento, pois acredito que os bombeiros sejam muito bem pagos. Eles certamente cobram bastantel

— Acabei de falar em estar trancado num quarto mínimo, e há uma história que me contaram há algum tempo, e que me deu muita alegria. Havia um jornalista de muito mau caráter, um que me perseguiu impiedosamente, e ele foi a bordo de um navio para uma entrevista. Ele não era nada querido nem popular entre os outros repórteres, seus companheiros, e, se alguém não é popular entre os próprios colegas de profissão, então deve ser um espécime muito ruim mesmo. Mas de qualquer maneira, esse repórter teve de ir o senhor-sabe-aonde e, quando ele estava lá naquele espaçozinho, alguns de seus companheiros fizeram uma barricada na porta, impedindo que ele saísse. Conseqüentemente, perdeu a entrevista completamente, e isso foi bom porque ele não escrevia bem, nem sabia o significado da verdade. Aliás, isso se aplica a todos os jornalistas, não?

— Voltando a esse negócio de bombeiro, não, nada sei a respeito porque, como já disse, a minha história é verdadeira e as páginas de *The Rampa Story* lhe dirão tudo o que sei dessa vida passada. Pense nisso assim: o senhor vai a um cinema e assiste a um filme que, por algum motivo extraordinário, está sendo passado de trás para diante, isto é, o filme corre de agora para então. Bom, o senhor fica confuso, seu sentido de tempo fica alterado porque tudo é invertido. Mas procure lembrar-se de um filme que viu, digamos, há 20 anos! O que sabe do filme agora? Provavelmente, não estava nada interessado e, se escreyesse exatamente o que aconteceu naquele filme que está sendo passado de trás para diante, não concordaria precisamente

com os fatos atuais. Tenho uma memória completamente eidética sobre tudo o que aconteceu a *mim*, a mim pessoalmente. Mas não sou bom para tentar retratar a história da vida de uma pessoa que nunca conheci e que não quero conhecer.

— O que é a transmigração? Bom, eu pensei que todo mundo soubesse o que é. Se não sabem o que é, não podem ser muito bons em matéria de religião, não é? A transmigração consta ser o movimento de uma alma de um corpo para outro corpo. Existem muitos, muitos casos registrados na história do mundo, em que a alma de uma pessoa deixou um corpo, mas antes de a morte ocorrer naquele corpo, outro corpo foi habitado. É assim simples.

— Se quiser ser mais explícito, pode-se dizer que existe um carro. O carro pára e o motorista salta. Outro motorista entra e sai com o carro. O motorista, nesse caso, pode ser comparado com a alma. Assim a alma, que é o primeiro motorista, deixou o carro que é o corpo, e uma alma nova, que é o segundo motorista, entrou no carro e foi embora. Assim como pode haver um carro dirigido por duas pessoas, uma depois da outra, naturalmente, também pode haver um corpo que é ocupado primeiro por uma alma e depois por outra. Nada há de muito estranho nisso.

— Outra maneira de encarar a coisa, se ajuda a esclarecer, é a seguinte: você tem uma bateria de carga, e a carga, que neste caso é a alma, se acaba, com o uso, e aí a bateria é carregada novamente e, na verdade, essa bateria ganha uma nova alma.

— O problema é que aqui, parte ocidental do mundo, as pessoas estão mais interessadas em ganhar dinheiro e em fazer mal aos outros, mas na parte oriental do mundo, há um conceito totalmente diferente do propósito da vida. No Extremo Oriente, as pessoas se interessam mais pelo lado espiritual da vida, as coisas do espírito têm maior valor que as do corpo.

— Mas o senhor continua interessado nesse negócio de bombeiro, e como isso começou. Pois bem, na Inglaterra existem muitos esnobes, temos de confessar, e, se uma pessoa for bombeiro ou lixeiro, é considerado muito humilde e supõe-se que não tenha educação alguma, e que tenha de levar a mão à testa engordurada e dizer “sim, Deus, não, Deus” aos fregueses que não pagam as contas. Portanto, o melhor meio de se menosprezar um homem na Inglaterra é dizer “ele é filho de bombeiro” ou então “ele é bombeiro”, o que, parece, ainda

é considerado pior. Mas não posso deixar de sorrir quando penso que o Fundador da Religião Cristã era carpinteiro, que não é melhor do que ser bombeiro!

— Lembro-me de um caso que ilustra isso muito bem. Lorde Hambledon é um homem culto e importante, mas havia alguém falando dele de maneira depreciatória, dizendo: “Ah, aquele sujeito Smith, que vende livros.” Isso, porém, não afeta a verdadeira posição de Lorde Hambledon, cujo nome também é Smith e que, afinal de contas, é o maior e talvez o mais importante vendedor de livros da Inglaterra.

— Esta é a Era de Kali, a era da demolição, em que o insignificante homem zinho da rua e sua mulher, de nariz para cima, toda sarapintada, com quilos de pó-de-arroz, querem destruir tudo o que realmente importa, querem rir da tradição, querem escarnecer da cultura e não têm tempo para se instruir porque, por meio da televisão e do pessoal da imprensa, recebem uma instrução muito superficial, acima de seus meios e de suas cabeças! Ouvem histórias fantásticas sobre as casas de Hollywood e metem-se na cabeça idéias comunistas de que também eles deviam ter tais casas, casas que só existem realmente na imaginação febril do pessoal do cinema.

— O pior aspecto de nossa civilização atual é como uma minoria muito barulhenta pode fazer parecer que uma pessoa é uma fraude, ou que ela é detestada, etc. O mesmo acontece com as greves. Temos alguns camaradas que apupam e que provocam o povo até ficarem todos completamente frenéticos. Aparecem alguns valentões que surram a pessoa até deixá-la sem sentidos, se tentar ficar do lado da decência. E assim a pessoa comum, que gostaria de saber da verdade, é levada pelo medo a ouvir a ralé e os valentões e a imprensa.

— Mas vou dizer-lhe uma coisa: se um homem tiver uma grande firma, ou se ele tiver funções de supervisor, terá de ser classificado como o mais reles de todos? Por exemplo, se ele for proprietário de um jornal, tem de ser apenas o copy-diabo, ou seja como for chamado o camarada hoje em dia? Ou se ele tiver uma grande firma de eletrodomésticos, pode ser considerado um encanador ou bombeiro, ou é o chefe da firma? E uma coisa horrível as pessoas hoje serem tão esnobes. O que foi Moisés? Certamente Moisés foi um enjeitado, uma criança sem lar que foi encontrada em algum lugar. E o que foi Jesus? O filho de um carpinteiro, é o que nos contam. E esta, como já disse, é uma profissão ainda mais velha que a de bombeiro.

— Mas voltando aos tempos atuais, a imprensa também inventou uma boa coisa, no entender deles, desfazendo da realeza. Não se referem tantas vezes à Princesa Margaret como “a Sra. Jones”? Não se referem àquele grande homem, o Príncipe Philip, como sendo apenas um estrangeiro que conseguiu ser aceito na Marinha Britânica ou coisa que o valha? Estranho, não é? E assim, por que não podemos chamar um redator de um jornal um trapeiro? Afinal, ele tem um trapo, não tem?

— Mais uma vez, vou declarar que todos os meus livros são verdadeiros. Digo-lhe que tenho um motivo muito especial para insistir nessa verdade. Vou até dizer-lhe por que insisto nisso; a transmigração é um fato, não uma fantasia, e haverá muitos outros como eu que virão para este mundo. Se eu puder salvar algum deles do sofrimento e do inferno de perseguição que eu suportei devido ao ódio aqui, então o meu próprio sofrimento terá sido mais do que justificado.

— As pessoas que conseguiram a transmigração, e que falaram a respeito, foram consideradas estranhas. Algumas foram até internadas em hospícios! Mas se uma pessoa parece estranha a outra pessoa, ela é temida e, se é temida, também é odiada. Já viu um cão aproximando-se de um cão estranho? Já viu como ele anda em círculos, cheirando e rosnando, sempre com medo de perder alguma coisa? Pois bem, é assim que os humanos se comportam comigo, porque acham que sou diferente, de algum modo. Por isso, querem dizer que sou um impostor e que, como eu sou tão estranho, tenho de ser impostor. Não sou não, sabe. No momento eu sou um só, o homem solitário, mas haverá outros que virão pela transmigração e eles continuarão do ponto em que eu parar, devido à enfermidade e à pobreza, ambas causadas pelas perseguições.

— As pessoas perseguem e temem aquilo que não entendem. As pessoas odeiam aqueles que as levam para setores em que não penetraram antes. As pessoas odeiam aqueles que escrevem sobre assuntos que ultrapassam as experiências limitadas do leitor. As pessoas procuram destruir aquilo que não está de acordo com os seus próprios conceitos e normas, como, por exemplo, os vários cristãos na Irlanda do Norte tentando destruir todos os outros cristãos, cujos conceitos podem ser microscopicamente diferentes. Como, por exemplo, os brancos americanos querendo escravizar ou destruir os negros americanos porque eles não se adaptam às normas dos brancos. O caminho daquele que traz a verdade é duro; somente o sadista

e o pornográfico são louvados e cobertos de ouro. Não importam as conseqüências — meus livros são verdadeiros.

Minha mulher já foi abordada por jornalistas, que queriam que ela escrevesse coisas sensacionais, coisas que o público devorasse. Não precisava ser verdade. Se fosse verdade, disseram ele, não seria sensacional, seria apenas a verdade. Mas um homem lhe ofereceu uma importância considerável para negar tudo o que eu digo e para inventar uma porção de coisas estranhas. Ele queria orgias sexuais, templos subterrâneos, e ritos obscenos. Naturalmente, minha mulher recusou-se. Mas isso vem mostrar que existe uma partezinha da imprensa que quer falsear a verdade. Não suportam a verdade, nada lhes interessa.

— Tem havido um interesse espantoso pela minha vida sexual! Ora, isso eu posso responder muito facilmente, é muito simples responder a isso: não tenho vida sexual, vivo como um eremita. Podiam dizer, e já foi dito muitas vezes, que vivo como pensionista em minha própria casa, mas aqui não há problema com a moral. Cada um de nós tem respeito pelos outros e, sabe, não somos todos pervertidos sexuais malucos. Deixamos isso para os outros.

— Ah, sim, tenho de lhe dizer algo que devia fazê-lo rir. Tive uma comunicação de uma senhora, uma senhora franco-canadense, é claro, que declarava muito triunfante que ela sabia que eu era impostor porque eu olhava com carinho para os meus gatos, quando ela me viu num programa filmado. Se tenho carinho para com os gatos? Claro que tenho! Gosto realmente dessas criaturinhas, gosto de todos os gatos, mas nem sempre estendo esse amor aos seres humanos.

— Agora, uma palavra diretamente da fonte: fico realmente pasmo ao ver como o pessoal da imprensa inventa tantas críticas, sem nem mesmo ler meus livros. Ora, se alguém quiser criticar meus livros e, se sabe alguma coisa sobre o assunto, por que não lê esses livros primeiro? Provavelmente descobrirá que não há nada a criticar, afinal. Mas aí está. Sim, pode publicar tudo isso, se quiser, concordo, mas só se incluir essa declaração:

“Eu, T. Lobsang Rampa, declaro positivamente que todos os meus livros são verdadeiros e eu sou quem pretendo ser, e declaro que virão outros pela transmigração. Espero que eles tenham uma acolhida melhor que eu.”

— Ah, meu Deus, pensei que já tínhamos acabado com todas essas perguntas tolas. Mas se, como diz, é de importância tão vital respondê-las, o que são elas? Perguntas dos críticos? Mas não me importo com os críticos! Essa gente critica porque é ignorante e nada sabe. Vamos, faça as suas perguntas. Quais são, qual a primeira?

P. — As pessoas escrevem dizendo que o senhor não parece tibetano.

R. — Ah, é mesmo? Mas quantas pessoas de qualquer nacionalidade se parecem com o que a imaginação popular faz delas? Vejamos, por exemplo, a Inglaterra, um país pequeno. Pode dizer que alguém seja um inglês típico? Veja um sujeito pequeno e moreno, do País de Gales: compare-o com um escocês grande e louro. Eles se parecem? Mas são ambos da Grã-Bretanha, não são? Ou pegue uma pessoa de Manchester e uma de Cornwall, ambas são inglesas mas podem ser totalmente diferentes. Pense nos indianos de castas superiores. Alguns têm a pele tão clara que podem passar, e passam mesmo, por europeus. Mas o indiano típico, da imaginação distorcida, pode ser um homenzinho pequeno e bem moreno, geralmente esfarrapado. Isso é tolice. É um absurdo dizer que existe uma pessoa clássica de qualquer raça. Por exemplo, John Bull, a figura típica das caricaturas britânicas; existe uma pessoa assim? Ou Tio Sam — existe uma pessoa como o Tio Sam? Não! As pessoas que dizem “ele não parece um tibetano” estão apenas demonstrando a sua ignorância da vida e das forças da vida. O tibetano médio da imaginação popular ocidental é de origem mongólica, mas, quanto mais elevada a casta do tibetano, mais claro e *europeu* ele parece ser.

P. — O que nos pode dizer sobre a reencamação? As pessoas nos escrevem para dizer que a reencamação é algo que elas não podem realmente aceitar.

R. — Mas que coisa fantástica! A reencamação é ou já foi ensinada na maioria das religiões. Como ilustração, deixe-me lembrar-lhe que os ensinamentos originais de Cristo são muito, muito diferentes dos ensinamentos atuais. As coisas estão mudando. Muitas vezes, o Vaticano imprime uma bula, modificando uma interpretação; uma pessoa que é santa há séculos passa a não ser mais santa. Um dogma aceito há séculos é modificado de um dia para outro, por uma bula papal. O mesmo ocorre no caso da reencamação. Cristo ensinou a reencamação. Ensinou que as pessoas voltam várias vezes, e depois regressam

ao lugar onde “na casa de meu Pai há muitas moradas.” Mas os padres, por volta do ano 60, resolveram alterar os ensinamentos de Cristo e descobriram que não era conveniente ensinar a reencarnação, pois as pessoas podiam divertir-se bastante em uma vida, pensando que pagariam por isso na vida seguinte, num futuro confortavelmente distante. Assim, abandonou-se a crença cristã na reencarnação. Os documentos originais, os pergaminhos do mar Morto e todas essas coisas ensinam a reencarnação. Mas não é engraçado que eu, que não sou cristão, tenha de ensinar a crença crista aos cristãos? Há muitas religiões que acreditam que as pessoas têm de vir a esse mundo, assim como as crianças voltam à escola, por várias vezes. Primeiro as crianças vão ao jardim-de-infância e, no fim do ano letivo, vão para casa, brincar. No fim das férias, elas *renascem* para a vida escolar de novo. Se se saíram bem no ano anterior, voltam para uma série mais adiantada. Depois, tendo continuado com êxito naquele ano, elas *morrem* para a vida .escolar e voltam à casa de novo, voltando para a escola depois das férias regulares. E assim continuam, voltando à escola até o fim do curso. No fim de cada série sucessiva elas voltam à casa, só para voltar à escola numa série mais adiantada, até terem passado pela escola, ou, como temos de indicar, pela vida. Aí voltam para casa para não voltar mais à escola, ou não voltam mais à Terra.

P. — Tenho aqui uma revista francesa. Contém a informação de que você é um bombeiro. Diz que você foi bombeiro toda a vida. O que diz disso?

R. — Então voltamos a esse negócio de bombeiro, hem? Bom, eu bem que gostaria de cobrar o que cobram os bombeiros hoje. Eu me daria muito bem com esse dinheiro. Mas não, repito, não sou bombeiro, nunca fui bombeiro e — bom — como podem dizer que no momento estou vivendo como bombeiro, quando na verdade estou de cama, ou metido numa cadeira de rodas? Isso mostra bem como as reportagens de jornais são tremendamente mentirosas.

P. — Dizem que você é muito rico e que vive num luxo louco.

R. — Olhe a sua volta! Acha que isso é luxo? O senhor mesmo não disse que o chão é frio e que eu devia pôr um tapete? Não há tapetes no meu chão, Sr. Telly, e, já que estamos nesse assunto, não possui nem aparelho de televisão, nem

um carro. Isso é luxo? Está muito, muito longe do luxo. Mas vou dar-lhe uma resposta clara — Não, não vivo com luxo. Não, não tenho uma renda imensa, como parece imaginar, ou, para ser justo com o senhor, como alguns de seus colegas parecem imaginar. Para começar, alguns editores na Inglaterra levam até 50% de meus direitos autorais, antes de eu conseguir alguma coisa. Depois, naturalmente, há os honorários dos agentes. E por falar nisso, esses honorários são um bom investimento, pois o meu agente, o Sr. Stanley Knight, me poupa um bocado de trabalho; ele me conserva no bom caminho! Se um livro é publicado num outro país, pode haver dois honorários de agentes diferentes, e depois há o imposto. Além disso, é claro, há uma porção de despesas relacionadas com a escrita, máquina de escrever, datilografia, cópias, e tudo o mais. Se o comentário é por eu morar neste determinado prédio de apartamentos, pois bem vou dizer-lhe uma coisa: é mais barato morar aqui do que em muitos outros edifícios de apartamentos. Há muitas vantagens em se morar num lugar como este. Eu não tenho carro, como já lhe disse, pelo simples motivo de que não me posso dar a esse luxo, mas uma grande vantagem em morar aqui é que há porteiros, gente que mantém à distância as visitas indesejáveis, que não são convidadas. As pessoas chegam aqui e, a não ser que mostrem alguma prova cabal de que eu queira vê-las, ouvem apenas o “não, não podem entrar”, e para mim isso vale muito dinheiro.

Mas se quiser mesmo saber o que eu faço com o pouco dinheiro que ganho, eu lhe direi: faço pesquisas. Estou fazendo pesquisas no assunto da aura humana. Todos os seres humanos têm uma aura em volta do corpo. Não adianta entrar em detalhes aqui, pois tudo isso está descrito com muitos detalhes em meu livro *Você e a Eternidade*. Se as pessoas pudessem fotografar a aura humana, então poderiam prever com antecedência as doenças que iriam afetar o corpo físico, dizer com antecipação, enquanto a doença ainda fosse evitável ou curável. Sabe, a doença aparece nas cores da aura muito antes de se manifestar no corpo físico. As pesquisas, o equipamento custam muito dinheiro e, como gasto tanto nas pesquisas, sobra pouco mesmo para mim. Às vezes, não dá nem para as despesas médicas.

Agora, deixe que eu intercale aqui algumas observações, fora das perguntas. Não posso compreender por que se fazem todas essas perguntas pessoais e impertinentes. Escrevo livros verdadeiros, e só porque o leitor paga alguns centavos por um livro isso não quer dizer que ele tenha o direito de se meter em minha vida particular. Por que não posso escrever a alguns de meus leitores, perguntando quanto ganham e o que fazem com o

dinheiro? E por que não posso perguntar a respeito de sua vida sexual? O senhor acha que eles me responderiam? Mas, não importa, vamos continuar com as perguntas e respostas porque já lhe disse que vou responder ainda um pouco mais.

P- — O senhor diz que é um monge. Então por que vive com duas mulheres?

R- — Cha, essa pergunta é realmente absurda. Por que eu não havia de viver com duas mulheres? O Papa, por exemplo, não tem mulheres em volta de si? Tem, sabe? tem uma governanta, para começar. Mas, de qualquer forma, por que não dizer que vivo com quatro fêmeas? Duas das fêmeas são senhoras gatas siamesas e verdadeiras damas elas são. Mas já esclarecí o ponto de minha vida sexual, ou melhor, a ausência de minha vida sexual, de modo que não interessa falar mais nisso, a não ser para dizer que até Gandhi tinha empregadas mulheres. Cristo tinha mulheres em volta de Si e, se queremos acreditar na Bíblia, Cristo convivia até com prostitutas. Portanto, que mal há em conviver com mulheres? Elas são seres humanos, não são? Você verá que, no Tibete, alguns monges eram até casados, e suas esposas moravam nas casas dos lamas. Não, não posso deixar de cismar sobre os motivos de uma pergunta tão tola.

P. — Por que o senhor veio para o Canadá? A imprensa na Inglaterra disse que tinha ido para o seu esconderijo canadense. Veio para cá só para se esconder?

R. — Por que eu vim para o Canadá? Por que não? Tenho de morar em algum lugar e, se eu tivesse ido para Tomboctu, algum palerma terita dito “por que Lobsang Rampa morava em Tomboctu?”. Afinal, por que é que as passoas moram no Canadá? Há algo de errado no lugar? É um crime morar aqui? A resposta é que eu vivo no Canadá pelo mesmo motivo, provavelmente, que o senhor; vivo aqui porque quero viver aqui. Consegui a cidadania canadense e agora sou cidadão do Canadá.

P. — Por que o senhor é tão anti-social? Por que vive como um eremita? Por que não se dá cora as pessoas? Tem medo, ou coisa que o valha?

R. — Sabe, eu gostaria de poder parar aqui e dar uma boa gargalhada. Mas o tempo urge, de modo que vamos procurar dar uma resposta sensata a uma pergunta idiota. Vivo como eremita porque estou inteiramente farto de perguntas imbecis e pessoas imbecis fazendo perguntas imbecis. Já recebi muitas visitas, e ficava completamente enojado com o egoísmo delas. Elas dizem: “Ah, o que você pode fazer por mim! Quero que faça isso, e aquilo.” As pessoas raramente perguntam o que podem fazer por mim. Mais uma coisa, antes de aprender a duras penas, eu realmente recebia algumas pessoas, mas muitas saíam e falseavam completamente tudo o que tinha acontecido. Algumas tentavam conseguir dinheiro da imprensa, e vendiam informações falsas por um bom preço. Agora, resolví que não há motivo por que eu deva satisfazer a curiosidade idiota das pessoas. Não sou um monstro numa jaula, nem uma atração de circo. Portanto, não recebo nem receberei qualquer visita.

Não tenho medo de conhecer gente. Por que haveria de ter? Já disse tudo o que há a dizer em meus livros. Mas por que eu havia de estar com as pessoas, se não quero fazê-lo? O senhor, Sr. Telly, recebe todo mundo que acha que pode ir visitá-lo sem mais nem menos, desperdiçando seu tempo? Por que eu haveria de receber pessoas quando tantas estão apenas querendo criticar ou tentando conseguir alguma coisa por nada? Parece que elas acham que, como escrevo livros que se pode comprar por alguns centavos, que eu tenho de montar um consultório e responder a qualquer pergunta tola, ou receber qualquer mentecapto que consegue chegar até a minha porta, Deixe-me dizer positivamente que as pessoas não têm o direito de acesso à minha pessoa, não têm o direito de me vir ver quando lhes dá na veneta.

Tenho de lhe contar uma coisa, é um tanto humorística; quando eu morava em outro apartamento, um dia um homem foi procurar-me em casa depois da meia-noite. Ele era de um país do Oriente Próximo, e chegou com uma porção de malas. Chegou à porta e, quando a abriram, ele tentou entrar, dizendo: “Vim morar com você como seu filho.” Bom, isso é qualquer coisa, hem? Afinal nos conseguimos livrar dele, mas eu o recebi bem mais tarde, de manhã, e ele foi embora, aparentemente satisfeito.

Alguns meses depois, recebi uma exigência — chantagem — de duas mil libras e uma exortação muito feroz para eu

abraçar uma religião especial, de que nunca ouvira falar, e que eu tinha de escrever sobre ela. Ele insistia muito que eu tinha de escrever livros em louvor daquela religião. Isso me pareceu muito fantástico, mas era sério para ele; mas nunca fui de me intimidar facilmente e, infelizmente para o homem em questão, ele acidentalmente incluiu um endereço em sua sexta carta para mim — as primeiras eram anônimas. De qualquer forma, procurei o Departamento de Inspeção Postal dos EUA e a polícia da região em pauta.

O cavalheiro estava morando clandestinamente nos EUA, mas não se encontra mais lá!

E, sem mudar de assunto, posso dizer-lhe o seguinte: tem havido pessoas que me procuram na maior agonia, e que me escrevem dizendo que as coisas mais horríveis lhes vão acontecer e que só eu posso salvá-las. Assim, por compaixão, concordava em recebê-las. Uma mulher quis logo ir para a cama comigo, proposta que recusei, conquistando desse modo a sua inimidade. Desde então ela me procura prejudicar. Mas outras diziam que tinham inventado tudo aquilo porque sabiam que, sem um motivo muito forte, eu não as receberia. Por causa de traições desse tipo é que não recebo mais ninguém.

P. — O senhor tem na Inglaterra um negócio, que faz pedras de toque e discos de vitrola. Como é que diz que é pobre, quando tem esses interesses comerciais que lhe dão dinheiro?

R. — Não. Não tenho negócios na Inglaterra nem em parte alguma do mundo. Não tenho qualquer interesse comercial, a não ser a autoria de meus livros, e o Sr. Knight, meu agente extraordinariamente competente, toma conta desse negócio para mim! Mas naturalmente há pedras de toque sendo fabricadas, e fui eu quem as desenhou, mas o negócio não é meu e não tenho parte dele.

P. — A imprensa aqui publica uma carta que, dizem, é do Dalai Lama, dizendo que o senhor é impostor. O que diz a esse respeito?

R- — A imprensa fez muito alarde de uma suposta declaração de algum secretário do Dalai Lama, no sentido de que eu não era autêntico, mas o próprio Dalai Lama nunca disse tal coisa, nem tampouco seu secretário disse que eu não era autêntico. A carta, por exemplo, dizia que ele “não dava crédito”, o que é inteiramente diferente. Mas vejamos esse assunto.

Qualquer pessoa com um pingo de inteligência sabe que as pessoas em *altos cargos* têm uma porção de secretários. Os líderes dos países têm vários secretários, e alguns desses assessores têm uma autoridade limitada de escreverem o que acham adequado, porque seus chefes não têm tempo de lidar pessoalmente com toda a correspondência. Portanto, se o camarada tem alguma aversão pessoal, encontra oportunidades maravilhosas para despejar sua raiva sobre o objeto de seu desprezo. No meu caso particular, declaro em confiança que existe um secretário do Dalai Lama que não gosta de mim, de modo que esse secretário declara que “não dava crédito”... o que é bem diferente do que a imprensa está querendo insinuar.

Por falar nisso, o senhor mesmo me disse que havia dois lamas conversando sobre o caso Rampa e um deles era totalmente contrário a mim, ao passo que o outro, absolutamente ardoroso em seu apoio. No entanto, a imprensa, naturalmente, tomou o lado da oposição. Por quê?

Existe um autor americano muito conhecido, que foi ver o Dalai Lama na Índia e, quando o Sr. B. voltou, enviou-me um recado especial, no sentido de que, quando o Tibete fosse livre novamente, o Dalai Lama de bom grado me receberia no Potala. Não, não coloque na boca do Dalai Lama palavras que ele não pronunciou. Em vez disso, considere suspeitos os secretários clandestinos. Não conhece os motivos deles? Talvez eu os conheça!

Mais uma vez vou fazer uma observação que, por enquanto, não figura entre as suas perguntas, mas imagino que o senhor tenha uma coleção dessas coisas. A imprensa parece estar muito confusa quanto à minha identidade. Mas por quê? Veja alguns casos muito conhecidos: quem foi Shakespeare? Quem foi Bacon? Quem foi Moisés? Menciono estes simplesmente porque eram tão conhecidos e, mais uma vez, só para mostrar como são notáveis algumas declarações da imprensa. Já mencionei uma notícia da imprensa sobre Cristo ter ido ao Japão, depois de ter Ele *passado para trás* o seu irmão. Bom, e o que pensa disso? Acredita em tudo isso? Está nos jornais, sabe. Mas se a gente vai acreditar em toda a porcaria que a imprensa publica sobre mim, então... por que não acreditar em toda a porcaria publicada sobre todo mundo?

P. — Quantos anos o senhor tem? Por que se recusa a dizer a sua idade?

R. — E recuso mesmo. Minha idade é coisa que nada tem a ver com ninguém. Minha idade, que é muito mais do que o senhor acreditaria, não afeta os meus escritos, não acrescenta prova de nada e de qualquer forma, não quero dar prova alguma porque na© estou absolutamente interessado em agradar à imprensa. As pessoas normais e decentes que lêem os meus livros acreditam em mim, mas, como é sempre o caso, uma minoria extremamente ruidosa faz um tumulto quase inacreditável, a não ser quando se é a vítima. Mas a resposta é não, não direi a minha idade, e o único motivo para isso é que eu não quero fazê-lo!

6

Foi muito fatigante, responder a essas perguntas. O velho ficou ali recostado na cama e o Sr. Telly sentado no pé da cama, remexendo num grande maço de papéis, e o tempo todo pegando mais pedacinhos de papel do bolso, todos com mais perguntas. De vez em quando, ele ficava todo suado e pegava um lápis para escrever mais uma pergunta. Quando não estava escrevendo perguntas, o Sr. Telly rabiscava. Ele era um grande rabiscador, e seus rabiscos eram muito, muito reveladores!

— Bom, então, vamos continuar com as perguntas — disse o velho. — Qual a próxima?

P. — Se o senhor é tão forte e sabe tanta coisa, por que não pode curar a sua doença?

R. — Ora, isso é mesmo um absurdo completo. Vou dizer-lhe uma coisa: há 15 anos, fui a um dos mais famosos hospitais de Londres. Lá, fui examinado com muito cuidado, e o diagnóstico foi que eu não tinha mais de seis meses de vida. Depois, fui a um outro hospital de Londres, igualmente famoso. Confirmaram o diagnóstico do primeiro, e isso foi há mais de 15 anos.

Há dois anos e meio, aqui no Canadá, disseram-me que não me restavam mais que uns dois ou três meses de vida. Esse prognóstico foi feito há dois anos e meio. Vou dizer-lhe algo que pode não lhe ter ocorrido; toda essa perseguição da imprensa em nada está ajudando minha saúde, mas nem mesmo as maiores curas de fé fazem crescer um braço ou uma perna

amputada, como nem a maior fé ou ciência médica pode fazer crescer um pulmão que foi extraído. Portanto, que tipo de pessoa idiota lhe fez uma pergunta dessas?

P- — A imprensa francesa diz que o senhor provavelmente copiou Madame Blavatsky. Copiou? Ou, se não foi ela, então deve ter imitado Alexandra David-NeU. Está certo?

R. — Isso parece mesmo ser uma sessão cômica, não é? Não, não copieei ninguém. Não tenho livros de referência. Nunca li nenhuma das obras de Madame Blavatsky, nem de Alexandra David-Neil. Escrevo exclusivamente de minha própria experiência pessoal e de meus conhecimentos, e isso parece ser completamente suficiente. Por que não vai ler Madame Blavatsky e David-Neil, para ver se os meus livros são semelhantes? Se são, então venha dizer-me, pois estarei muito interessado!

P- — Aqui está uma reportagem num jornal francês, em que dizem que o senhor foi contratado por Hitler para ir ao Tibete, para aprender tudo o que pudesse, e depois voltar para aconselhar a Hitler sobre como ganhar a guerra.

R- — Bom, acha seriamente que vou sequer responder a uma pergunta como essa?! Mas vou, embora pareça que o senhor andou pesquisando nos hospícios para encontrar a gente mais doida para fazer as perguntas mais doidas.

Não, não fui contratado por Hitler para ir ao Tibete. Se quiser saber a verdade, a verdade plena e só a verdade, então leia todos os meus livros impressos, e aí saberá a verdade.

P. — Quer esclarecer-nos sobre algumas das perguntas que lhe fazem: sobre a reencarnação, por exemplo, as pessoas não a compreendem; a transmigração, as pessoas também não a entendem; quer responder a perguntas sobre isso?

R. — Bom, não sei o que há ainda a esclarecer. Já lhe disse que, se ler todos meus livros, saberá de tudo isso, é disso que eles tratam. Se as pessoas lerem os meus livros, saberão a respeito da transmigração, saberão sobre a reencarnação, saberão sobre a aura.

P. — Bom, não pode dizer-nos alguma coisinha sobre mudar de corpo?

R — Vou dizer-lhe o que vou fazer; vou dar-lhe um trecho de *The Rampa Story*, pode imprimi-lo e aí terá o incidente real narrado.

P. — Por que esconde tanto as coisas sobre transmigração e tudo isso? Por que não responde às claras?

R. — Espere um minuto. Aqui está um extrato de *The Third Eye (A Terceira Visão)* copyright 1956. Passo-lhe este extrato especial. Talvez queira ter a bondade de publicar a declaração inteira e aí será plenamente entendido que, desde 1956, eu venho fazendo as coisas “às claras” e não estou “escondendo as coisas”.

P. — Mas por que o seu nome agora é Rampa? Para que o mudou?

R. — O senhor ficaria surpreendido! Fui à América do Sul, ao Uruguai, para ser preciso, e eles não podiam acreditar que uma pessoa tivesse dois nomes, um pseudônimo e um nome pessoal, e não me entregavam a correspondência que vinha num dos nomes. Disseram que eu tinha de me limitar a um nome só, por isso fiz uma troca de nome legalizada, uma modificação feita especificamente de acordo com a lei. É uma coisa perfeitamente legal e o meu nome é Terça-Feira Lobsang Rampa. Sim, pode ficar com uma cópia da certidão e pode publicá-la.

Ah, não me vai dizer que ainda tem mais perguntas aí! Pensei que já tínhamos terminado. Mas quero dizer-lhe que acho melhor resolver essas perguntas já e já, pois depois disso não estou mais preparado a responder pergunta alguma. Portanto, se as pessoas não quiserem acreditar, que não acreditem. É como levar um cavalo à água; pode levá-lo à água, mas não pode fazê-lo beber. Pode dar uma prova completamente incontestável a uma pessoa, mas não pode fazê-la acreditar, se não quiser acreditar, ou se tiver a mente fechada. Qual a próxima pergunta?

P. — Muitas pessoas fazem perguntas sérias, e não recebem respostas. Perguntam sobre essa história de transmigração. Bom, na verdade, o que é? Como é feita?

R. — Mas, meu Deus do céu, já falei tanto a respeito que já estou farto de tudo isso. Está tudo em meus livros, sabe, e parece-me incrível que o senhor não consiga resolver-se a ler os livros. Foi para isso que os escrevi! Mas o que é a transmigração? Bom, é uma migração cruzada. Significa apenas que uma alma deixa um corpo e toma outro corpo que naquele mesmo instante ficou vago de seu ocupante anterior. Nada há de difícil nisso. E feito muito freqüentemente. Mas começemos um pouco antes.

Se vamos acreditar num Deus ou num Ser Supremo de algum tipo, então temos de acreditar na bondade essencial, na

justiça essencial de um tal Ser. Ora, se vamos acreditar nisso — e só o exponho assim porque o senhor é ignorante de tudo isso — então certamente temos o direito de esperar que um Deus bondoso será justo para todos. Portanto, por que uma pessoa há de nascer uma posição muito elevada e ter tudo o que quer, não ter qualquer dificuldade, nada de perseguição da imprensa, nem ódios; e outra pessoa, de mais ou menos a mesma idade, nasce talvez com alguma doença grave e na pobreza, e ao mesmo tempo os valentões da imprensa o perseguem, se ela olhar para um lado, ou coisa assim? Ambas vivem e ambas morrem, uma com aplausos, a outra no sofrimento. Se vamos acreditar num Deus justo, isso não pode acontecer e, de qualquer forma, há provas definidas, casos estabelecidos, em que os corpos foram trocados. Sabe, os corpos são apenas veículos. A ciência ocidental agora está tateando para achar a verdade que a oriental já conhece há séculos. O homem é um veículo de um Ser Superior, o homem é controlado por uma alma ou Superego — chamem-na como quiserem. Nós a chamamos de alma porque, a não ser que se tenha estudado isso um pouco, a pessoa pode se perder, Eu creio que o senhor se perdeu, por ser um membro da imprensa, mas isso já é outro assunto. Todavia, quando a pessoa está no estado de alma, está num estado muito mais glorioso, um estado em que não pode sofrer dor nem perseguições vingativas, mas pode ser-lhe necessário aprender alguma coisa, o único meio de realmente aprender é por uma certa dose de sofrimento. O sofrimento pode ser exagerado, por experiência própria eu posso dizer que pode ser exagerado. Mas esta alma escolhe um corpo para ocupar quando ela desce à Terra. Quando o senhor quer fazer uma excursão, escolhe um carro com bastante potência, e que o leve em segurança pelo interior. Terá um carro que seja comprovadamente de confiança, pois quer um carro de trabalho pesado. Ou, se quiser entrar numa corrida, terá algo de muito mais temperamental, pois os carros de corrida são realmente temperamentais. Mas, assim como escolheria um carro para as circunstâncias que tem em mente e para as coisas que deseja fazer, assim a alma escolhe um corpo que lhe dará a gama de experiências que ela tem de suportar ou vencer.

Ora, quando se está do Outro Lado da vida, pode-se ver muita coisa das probabilidades nesta Terra. É como o caso da pessoa estar no chão, num bosquezinho com árvores em volta.

A pessoa pensa que está numa grande floresta, pois não pode enxergar muito longe, pois tem esse bosque em volta, e talvez esteja cercada por um rio, ou talvez esteja numa ilha. Se estiver, então essa ilha é o seu mundo todo, mas se você passar num avião, pensará — aquela grande floresta, bom, na verdade não é mais que um pequeno bosque. A ilha que era o seu mundo todo é apenas um ponto na fazenda de alguém. E assim que se veriam as coisas do Outro lado da vida.

Naturalmente, os escritores invejosos e jornalistas idiotas são um aborrecimento tremendo quando se está nessa Terra, mas eles também terão de passar por isso em uma vida futura. Isso lhes poderia ensinar alguma coisa e, se não ensinar, eles voltarão muitas vezes, até aprenderem. Mas estamos nos afastando da transmigração, de modo que vamos voltar aos nossos carros:

Digamos que está numa excursão e que chegou a algum lugar distante. As circunstâncias impõem urgentemente que o senhor faça alguma coisa que exige um tipo especial de veículo. Pode ser um carro de corrida, pode até ser um trator, mas o caso é que você, a alma do carro, salta do seu carro de passeio e você, a alma, paça para — o que direi? um carro de corridas, ou um trator? — Digamos que você passa para o trator. Entra nele, faz certos movimentos e o trator começa a vibrar. Você, a alma, faz saber à máquina aquilo que precisa ser feito. Você dirige o veículo, capta muitas impressões dele, especialmente se cair com ele num buraco fundo. Mas está numa posição muito semelhante à de uma alma tomando um corpo diferente.

P. — Sim, mas por que motivo uma alma há de querer tomar o corpo de outro? É isso que as pessoas perguntam. Por que uma pessoa toma o corpo de outra?

R. — Pensei que isso fosse inteiramente óbvio. Tentei torná-lo bem claro. Mas tomemos o caso a que se refere tão indiretamente. Temos uma pessoa que precisa muito de um corpo para poder continuar uma tarefa que lhe foi determinada por outros, um trabalho nada de sua escolha, nada do seu gosto, mas que foi imposto por insistência de outros. Seu próprio corpo, pela crueldade dos seres humanos, estava em perigo de colapso. Seu corpo estava velho demais, estragado demais e não servia para a tarefa a ser desempenhada com sua assistência.

Agora vamos considerar o outro corpo; era o de uma pessoa que estava bem farta da vida, uma pessoa muito sensível,

cujas reações tinham sido massacradas por muitas circunstâncias infelizes em sua própria vida. Era um homem vencido, um fracassado, se quiserem, mas o que pode parecer-lhes um fracasso não o era no caso dele. Ele pode ser o ganhador nisso e aquele que tentou impedir a tarefa, bom, certamente será o perdedor. Mas de qualquer forma, esse outro corpo tinha uma alma que estava farta de viver na Terra e que, algum tempo atrás, tomara o Caminho errado, de modo que sabia que a sua própria tarefa não seria realizada naquela vida determinada. Ele pensara no suicídio, queria morrer, desejava poder fazer-se morrer só por sua vontade, não era feliz. No entanto, esse corpo determinado vibrava numa harmonia básica com aquele outro corpo que se estava desintegrando. Era um corpo que seria compatível.

Vou divagar um momento e lembrar-lhe que você pode gostar muito de um certo carro e, depois, pode entrar em outro carro e este lhe lembrará muito o carro que acabou de deixar, e você se ajusta com esse determinado carro. Mas se você tivesse passado do seu carro para a famosa marca X, poderia verificar que ele não se adaptava de todo ao seu temperamento. Assim, embora funcionasse como funcionaria para todo mundo, ainda assim você não estaria inteiramente à vontade nele, nem inteiramente feliz com ele. Desejaria o tempo todo ter uma coisa que lhe conviesse mais, que fosse mais compatível com você, não necessariamente de melhor mecânica, nem em melhor estado, mas algo melhor em matéria de compatibilidade. Assim, nesse caso, aquela determinada pessoa pôde fazer contato com o ocupante do corpo e fez-se uma combinação. Você encontrará tudo isso em *The Rampa Story*, de modo que não entendo por que temos de continuar a remoer esse assunto específico. Já foi escrito, já foi debatido e na História já houve muitos casos de transmigração.

P. — Sim, isso parece bastante claro, mas ainda não ficou bem esclarecido por que foi escolhido aquele determinado corpo.

R. — Confesso que não entendo bem a sua pergunta! Suponhamos que fosse escolhido o Corpo Y em vez de Corpo Z, por exemplo. Você estaria fazendo a mesma pergunta — por que escolher aquele corpo? Mas já tentei explicar; porque os dois corpos tinham uma frequência básica, uma vibração básica; porque eram compatíveis um com o outro; porque os *controles* eram semelhantes; porque, como os controles eram

semelhantes, uma mudança imediata seria fácil; porque o corpo estava lá para ser evacuado, e porque a pessoa estava disposta e ansiosa por isso. O que mais se pode dizer? A significação desse caso é que o corpo estava ali no momento certo para o propósito certo, de modo que não foi preciso ser como o cavaleiro de antigamente que gritava “meu cavalo, meu cavalo, meu reino por um cavalo!” O “cavalo”, ou, mais propriamente, o “veículo” estava ali. E é só isso. O fato de a pessoa ser casada foi uma questão secundária e... bom, suponho que não tivesse sido levado muito em conta, e tudo saiu bastante satisfatoriamente.

Aliás, o senhor está fazendo muitas perguntas. Agora, por que não hei de fazer também uma ou duas perguntas e ter suas respostas? Eis uma coisa que eu queria saber: o senhor e eu temos sido bons amigos, e eu pensava que havia lealdade na amizade. Tentei ajudá-lo, mas, desde que soubemos desse caso, dessa reportagem, a sua atitude tem sido muito diferente. Mas eu continuo a ser a mesma pessoa. Nada surgiu agora que não tivesse surgido há 12 ou 13 anos, de modo que por que é que *o senhor mudou*? Ouvimos dizer que alguma pessoa invejosa e seus adeptos imaturos vão escrever um livro a meu respeito porque essa determinada pessoa está ressentida com o fato de meus livros se venderem bem. Bom, ainda estou admirado, querendo saber por que a sua atitude mudou tanto, por que parece tão contrária a mim? Eu não me sinto antagônico com relação ao senhor, porque posso ver um pouco mais longe do que a casca superficial que envolve a maioria das pessoas. Assim, tem algum comentário de valor que eu possa incluir no livro que estou escrevendo para o mundo de língua inglesa? Sabe, há anos venho sendo atacado e atacado por um tipo imbecil de pessoa que não sabe nada sobre o assunto, que nunca se deu ao trabalho de ler meus livros. Por exemplo, há alguns anos um rapaz suicidou-se na Inglaterra e só porque um exemplar de *Você e a Eternidade* foi encontrado junto dele, o livro foi apelidado “o livro do assassinato”. Mas eu declaro positivamente em todos os meus livros que sou literalmente contrário ao suicídio, O suicídio não é uma saída, é uma regressão. E no entanto a imprensa, da qual o senhor é membro, atacou-me, dizendo que eu estava encorajando os suicídios. Comuniquei-me com a imprensa da Inglaterra e desafiei seus membros a me mostrarem algum lugar em qualquer de meus livros em que

eu encorajava ou desculpava de algum modo o suicídio. Eles não aceitaram o desafio. Agora, o senhor vai aceitar o meu desafio? Já leu, realmente, todos meus livros? Todos os fatos importantes sobre mim são expostos em *The Rampa Story*. Já o leu? Se o leu, por que a sua atitude mudou tanto para comigo? Agora, parece-me que o senhor me considera como umas exalações especialmente ofensivas, trazidas por algum cão. Tenho os meus sentimentos, assim como o senhor tem os seus, e talvez até um pouco mais. Portanto, aí está. Passo a bola para o senhor.

Mas deixemos isso por um momento e vamos passar a essas outras coisas que parecem intrigar os grandes cérebros da imprensa.

O senhor diz, creio, “por que não me recordo de minhas experiências extracorpóreas”?

Recebo muitas cartas, e inúmeras pessoas que leram meus livros escrevem para me dizer que tentam lembrar-se de suas experiências extracorpóreas. Assim, à medida que a pessoa progride, lembra-se. Uma vez lembrando-se direito, então ela sempre se lembrará direito. O caso é este; aqui na Terra, a pessoa normal não é feita para lembrar-se de suas experiências extracorpóreas, nem para lembrar-se do que elé, ou ela, era numa vida passada ou antes da passada, e isso está certo, pois se um homem tivesse sido rei numa vida distante, e agora fosse um mendigo, então acharia a sua posição intolerável, que poderia até fazer dele um mendigo arrogante demais. Portanto, não é verdade que em algum lugar há uma frase escrita sobre aqueles que, tendo bebido as águas de Leith, se esquecem do passado para poder viver no presente, preparando-se para o futuro? Já li uma coisa assim. Mas é uma medida bondosa da Natureza, ou de Deus, se quiserem, dar às pessoas um esquecimento temporário do passado, para poderem viver no futuro e no presente.

Está vendo, comecei esse assunto dizendo que, se vamos acreditar num Deus bondoso, então temos de crer que deve haver alguma recompensa para aqueles que vêm como mendigos e sofredores. Senão, se só existe uma vida, como pode o senhor, Sr. Jornalista, explicar a justiça de um Deus que deixa que uma pessoa venha como um homem muito rico, com toda a posição e poder que quiser, sem preocupações, e outra venha como um aleijado, talvez sofrendo das faculdades mentais, e na pobreza? Se só há uma vida, então seria uma injustiça flagrante

para os desprivilegiados, e muito favoritismo para com aqueles que têm tudo. Naturalmente, este é apenas um lado da questão. Existem várias provas, estabelecidas nas religiões indianas, sobre a verdade da reencarnação. O cristianismo, sabe, é uma religião bastante moderna, comparado com algumas das religiões indianas. Na verdade, as religiões indianas são precursoras do cristianismo. É sabido que Cristo tomou o corpo de Jesus — “E o Espírito do Senhor entrou em Jesus” — e depois Cristo “errou pelo deserto”. Claro que Ele errou, Ele foi ao Extremo Oriente, passou pela Índia, passou pelo Tibete, conheceu os homens sábios da época e, de todas as religiões que Ele estudou, formulou uma religião que naquela época parecia ser a mais aceitável para o povo daquela época. De modo que o cristianismo, conforme concebido por Cristo, era um misto das religiões orientais, bem como das religiões da mitologia.

Mas aí, por volta do ano 60, muitos dos padres que se tinham apressado a aderir, por assim dizer, acharam que estavam perdendo seu poder devido à simplicidade e à pureza da religião cristã, e então começaram a remexer na religião. Resolveram o que deveriam ensinar, e em muitos casos era o oposto do que Cristo ensinara. Cristo não detestava as mulheres, nem achava que as mulheres fossem impuras. Na verdade, se estudarmos os documentos verdadeiros, veremos que Cristo era um homem casado, com família, mas isso é um fato que é escondido com o máximo cuidado e os *especialistas* cristãos gostam de ocultar essa informação ao povo comum porque acham que assim o cristianismo perderia um pouco do seu misticismo.

Mas ainda não consegue entender esse negócio de reencarnação? Bom, nada vou provar. Existem provas, sabe, existem provas definidas, mas nos últimos anos eu verifiquei que nada se pode provar a uma pessoa que não quer ter as provas. É como levar o cavalo à água; pode-se levar a criatura até a água, mas não se pode forçá-la a beber. Se se tentar, ela se engasga. Portanto, digo que existe prova da reencarnação para aqueles que querem estudar as religiões orientais, mas, se vocês não podem se dar ao trabalho nem de ler meus livros antes de me condenar, então como vão estudar as religiões hindus, bramânicas, muçulmanas, etc.? O melhor que podem fazer é desistir e esperar até que a experiência amarga lhes ensine que nisso tudo há mais significado do que pensavam até hoje.

Agora, aqui há uma pergunta que eu pensei já ter respondido:

P. — O que estou fazendo errado? Por que não nos ensinam o fato de se viver de novo e de novo?

R. — Mas por certo estamos lidando com tudo isso quase a contragosto. Espere um pouco, onde está essa pergunta? “Por que não nos ensinam o fato de se viver de novo e de novo?”

Pois bem, as pessoas aprendiam isso, antes, e eu me refiro aos cristãos, agora. Fazia parte da doutrina cristã. As pessoas ficam intrigadas com a frase “em casa de meu Pai há muitas moradas”, mas não compreendem seu verdadeiro significado. Significa realmente muitos planos de existência, muitos níveis de vida astral.

Antigamente, quando começou o cristianismo, e quando ele se formou de algumas das religiões indianas, ensinava-se a reencarnação, e todo o seu mecanismo, e ainda é ensinada nos países orientais. Mas infelizmente os cristãos consideram o cristianismo como a única doutrina ou ensinamento que se pode acatar. Por isso, se o senhor disser “por que não nos ensinam...”, eu só posso responder: “Mas ensinam, sim. É só que alguns de seus mestres tentam confundir a questão.” O cristianismo não é a maior religião, numericamente, por isso não se torna a mais importante. Se o senhor estudasse outras religiões, veria que a reencarnação é ensinada.

Infelizmente, é crença católica que é errado aceitar a verdade de qualquer coisa a não ser uma doutrina extraordinariamente rígida, estabelecida pelos padres para salvaguardar o seu próprio poder. Fizeram muita onda, dizendo que é um pecado mortal a pessoa pensar por si. Ensinam que a gente tem de acreditar em tudo o que os padres dizem, cegamente, mesmo quando seja ridículo demais para uma pessoa normal acreditar. Mas os padres católicos hipnotizaram seu público, e o puseram num estado de terror em que eles nem ousam pensar por si. Até mesmo o Papa hoje parece estar vendo que há muita coisa errada com a religião católica, e é por isso que ele está fazendo tantas modificações, não é? E até “mesmo o Dalai Lama confessou •—• à imprensa, creio — que ele não era a reencarnação de Chenrezi. Creio que estou certo ao dizer que ele contou as circunstâncias completas de como foi escolhido para ser este Dalai Lama. Mas em toda parte, se estudarmos, veremos — sim, lá está a verdade sobre a reencarnação à disposição daqueles que estão preparados para aceitar a verdade e que não andam por aí de olhos fechados.

P, — Por que vivemos cheios de problemas?

R. — Se o senhor vai à escola, se vai à universidade, tem problemas o tempo todo, e tem de resolvê-los. Vai à escola e aprende coisas e aprende a resolver os problemas. Se está na aula de aritmética, por exemplo, dão-lhe um problema de um homem que pode roçar um campo em tantos dias, mas em quanto tempo o campo será roçado se usar três homens e meio e um cão, ou coisa assim. Tudo perguntas. Pode parecer inteiramente idiota enquanto você está na escola, mas depois você descobre que pode aplicar a solução do problema a outros problemas que ocorrem na vida maior, depois da escola. Do mesmo modo, aqui nesta Terra há todo tipo de problemas e, quanto mais evoluída a pessoa, mais difíceis se tomam seus problemas. Mas depois, quando ele vai para a Vida Maior além dessa Terra, além de toda idéia de voltar a essa Terra pela reencamação, aí ele descobre que o conhecimento que ele conquistou nessa Terra, com seus problemas, o ajudou em outras esferas de atividade.

Se não houvesse problemas na Terra, não haveria propósito em vivermos aqui. Se as pessoas ficassem sentadas o dia todo e brincassem com dinheiro ou outras coisas que o dinheiro pode comprar, nada estariam aprendendo, estariam desperdiçando o tempo. Assim, em vez disso, a pessoa tem cada vez mais problemas e, quanto mais ela progride e evolui, maiores os seus problemas se tomam. Do mesmo modo, numa escola, um universitário não teria a menor dificuldade com os problemas apresentados na primeira série ou no jardim-de-infância, mas os problemas do universitário estariam totalmente além da compreensão da criança de jardim-de-infância. Assim, as dificuldades que a pessoa enfrenta não são uma indicação de que ela seja má pessoa, e que esteja pagando pecados cometidos no passado; em vez disso, é uma indicação, pura e simples, de que ela evoluiu o suficiente de modo que pode ser posta à prova com questões bastante difíceis.

Portanto, quando lhe digo que o senhor está aumentando os problemas, pois bem, estou aprendendo a resolvê-los! Mas toda a injustiça que está demonstrando para comigo terá de ser paga pelo senhor. Se quiser dinheiro e não quiser trabalhar para ganhá-lo, então só pode tomar emprestado de alguém, mas terá de pagar com juros. E eu lhe digo seriamente, todo o ódio que me foi dirigido por gente mal orientada, que condena sem ouvir a defesa, tudo isso vai voltar a esses perseguidores, e com juros. Ora, isso não é um conto de fadas, é

um fato, como há de verificar. Também vai verificar, em sua hora da necessidade, que a lealdade, a amizade são coisas sem preço. Se não der lealdade, se não der sua amizade, quando chegar seu momento difícil o senhor verá que lhe faltam a lealdade e amizade que o ajudariam em suas dificuldades. Isso virá, por certo. Tome nota, quando esse livro for publicado, guarde-o em sua frente, ponha um marcador de livros nele, e vai ver, quando tiver dificuldades, se as pessoas em quem confiava lhe são leais.

Entende, a posição é essa; eu nada fiz de mal. Disse a verdade o tempo todo. Nada escondi. E no entanto a imprensa, da qual o senhor é membro, assumiu a posição de acusador, juiz, júri e executor. Mas ainda não estou morto, ainda tenho muito mais vida ativa dentro de mim. Só posso dizer a vocês, da imprensa, que lhes poderia ser muito proveitoso ler a sua Bíblia cristã, Êxodo, Capítulo 22-21, que diz: “Não molestarás nem afligirás o estrangeiro, porque também vós fostes estrangeiros na terra do Egito.” Mas em lugar de “Egito”, por que não colocar “Canadá”? Estou certo de que seria aplicável.

— Eis mais uma pergunta que parece típica da imprensa:

P. — Os animais vão para o mundo dos espíritos, e tornamos a vê-los? Eles têm alma e inteligência?

R. — Se os animais têm inteligência? Meu Deus, sim! Alguns são mais inteligentes do que alguns seres humanos. Minha gatinha siamesa, chamada *Cleópatra*, é realmente a coisinha mais inteligente que já conheci. Ela revela uma elevada inteligência e apreciação. E *Tadalinka* é excepcionalmente clarividente e telepática, o que não se pode dizer de muitos seres humanos, não é?

Sim, os animais vão para o mundo dos espíritos. Se vamos supor a existência de um Deus — e como podemos nós existir sem um Deus? — então temos de concordar que os animais e os animais grandes também têm os seus direitos, têm o direito de ser considerados por um Deus, porque os humanos são só uma forma especializada de animal, uma forma mais selvagem do que é comum nos animais. Dizem que só os humanos e as aranhas cometem o estupro. Vale a pena pensar nisso, também. Mas os animais, sim, vão ao mundo astral precisamente da mesma maneira que os humanos. Nascem de novo e de novo, mas naturalmente cada espécie reencarna de acordo com sua própria classificação. Isto é, os humanos não se tornam animais e os animais não se tornam humanos. São coisas totalmente diferentes. Mas, mais uma vez, se você leu todos os meus livros, terá lido a respeito de gatos e o que eles fazem nesta vida.

Só os cristãos negam que os animais tenham alma. Mas também a maioria dos cristãos mostra pouco apreço por suas próprias almas. Fazem o que podem para prejudicar os outros, estão sempre prontos para se aproveitar, mas os animais não fazem isso. Os animais só matam para comer, não matam por dinheiro e tudo isso. Vivem de acordo com a Lei da Natureza, que é como têm de viver, mas nunca se ouviu falar de um animal que tenha atirado em perdizes ou patos, só de brincadeira. Nunca se viram animais que corressem por uma estrada na tentativa de derrubar um animal mais fraco, só para fazer alguma coisa. Mas os humanos fazem isso. A resposta a sua pergunta é sim, os animais têm almas, os animais têm inteligência. E, sim, se um ser humano e um animal querem se encontrar no Outro Lado da vida, então poderão fazê-lo, desde que ambos o queiram, pois o ser humano não é o Senhor da Criação. Em outros mundos e em outras existências, os humanos não valem muito mais que as minhocas nesse mundo.

P. — Por que o senhor não recebe as pessoas? Por que não é mais sociável e se dá com as pessoas?

R. — Bom, já respondi a isso. Já lhe disse que todo mundo tem o direito de resolver se quer receber alguém ou não e, francamente, por que eu haveria de receber o pessoal da imprensa? Minha atitude com relação à imprensa é a seguinte: o pessoal da imprensa faz questão de tentar provar que eu sou um impostor e que escrevo mentiras. Mas, meu caro, imagine a imprensa — a *imprensa*, — logo quem, fazer isso! Quem são eles para se arvorarem em juizes? Antes que os homens da imprensa possam escrever sobre as mentiras ou supostas mentiras dos outros, deviam certificar-se de que suas próprias consciências estão limpas. Já chegou ao máximo, sabe, quando o Papa e os Bispos e outras pessoas igualmente importantes têm de pedir à imprensa para ser mais verdadeira. E no entanto, são essas pessoas que me querem julgar. Dá vontade de rir!

Mas, sabe, há um forte motivo para permanecer o que eu só posso chamar de “solitário”. Eu tenho várias habilidades, vários poderes, pois, embora eu me repita, vou dizer-lhe que todos os meus livros são verdadeiros e que eu sei fazer todas

aquelas coisas sobre as quais escrevo, mas isso significa que tenho sensibilidades diferentes do normal. Não posso fazer algumas das coisas que as pessoas comuns acham naturais, mas, como vivo só, desenvolvo outros sentidos. Considere a coisa assim: se uma pessoa é cega, então ela desenvolve mais o seu tato ou a audição, o que, de certo modo, compensa a perda da visão. Por outro lado, se as pessoas vivem em bando, então todas descem ao nível comum do bando; mas se um homem vai para o deserto por algum tempo, descobre que os seus sentidos se tomam muito mais aguçados, sua visão melhora, sua audição também e o seu olfato. Os caçadores que vivem no mato têm sentidos muito, muito sensíveis; de fato, os aborígenes da Austrália podem seguir um homem vários dias depois de ele ter passado por um lugar, quando, para o homem branco comum, não há mais sinal nem vestígio de coisa alguma.

Portanto, se a pessoa quer desenvolver e conservar habilidades específicas, tem de viver sozinha. Se conviver com muita gente, as suas sensibilidades se embotam. Vemos que os monges que vivem em reclusão adquirem maior poder. Tornam-se telepáticos ou clarividentes, mas chamam a isso comungar com Deus, ou coisa parecida. Na verdade, é só isso o que acontece no curso normal dos fatos.

Mas se a pessoa quiser desenvolver-se, tem de ficar sozinha, e é só isso. Talvez eu deva dizer o que realmente acontece, quando se vê muita gente junta: há alguns com auras negativas, outros com auras positivas, alguns com pensamentos fortes, outros com maus pensamentos, tudo está misturado e isso conduz a um esvaziamento da energia nervosa. Quantas vezes o senhor já não se sentiu esgotado, esvaziado, cansado depois de se ter misturado com uma porção de gente? Suponhamos que vá a uma grande festa — todo mundo está bebendo e conversando e dançando para lá e para cá. Pode ser bom enquanto estiver lá, mas depois o senhor se sente esgotado, tem uma ressaca ou alguma coisa assim e pensa que é só por causa do álcool, mas não é. É por estar esgotado da energia nervosa, por se misturar com tanta gente de auras em conflito.

Suponhamos que pegássemos uma porção de ímãs e os jogássemos num monte, juntos. Alguns se agarrariam em outros e outros seriam repelidos, dependendo, claro, do lado para onde estivessem os seus pólos, isto é, se fossem positivos ou negativos. E o mesmo se dá com as pessoas, porque o veículo chamado ser humano, afinal, não é mais que um aparelho elé-

trico. Existem ondas cerebrais — bom, admite-se hoje que existam ondas cerebrais, admite-se que os pensamentos possam ser traçados por linhas trêmulas no papel, e a voltagem do cérebro possa ser facilmente medida. Portanto, tudo isso está em conflito, quando muito misturado.

Cada pessoa tem uma nota básica — eu poderia dizer uma nota musical, só que algumas das frequências não são muito musicais afinal —, mas cada pessoa emite um som, um som como a estática com um zumbido por trás. O senhor já pode ter ouvido algo parecido, se tiver chegado perto de uma colmeia. Mas as pessoas zumbem, e batem e zunem, e os seres humanos estão tão acostumados com isso que nem reparam mais. Da mesma maneira, cada raça tem seu próprio cheiro característico. Os brancos não podem chegar muito perto dos negros, dizem eles, pois dizem que os negros têm um cheiro forte, mas geralmente os negros são corteses demais para se virarem para um branco e dizer “você ainda fede muito mais!”. Mas é verdade. Todo mundo tem o seu próprio cheiro racial, sobre o qual se superpõe o aroma especial da pessoa, e cada pessoa também emite uma nota que pode ser percebida por instrumentos, é a nota da raça da pessoa, na qual está superposta a nota de identidade da pessoa. As duas podem produzir harmonia ou discórdia. Se é discórdia, então a pessoa é muito difícil de se lidar, pois com ela se tem aquela sensação de esgotamento, tem-se a sensação de que sempre em associação com aquela pessoa há um triste choque de personalidades.

P. — O que pensa realmente sobre a meditação?

R. — A meditação é uma coisa muito real e muito necessária. Pesquisadores americanos descobriram há pouco que, quando a pessoa está num estado de meditação, suas reações metabólicas são consideravelmente afetadas, seu sangue se modifica, seu estado geral se modifica e tudo isso pode ser muito facilmente verificado por instrumentos. O pior na meditação é toda a besteira que se escreve a respeito. Todos esses cultos, cursos por correspondência, etc. etc., são absolutamente desnecessários, não é preciso todo esse ritual para ajudar a meditação. Parece que a única ajuda é a prestada à conta corrente daquele que está ensinando a meditação. A meditação é natural, tão natural quanto respirar, ou quanto pensar. Mas as histórias fantásticas que andam por aí sobre como meditar e o que é a meditação.. . bom, isso basta para fazer qualquer um desistir.

Uma das maiores dificuldades, naturalmente, são os inúmeros impostores que trabalham no ocultismo, mas isso também é culpa

das pessoas, pois se em geral tivessem o espírito mais esclarecido, então poderia ser feita uma pesquisa positiva no sentido de se investigar o que é e o que não é genuíno. Isto é um assunto sobre o qual tenho opiniões muito firmes. Mandamos os homens ao espaço, o que é bastante desnecessário, pois tudo poderia ser feito por viagens astrais com resultados muito, muito melhores. Mas, de qualquer maneira, os homens são mandados ao espaço, mas não se gasta dinheiro algum na investigação do que vem depois da morte. Existe realmente a viagem astral? Eu sei que existe, é claro, mas isso poderia ser investigado para o homem ou mulher comuns que andam pela rua. Se os cientistas tivessem o espírito aberto, desprevenido, então aqueles que têm habilidades reais teriam prazer em cooperar para demonstrar suas habilidades.

Agora, temos um caso em que um *pesquisador* improvisado intimida uma pessoa realmente psíquica e diz: “O.K., funcione para mim e farei o possível para provar que você é um impostor. Não acredito no que você faz e vou provar que é tudo charlatanice.” Nessas condições, não se pode dar prova alguma, pois algumas das ciências ocultas são muito delicadas, muito frágeis mesmo, têm de estar nas condições certas. Você não diria de repente a um fotógrafo “vou ao quarto escuro com você para ver exatamente o que você vai fazer”, para depois entrar no quarto escuro e acender as luzes todas. Isso estragaria o que o fotógrafo estivesse tentando fazer, e seria uma estupidez sem nome. Portanto, se se quiser uma prova, É preciso haver pesquisadores compreensivos. Eles não teriam de se comprometer a acreditar, note bem, mas teriam de ser compreensivos, teriam de ter o espírito desprevenido e estar prontos para aceitar. É a brutalidade da atual investigação que choca os psíquicos e os leva a recusar sua cooperação. Naturalmente a imprensa é a maior responsável por isso, pois faz estardalhaço com sua voz de trombone e suas atitudes duras e céticas e não está disposta a acreditar em coisa alguma, mesmo diante de provas. Se algo for provado sem a menor sombra de dúvida, então a imprensa insiste que deve haver um truque qualquer e que é uma pena que no momento eles não podem dizer qual seja.

De qualquer maneira, dia chegará em que será necessário fazer uma investigação adequada sobre o que é a morte, o que

vem depois da morte. A imprensa diz que não se pode pesar uma alma; não, mas quem quer isso, a alma está numa dimensão diferente, eles estão usando o metro errado. Todos consistem numa penca de vibrações, como um sinal de rádio é, na verdade, uma vibração ou uma frequência ou um comprimento de onda. Os seres humanos estão numa parte de um certo espectro. Enquanto aqui na Terra, nós temos pesos, podemos sentir a resistência se mexermos em alguma coisa que consideramos sólida. Mas, se passamos a uma dimensão diferente, então as coisas que aqui são sólidas não são mais sólidas, na verdade podem ser tão insubstanciais que não podem ser percebidas de todo. Coisa semelhante acontece no outro lado da escala; uma alma parte de um corpo, mas está num tempo diferente, uma dimensão diferente, e assim o grosseiro equipamento da terceira dimensão não pode percebê-la.

Quando tivermos cientistas que ouçam o conselho dos ocultistas quanto ao modo de provar as coisas, então aparecerá realmente uma prova adequada, pois existem ocultistas autênticos. Naturalmente, existem muitos embusteiros, mas existem positivamente milhares de ocultistas autênticos que podem fazer o que dizem. Estes deviam ser conservados e os impostores eliminados.

P. — De que modo você diria que a pessoa pode aprender a meditação?

R. — Já tratei disso bastante em meus livros. Não há dificuldade alguma. A principal dificuldade é causada por pessoas que não querem acreditar como é fácil. Querem trabalhar muito nisso e trabalham tanto que não conseguem resultados. Se quiser aprender a meditar, leia meus livros. Afinal, até mesmo a imprensa devia ler os livros antes de querer dar opinião, pois, se se limita a fazer acusações sem ter lido os livros, como pode saber de que está falando? Não que saiba, de qualquer modo, mas sejamos razoavelmente corteses, mesmo com a imprensa.

P. — Q que é esse negócio de viagem astral de que o senhor fala sempre? Existe realmente?

R. — Sim, muito positivamente existe. Mas é uma coisa muito difícil de explicar a uma pessoa que não quer acreditar, como no caso de uma pessoa que tem visão tentando explicar a uma cega de nascença a diferença entre, digamos, laranja e rosa ou duas tonalidades de verde. Como o senhor explicaria a

uma pessoa, que nunca viu coisa alguma, qual a diferença entre um verde-couve e um verde-alface? Ou a diferença em coloração entre uma laranja e um limão? Como o faria?

Eu já disse que podemos comparar o corpo humano a um veículo e a alma ou o corpo astral, como quiser chamá-la, pode ser comparada ao motorista do veículo. Ora, se o senhor sair de carro e depois voltar, desliga o motor do carro e ele permanece num certo local. O senhor salta e vai a outro lugar. É assim mesmo que acontece na viagem astral.

O corpo físico talvez esteja fatigado: pode ser que o senhor tenha trabalhado um pouco, procurando descobrir uma história escandalosa ou coisa assim, e em seguida diverti-se muito. Depois disso, fica cansado, de modo que volta para casa e vai para a cama. Isso é como estacionar o carro; estacionou o seu veículo quando foi para a cama. Depois desliga-se, ou, em outras palavras, vai dormir. Mas, o motorista, a sua alma, ou sua forma astral, como quiser chamá-la, deixa o corpo e vai para outro lugar, vai para um plano de existência em que há outras pessoas, também fazendo viagens astrais. Claro que o senhor volta ao seu corpo, porque tem uma ligação, o que se chama Cordão de Prata, que pode ser comparado a uma onda portadora num programa de rádio em que o programa normal é sobreposto.

O senhor sai de seu corpo físico, pois, e viaja para algum lugar no mundo' astral. Lá pode encontrar uma pessoa que tornará a ver em carne e osso no dia seguinte, e conversa com ela. Aí, quando está de volta ao seu corpo e na presença dessa pessoa, pensa: "Engraçado! Estou certo de já ter passado por isso antes!" Se já fez isso, se fez o seu contato no astral, então o seu encontro decorre muito mais facilmente, como se fosse pré-ordenado, como provavelmente foi. Muitos dos homens mais bem sucedidos do mundo conhecem o segredo, consciente ou inconscientemente, da viagem astral, e conseguem fazer contatos no astral, de modo que planejam com antecedência e preparam aquilo que vai acontecer no plano terreno, no corpo terreno, nos dias seguintes. Como preparam tudo tão bem, não há problema, tudo corre suavemente, todas as decisões são definidas e todo mundo *entra nos eixos* com uma precisão de relógio.

Ah, sim, positivamente existe a viagem astral. É uma coisa muito simples, qualquer pessoa pode fazê-la se tiver fé e paciên-

cia para tentar alguns passos elementares. Mas, naturalmente, se o senhor vai começar cheio de descrença e antipatia e tudo isso, então não se recordará de suas viagens astrais. Declaro positivamente que todo mundo faz viagens astrais, pois não se concebe um sujeito estacionar o carro e ficar sentado nele até o dia seguinte, não é? Ele teria de sair para esticar as pernas, teria de sair para comer ou coisa assim. Igualmente, todas as pessoas saem de seu corpo e vão para o astral, mas muita gente não se recorda de sua experiência porque tem medo ou porque não acredita nessas coisas.

Algumas pessoas têm sonhos. Ora, frequentemente, os sonhos são racionalizações do que realmente aconteceu. A pessoa é descrente, de início, e não acreditaria na possibilidade da viagem astral, e assim, como solução do que seria um problema difícil, o subconsciente do descrente imagina uma imagem ou sonho fantástico, que é realmente mais estranho que qualquer coisa que pudesse acontecer na vida real. Os sonhos, portanto, são ou a racionalização de uma experiência astral, ou os pensamentos divagantes de um corpo cuja alma ou forma astral está tão distante que não há controle algum sobre os processos mentais da forma adormecida.

Mais uma vez digo que se pode fazer a viagem astral conscientemente. Todo mundo pode fazê-la dormindo. Nem todos se recordam dela. Pessoas com um pouco de treino podem fazê-la acordadas. É muito interessante. A maior dificuldade é que a gente nada pode levar consigo, o que é um pouco inconveniente, às vezes.

Então quer fazer mais perguntas, é? Bom, nesse caso vou responder a suas perguntas porque, como já disse, pretendo utilizar esse material no livro que estou escrevendo, e que comecei há um mês, mais ou menos.

P. — Qual o seu comentário sobre a poluição, suas causas, seus problemas, seus efeitos e sua solução?

R- — Sem dúvida a poluição é um problema muito grave, mas evidentemente tudo foi feito pelo homem. A natureza não polui, a natureza tenta vencer a poluição. Antes de tudo, o homem está esgotando o oxigênio da atmosfera. No Brasil, uma das florestas equatoriais está sendo derrubada e calcula-se que, se isso for feito, conforme o planejado, dentro de 30 anos haverá menos um terço do oxigênio no ar do que existe hoje. Isso é realmente grave, pois, quanto menos oxigênio, maior a

poluição. Portanto, os seres humanos se estão suicidando em massa.

Existem outros problemas que surgem quando as florestas são derrubadas. Os americanos descobriram que, quando derrubaram suas áreas arborizadas, o resultado foi o aparecimento de regiões secas, com tempestades de poeira. As árvores, além de fornecerem o oxigênio para a atmosfera, também mantêm coeso o solo superficial. As raízes de uma árvore entranham-se pelo solo superficial e o mantêm firme, de modo que ele não pode ser soprado. As árvores também ajudam a conservar a umidade do solo. Conservam a terra viva. Mas quando as árvores são derrubadas, nada há para conservar o solo firme, a natureza de toda a região muda e ela se torna mais árida. E assim o solo seca e, por causa da falta de umidade, os grãos de terra não aderem uns aos outros. Lá vêm os ventos e nada há para impedir os ventos e eles varrem a superfície da terra despida, carregando o solo. Este pode ser levado para os rios, ou para o mar, mas de qualquer forma dentro de pouco tempo o que era uma região fértil e saudável se torna um deserto árido, por culpa do Homem. Um dos maiores problemas com a terra é essa terrível lama de petróleo: isso é realmente uma praga. O bom são as máquinas a vapor, porque o vapor não polui e a umidade e o vapor voltam à terra e a ajudam, enquanto que as horríveis exalações dos produtos petrolíferos envenenam tudo, tudo. Vejam um avião a jato aterrissando ou decolando, vejam aquela sujeira vomitada pela cauda e a película oleosa que fica sobre tudo que se encontra pelo caminho.

Há 50 anos, havia veículos a motor com propulsão a vapor, como o velho Stanley Steamer; pois bem, nada há que se pareça com isso, no momento atual. A máquina a vapor Stanley era extremamente confortável e excepcionalmente veloz, tinha grande potência e, em momento algum e em circunstância alguma, poluía a atmosfera ou a terra. Mas os interesses reunidos — os homens loucos por dinheiro — mataram o carro a vapor, e em vez disso iniciaram uma corrida suicida produzindo motores a gasolina, que levam ao câncer e a todos os outros tipos de doenças a que a humanidade é hoje tão propensa.

Se a humanidade, com seu desejo insensato pelo dinheiro, continuar a produzir todos esses produtos químicos e sintéticos diabólicos, então em breve não haverá mais vida sobre esta terra. Muitos dos compostos sintéticos são realmente mortíferos, Nossos lagos e rios estão poluídos. São simples massas de veneno

flutuante. Em muitos lugares, as pessoas não podem mais tomar banho no rios nem nadar nas praias, pois a poluição é tremenda. Os navios que se aproximam da costa encontram grandes massas de lixo flutuando, e os marinheiros podem dizer logo quando se aproximam da terra, não precisam do rádio porque podem ver pela descoloração das águas a milhas de terra.

O senhor me pergunta qual poderia ser a solução. Pois bem, existe uma solução, sabe, há uma solução para todos os nossos problemas. A humanidade terá de voltar a uma religião. Não importa qual a religião, contanto que seja uma religião, pois a religião nos dá a necessária disciplina espiritual, pela qual a pessoa pode regular seus atos. As pessoas verdadeiramente religiosas não colocariam o dinheiro acima da saúde dos outros. Procurariam conservar a vida, em vez de apenas acumular dinheiro. Teria de haver uma volta à Natureza, às coisas naturais. As pessoas teriam de voltar ao campo, em vez de irem para as cidades, como carneiros. Há grandes extensões de terra quase desabitadas, porque as pessoas não querem trabalhar na terra, preferem ficar grudadas em alguma fábrica nojenta, fazendo produtos que envenenam a população. Isso teria de ser mudado. Os fazendeiros têm uma situação insignificante, na ordem social das coisas, e teriam de ter uma situação mais importante antes de poderem atrair os trabalhadores para suas fazendas.

Há muitos anos, quando a Terra era jovem, a atmosfera era muito diferente do que é agora. A vida humana como a conhecemos atualmente não poderia existir naquelas condições, porque havia vapores sulfurosos de vulcões em erupção, havia emanções gasosas e malcheirosas de pântanos trepidantes, em que o metano e outros gases eram lançados à atmosfera. Esta, por sua vez, era muito mais pesada, muito mais densa do que atualmente. Com a passagem de muitos, muitos séculos, a atmosfera modificou-se, purificando-se. À medida que a vegetação florescia na Terra, cada vez mais oxigênio era lançado aos céus, e a vida humana desenvolveu-se de modo a utilizar do melhor meio aquele oxigênio. Mas agora o oxigênio nos está sendo recusado, está sendo substituído pela poluição, aumentam as lesões dos pulmões, a saúde está deteriorando e, a não ser que haja uma volta às coisas mais simples da vida, com a exclusão de produtos de petróleo e de alguns dos sintéticos diabólicos, a vida humana poderia extinguir-se brevemente. Poderia estar extinta já no ano 2000. Mas cada país concorre com os outros para lançar aos céus mais poluição. Chamam a isso progresso social. Os países concorrem uns com os outros; quantas florestas podem ser derrubadas para virarem papel

para os jornais inúteis. Há muito tempo já, declarei que a imprensa é a força mais maléfica desta Terra, e acredito nisso piamente, e um de seus aspectos maléficos é utilizar uma quantidade tão grande de papel. O papel — para uso na imprensa — vem das árvores, a polpa das árvores, e quanto maior a procura de jornais e seu conteúdo sensacionalista, maior a procura de árvores. E assim, cada vez mais os homens vão para o sertão, procurando florestas que até hoje não foram tocadas.

Os homens em busca das árvores, passando pela terra, deixam um espetáculo de desolação atrás de si, uma cena como alguma paisagem lunar, crateras em que os tocos das árvores foram arrancados, rochas em que o solo foi soprado pelo vento. Portanto, a não ser que se consiga inverter essa tendência, a não ser que se plantem árvores, em vez de elas serem derrubadas, podemos despedir-nos da vida humana, despedir-nos de toda vida nessa Terra, até poder ser produzido um novo tipo de pessoa, que possa viver nessas condições nojentas. Isso não se refere apenas à vida humana, mas a toda vida; nos mares e nos rios, os peixes morrem de poluição; no ar, os pássaros morrem por comerem peixes poluídos. Tudo isso volta ao início — temos de ter uma volta à religião e uma volta à terra. Hoje os homens e mulheres correm para o trabalho, lutam pelo dinheiro. Seus filhos, a raça futura, são mais ou menos abandonados nas ruas, para lutarem por si, para viver sob o domínio de personalidades mais fortes que, muito frequentemente, são tipos maléficos.

E assim, o tempo todo as condições vão piorando cada vez mais. Se quisermos ter um belo pomar, temos de fazer seleção, podando, enxertando, plantando de modo seletivo. Se queremos ter o melhor gado — bois, ou cavalos, ou qualquer outra criação — controlamos a produção; um gado não satisfatório não é permitido reproduzir-se, não pode reproduzir sua própria espécie de criatura defeituosa. No entanto, os humanos, os *Senhores da Criação*, vivem de acordo com uma ordem inversa: quanto mais fraco o ser humano, quanto pior a sua moral e capacidade cerebral, mais filhos tem e mais abandonadas são essas crianças, pois os pais estão ocupados na luta pelo dinheiro. Mas são os interesses reunidos que provocam esse estado de coisas artificial. Se se quiser uma produção em massa, então é preciso haver bastante dinheiro para as pessoas comprarem as coisas. Se é só o homem que trabalha, ou ele não ganha o suficiente para comprar tudo o que desejam, ou melhor, tudo o que pensam que desejam, ou então as fábricas não têm

suficiente mão-de-obra barata, e assim as mulheres são mais ou menos treinadas para pensar que não têm o suficiente para viver. Portanto a mãe e o pai, marido e mulher, trabalham em fábricas e os filhos ficam largados e a raça piora cada vez mais. É como a criação deteriorando-se por uma reprodução descontrolada.

A única solução é que os líderes do mundo devam formar algum governo mundial. Os mestres religiosos do mundo devam parar de brigar entre si e tentar fazer alguma coisa pela humanidade. Deviam ensinar que a salvação não está na fábrica e sim na terra. A não ser que haja uma volta à religião, não haverá qualquer esperança para a Terra.

P. — O que pensa sobre os protestos de estudantes, todos esses protestos nas universidades, etc.?

R. — Penso realmente que esses estudantes universitários têm uma idéia muito exaltada de si mesmos. Consideremos a questão devidamente; se as pessoas vão à escola — e a Universidade não passa de uma escola —, isso significa que elas não sabem tudo, senão não iriam à escola. Para mim é uma coisa completamente espantosa que esses estudantes — garotos de colégio — ousem pensar que têm o poder de endireitar o mundo. Parece-me que deviam estar ocupando seu tempo estudando, para que, depois de completado o curso e de terem passado nos exames, para prová-lo, e só então, eles possam começar a reorganizar o mundo. A essa altura, eles saberão alguma coisa a respeito, de modo que se limitarão e suportar e se calar!

Não tenho a menor simpatia por esses garotos de escola que pensam que sabem tanto que podem, como diremos, “manobrar melhor do que Churchill”, e gente semelhante.

P. — E as greves e sindicatos em geral?

R. — Acho que não devia haver greves. As greves são uma forma maléfica de chantagem. No momento em que escrevo isso, estou aqui em Montreal, que é realmente uma cidade doente, uma cidade doente numa província doente, em que as greves e a violência parecem ser o normal da vida diária.

A meu ver, as greves fazem os trabalhadores perderem dinheiro e o empregador também. Devia haver arbitragem, devia

haver tribunais legais definidos, tribunais industriais que resolvessem o problema. Mas em minha vida já conheci alguns líderes sindicais, e eu preferia chamá-los de terroristas nojentos. Parece-me que o sindicalizado normal tem pavor do terrorista do sindicato e, se algum destes se aproximasse de mim, eu o denunciaria logo à polícia. Mas quer-me parecer que os sindicatos são dirigidos em benefício dos líderes sindicais, pois, pelo que ouvi, quanto mais estes conseguem para seus membros, mais exigem para si. Temos casos de suborno de júri, casos em que os trabalhadores inocentes são atacados com barras de ferro. Bom, como se pode justificar a existência dos sindicatos? Creio que deviam ser condenados por lei, assim como as greves deviam ser condenadas por lei.

Há muitos e muitos anos, na Inglaterra, os trabalhadores tinham um sistema muito melhor, tinham as corporações para ajudá-los e creio que todos os trabalhadores deviam ter uma corporação especializada, e não um sindicato. Em outras palavras, sou positivamente contrário aos sindicatos.

Há pouco tempo, houve uma greve num hospital e mais de um amigo médico me disse: “Ah, sim, sabemos que muitas pessoas morreram por causa daquela suspensão no serviços dos hospitais. Mas o que podemos fazer? Sabemos disso, mas, se tentarmos criar algum caso, os sindicatos chamam o pessoal para fazer outra greve e isso só piora as coisas.” Eu precisava ir ao hospital durante a greve e, naturalmente, devido à greve, não pude ir, de modo que talvez tenha má vontade contra os grevistas. Mas não posso deixar de desejar que, num momento de greve, sejam os parentes dos grevistas que saiam perdendo.

P. — A violência no mundo, o que acha disso? O que se pode fazer a respeito?

R. — Naturalmente, a violência no mundo é coisa simples de explicar. As pessoas estão tendo valores falsos. A religião está sendo arrasada. As pessoas não acreditam mais nas coisas simples da vida. Ouvem o rádio, assistem a coisas terríveis na televisão, e lêem os detalhes sangrentos na imprensa sensacionalista. Assim, são condicionadas pelo rádio, condicionadas pelos programas de televisão e, naturalmente, *incrementadas* pela imprensa, que glorifica o sangue. Há pessoas que assistem a um programa de TV e vêem uma casa muito mítica em Hollywood e pensam “por que eles não têm de ter uma casa assim, e eu não? Eu devia ter a mesma coisa. Quero um Cadillac, um barco, uma lancha e um avião.” E assim, ficam descontentes. O descontentamento gera mais

descontetamento, e acabam formando-se bandos, que roubam, seqüestram, e surgem processos legais para todo tipo de reclamações imaginárias. No momento, uma *esportista* está processando um clube por alguns milhões de dólares — alguns milhões de dólares! Mais do que ela poderia ganhar em 10 existências. Mas as pessoas têm uma idéia totalmente inflada de seu valor, Um milhão de dólares hoje nada representa, quando se trata de reivindicações. Mas isso, claro, é culpa da imprensa. O pessoal da imprensa incentiva as pessoas a fazerem tolices, pois, se elas não tivessem essas idéias malucas, a imprensa teria menos assunto. Há muitos anos, disseram-me que a imprensa não queria saber da verdade, só queria imprimir o que os leitores achavam que deviam ler. Queriam o sensacionalismo. Disseram-me que, mesmo que eu não desse uma entrevista, uma entrevista seria publicada.

Eis um ligeiro exemplo: na semana passada, uma tibe- tana foi muito citada na imprensa e disse uma porção de coisas notáveis. Mas a mulher reclamou, afirmando que não tinha sequer conhecido qualquer jornalista! Nenhum jornalista chegara perto dela. Não houvera entrevista alguma, a não ser na imaginação da imprensa. Tendo sofrido com isso pessoalmente, acreditei plenamente nela, e não acredito na imprensa, por princípio.

Mas a violência é causada pela falta de supervisão dos pais, Os pais e mães trabalham nas fábricas e depois têm de sair correndo para os bares ou para o bingo ou coisa que valha, e os filhos — legítimos ou ilegítimos — são largados para se defenderem sozinhos, nas ruas, e para serem contaminados pelos jovens mais fortes e geralmente mais malvados, que surgem no turbilhão.

Mais uma vez, só uma volta à religião pode salvar este mundo. Q animal humano se está deteriorando, tornando-se cada vez menos capaz de discernir o que é certo e o que é errado. As religiões do dia de hoje são povoadas de ídolos de barro, que não conseguem ensinar a religião, e em vez disso preferem tratar da política e, é de supor, ganhar um pouco mais de dinheiro com isso. Os padres deviam ser padres. Os padres deviam tratar da alma da pessoa. Não deviam ocupar-se da política da pessoa.

E assim é. O senhor me fez uma pergunta, e eu digo que a não ser que houver uma volta à religião, e uma censura posi-

tiva à imprensa, não existe uma esperança real para a humanidade, que se deteriora a olhos vistos.

P. — O que pensa da guerra do Vietnã?

R. — Bom, eu gostaria de felicitar calorosamente os vietnamitas! Acho muito divertido que aqueles que os americanos consideravam “os pobres e ignorantes homenzinhos de cor” tenham conseguido resistir primeiro a todo o poderio da França e agora a toda a força dos Estados Unidos. Este país não pôde vencer no Vietnã, devido ao espírito do povo vietnamita. De que adianta lançar 100 mil toneladas de bombas nos pântanos? Faz um esparrame lamacento tremendo, concordo, mas não faz grandes estragos. O verdadeiro tipo de guerra é o que os vietnamitas empregam — guerra de guerrilha. E, se os vietnamitas fossem tão malvados como os americanos pretendem, pode crer que os vietnamitas expulsariam os americanos do Vietnã como se estivessem com as calças pegando fogo, porque os americanos — bom, parece que consomem um bocado de *bolinhas*. Os vietnamitas fazem o seu trabalho procurando assegurar que seu país continue do jeito que eles desejam, e não como os americanos o preferem.

7

O Sr. Telly teve um ligeiro sobressalto quando o velho disse:

— Bom, é isso. Já respondi tudo o que pretendo responder.

O Sr. Telly remexeu-se, moveu os pés e voltou aos rabiscos.

Depois disse:

— Meu Deus! Por que não põe tapetes no chão? Está tão frio aqui. O senhor podia comprar tapetes baratos, sabe. Espere um instante, posso dizer-lhe um lugar em que pode comprá-los bem baratos.

O velho rosnou e disse:

— Mas acabei de explicar, não posso ter luxos e não estou interessado em comprar tapetes.

O Sr. Telly remexeu-se novamente e depois disse:

— O que temos de fazer é trazer uma turma de televisão aqui e fazer um filmezinho com o senhor. Todo mundo quer vê-lo na TV.

O velho quase saltou da cama, aborrecido.

— Ah, não, não estou interessado em TV. Não estou absolutamente interessado naquela caixa idiota nem nos idiotas que olham para ela. Creio que, depois da imprensa, a televisão é a maior praga dos nossos dias. Finge que mostra ao povo as melhores coisas da vida, mas em vez disso só consegue deixar as pessoas insatisfeitas.

O Sr. Telly disse:

— Bom, posso trazer a minha máquina cinematográfica Bolex aqui, e luzes, e meu gravador, e o senhor diz apenas algumas palavras, só algumas palavras! Isso rae ajudaria tanto, se o senhor fizesse só isso, e certamente não o incomodaria.

O velho pensou a respeito e já estava ficando saturado de tudo aquiio. Era mais um daqueles casos em que se dá o de- dinho e o outro toma o braço todo, mas por fim ele concordou:

— Está bem, mas contanto que o senhor, e só o senhor venha cá, pode trazer as suas câmaras e seu gravador, mas, entenda bem, se trouxer o pessoal da televisão, não abriremos a porta,

No dia seguinte, o carro grande e possante do Sr. Telly chegou com um barulhão de ar deslocado. Minutos depois ele veio correndo pelo corredor de pedra, vermelho com o esforço, carregado de câmaras, luzes e com um gravador na mão.

— Cheguei, cheguei — disse ele, frisando o que já era tristemente óbvio.

Com grande perícia, arrumou as luzes, a câmara e fez funcionar o gravador. Ele parecia a mítica Banda de Mac-Namara, ou um malabarista de um braço só. As luzes eram fortes e *Cleópatra* chegou e sentou-se ao lado do velho para tirar retrato também. E depois que *Cleópatra* estreou no cinema, a gata gorda *Taddy* foi trazida pelas mulheres, pois esta não gosta de câmaras nem de qualquer interrupção de sua rotina, que normalmente é comer — descansar, comer — descansar, mas a gata gorda *Taddy* também tinha de aparecer num filme,

O velho pronunciou poucas palavras em inglês, e o Sr. Telly acabou indo embora — ele parecia sempre estar sendo movido a jato — e a paz reinou sobre o lar um tanto abalado.

Depois, o filme apareceu na televisão francesa. Mais uma vez, uma minoria extremamente reduzida fez declarações extremamente fracas. A correspondência chegou aos montes, sepultando o Sr. Telly e sepultando o velho. Aproximadamente 99,9% eram a favor, estavam interessados, etc. Mas uma ou duas pessoas de mentalidade tacanha quiseram apresentar obje- ções, porque o velho falava em inglês e não em francês. Disseram que, se ele não queria falar francês, então não devia aparecer na televisão francesa.

É uma pena esses franco-canadenses serem tão insistentes em matéria de sua língua. Afinal, querem negócios, estão querendo fazer negócios com os EUA e outros países, mas estão impondo como condição que firmas americanas e firmas em outros países só falem francês. Minha opinião, se é que interessa, é que a língua francesa devia ser eliminada dos negócios, no Canadá, e só devia

ser conservada para divertimento daqueles que fazem questão de falar alguma forma de francês. Tenho opinião de que, se a pessoa é canadense, devia ser canadense, em primeiro lugar, devia lidar com a língua natural do país, que é o inglês, e deixar de brincadeira com pseudolinguística. Quero registrar aqui que não tenho simpatia pelos franco-canadenses, nem por suas atitudes muito, muito agressivas e sua insistência em se promover e colocar-se sempre em primeiro plano, em todas as ocasiões, sem consideração pelos direitos e sentimentos dos outros.

As circunstâncias tomavam-se cada vez mais difíceis. Parecia ao velho que, cada vez que ele saía, havia um ou outro jornalista escondido atrás de cada pilastra, O número de visitas aumentava, e os mais variados e estranhos pretextos eram inventados para o visitante poder chegar a conhecer Lobsang Rampa.

Durante várias noites, dois homens ficaram encarapitados como galinhas chocas num murinho do lado de fora da janela do quarto do velho. Uma noite, pegaram uma vara comprida e ficaram batendo no vidro da janela, batendo para chamar a atenção do velho para ele afastar as cortinas e espiar para fora. Um dos homens tinha de prontidão máquina e *flash*.

Como esse sistema não surtisse efeito, eles tentaram outro, em que um dos homens acendia as lâmpadas do *flash* junto da vidraça enquanto o segundo, com a câmara, tentava tirar a foto. Mas ainda dessa vez não tiveram êxito.

Esses jornalistas, porém, tinham todo tipo de truquezinhos, destinados — inteiramente sem sucesso, aliás — a atrair o velho à janela, para poderem tirar uma foto dele, talvez de pijama. Às vezes, atiravam um punhado de areia contra a vidraça. Primeiro, vinha o barulhinho, que se repetia, para depois um punhado de areia solta ser lançada violentamente e com exasperação. Mas, não — a cortina nunca era afastada para deleite deles, pois aquela gente parecia não entender que há outros meios de se vigiar as pessoas sem ser espiando pela janela. Aquele pessoal era tão ávido em sua vigília de apenas uma janela que se esquecia de que havia outras janelas e de que outras pessoas em outros apartamentos podiam contar o que estava acontecendo! Mas as coisas estavam ficando insuportáveis. Era extremamente embaraçoso sair para qualquer lugar — ou ir à cidade — por causa das pessoas que abordavam o velio, ou que sacudiam a cabeça e sorriam. Era extremamente embaraçoso sair de táxi, pois todos os seus assuntos particulares pareciam agora ser de domínio público, graças aos jornais de língua

francesa e à televisão francesa. Não havia dificuldade com os jornais ingleses, nem com a televisão inglesa, só com os franceses.

As pessoas apontando e sacudindo a cabeça, nem todas de má vontade, em absoluto. De fato, uma percentagem mínima era antipática, talvez menos de um décimo de um por cento fosse antipática, mas como fazia barulho. E todo mundo tem direito a sua vida particular, todos têm o direito de se manter afastados dos outros, se quiserem, e no entanto em Montreal não havia essa liberdade. Aquilo parecia uma aldeia. Um homem numa extremidade da cidade espirrava e a notícia chegava à outra extremidade, quase antes de o sujeito acabar de espirrar.

Assim, chegou-se finalmente a uma resolução. A Família iria embora de Montreal, deixaria a Província de Quebec, que se revelara tão pouco hospitaleira, do lado francês, e tão cheia de encrencas. O franco-canadense parecia fazer de seu ódio um passatempo, e parece até que os franco-canadenses chegam a detestar os outros franco-canadenses, aliás muitas vezes detestavam os próprios franco-canadenses mais que qualquer outra coisa!

E assim aquela familiazinha — duas mulheres, duas gatas siamesas e um velho inválido, doente física e espiritualmente — sentou-se para conversar sobre o que havia de fazer, para onde devia ir, e não só aonde ir, mas ainda como chegar lá, pois não é fácil viajar para muito longe com gatas siamesas, mobília e uma pessoa presa numa cadeira de rodas,

A conversa foi demorada. Durou praticamente vários dias. Mapas foram consultados, bem como a opinião de pessoas em lugares distantes. E assim, finalmente, decidiu-se ir para a Colúmbia Britânica, que era o mais longe possível da Província de Quebec e dos franco-canadenses, essa gente antipática. Naturalmente, existem alguns franco-canadenses bons, alguns que são brilhantes, talentosos, dotados. O Prefeito Drapeau, de Montreal, um homem brilhante, um homem humano e também divertido. O Prefeito Drapeau, talvez o maior franco-canadense do

Canadá. Depois, claro, o Primeiro-Ministro Trudeau, ele também é franco-canadense. Mas parece que há dois tipos de franco-canadenses, alguns não tão bons, outros, cavalheiros íntegros.

Foram enviadas cartas para Victoria e para Vancouver, na Columbia Britânica. Montes de cartas foram enviados para corretores e Agências de imóveis, que alugavam ou vendiam, sem se receber uma única respostal

A família pensou e pensou em como aquilo tudo era estranho. Todos aqueles endereços de corretores de imóveis e agências, todos tirados das Páginas Amarelas do catálogo de telefone, e todas as cartas com envelopes endereçados e selados para a resposta, e no entanto — nada de resposta. Tivemos de esperar até chegar à Columbia Britânica para saber o motivo!

Arquitetou-se outro plano. A família iria a Vancouver e ficaria hospedada em um hotel ou pensão, provisoriamente, enquanto procurasse acomodações. Portanto, entraram em contato com alguns hotéis em Vancouver e, por fim, pareceu haver um que oferecia condições e acomodações razoáveis. Ao mesmo tempo, chegou um recorte de um jornal de Vancouver, sem carta, só o recorte. O jornal de Vancouver publicava uma pequena notícia sobre o autor Lobsang Rampa, autor de *A Terceira Visão*, etc., que ia morar em Kitsilano, Vancouver. Kitsilano onde moram os *hippies*. Assim, a família pensou naquilo e chegou à conclusão de que não iria a Kitsilano, de qualquer maneira, se a imprensa dizia que era lá que eles estavam morando e, ao mesmo tempo, não tinham a mais vaga idéia de onde estaria Kitsilano!

Lentamente, tomaram providências para a mudança. Rescindiram o contrato de aluguel do apartamento e a familiazinha mudou-se para um apartamento mobiliado, enquanto seus pertences eram encaixotados e transportados para uma viagem de uns 5 mil quilômetros através de Ontario, passando por Winnipeg, todas as pradarias, subindo e descendo as Montanhas Rochosas até Vancouver, do outro lado, onde, esperava, poderia começar tudo de novo.

O livro *Luz de Vela* — este livro — tinha sido iniciado. Agora foi guardado, nada mais se podia fazer, vivendo num apartamento mobiliado, nada se podia fazer enquanto se completavam os preparativos para a viagem e enquanto o futuro se mostrava tão negro e incerto.

O velho andava por ali em sua cadeira de rodas, despedindo-se de uma pessoa e de outra e mais outra, inquilinos de outros apartamentos, inquilinos que tinham sido decentes, que se tinham metido com suas vidas, inquilinos que demonstravam que, afinal,

havia gente boa até mesmo em Montreal. Um ou dois franco-canadenses também foram cumprimentados e convidados a irem a Vancouver a qualquer momento, pois seriam bem-vindos.

Pela última vez, o velho passeou pelos jardins em sua cadeira de rodas, passando pelo Labirinto e pela Ponte para a exposição o Homem e Seu Mundo, mas até mesmo nesse último passeio, as pessoas foram difíceis, um carro em alta velocidade parou guinchando quando seus ocupantes reconheceram o velho. Câmaras foram agarradas e o caminho do velho barrado enquanto as pessoas do carro tentavam tirar fotos. Mas uma cadeira de rodas elétrica é muito mais fácil de manobrar que um carro, e as pessoas acabaram sem conseguir suas fotos. E assim, mais uma vez, o velho virou-se e voltou e entrou nos jardins do prédio de apartamentos, levou sua cadeira pela ladeira e subiu a pequena distância até ao apartamento mobiliado.

— Não vou tornar a sair — disse ele aos que se preocupavam dentro do apartamento. — Não se tem descanso desse pessoal que se apinha por aí. — Ele se virou e recordou um pouco, pensando em quando a neve estava pesada no chão, e era difícil atravessar os caminhos varridos. Nessa rara ocasião, a velho tinha saído sozinho, e tinha tentado subir a rampa coberta de borracha. Mas a rampa estava escorregadia e a cadeira de rodas deslizava sempre para um montão de neve na extremidade inferior.

No próprio local, havia quatro rapazes franco-canadenses, rindo, escarnecendo, divertindo-se imensamente diante de um velho inválido que tentava viver a sua vida, tentava sair um pouco, e as risadas eram maiores quando viam que ele não conseguia fazer a cadeira de rodas subir a rampa devido à superfície escorregadia. Depois, cansados de olhar, eles saíram correndo por uma escada lateral, e tomaram um carro e partiram em disparada, as rodas traseiras lançando nuvens de neve. Eram de uma conhecida família franco-canadense.

Chegou o momento em que não havia mais necessidade de ficar no apartamento mobiliado em Montreal, de modo que numa manhã, cedinho, veio um táxi e as duas mulheres, as duas gatas siamesas e o velho tomaram o táxi. Sua bagagem e a cadeira de rodas foram colocadas em um segundo táxi e lá se foram para o aeroporto de Montreal. Depois de delongas, burocracia e o mais, acabaram embarcando no avião e voaram até Vancouver, parando primeiro em Winnipeg, que parecia uma cidade perdida, de sentinela no meio de nada. Depois, passando por cima das

Montanhas Rochosas, que pareceriam calombos, comparadas ao Himalaia. Logo depois de atravessar as Montanhas Rochosas, o avião desceu, ouviu-se o ruído do trem de aterrissagem sendo baixado e avistaram Sea Island, o aeroporto de Vancouver. O avião inclinou-se de lado, na curva, baixou, o som do motor mudou e logo se ouviu o guincho dos pneus na pista. O movimento sacudido do avião no macadame e afinal o avião, depois de manobrar, ficou com a cauda de lado para os prédios do aeroporto.

A família, endurecida, levantou-se, saltou do avião e tomou outro táxi que os levou a um hotel próximo.

De passagem, é uma experiência e tanto ser um inválido numa cadeira de rodas. Às vezes, uma boa linha de aviões tem um caminhão com guindaste para suspender a cadeira de rodas para a cabina dos passageiros. Outras vezes, a companhia diz que tem essas facilidades, e o inválido tem de se ajeitar como pode numa escada, nem sempre fácil para uma pessoa parcialmente paralisada. Mas uma de minhas recordações mais felizes é a de Saint John, New Brunswick, depois de uma viagem de trem em que eu tive de ir da estação de Saint John ao Admirai Beatty Hotel, e não havia outro meio de transporte a não ser... num caminhão de peixe! O ajudante do motorista era um homem excepcionalmente cortês e bondoso, mais parecia que eu era um tio rico, do jeito que eie cuidou de mim. Levei a minha cadeira para a traseira desse caminhão e o ajudante teve grande cuidado para que eu subisse em segurança, que a minha cadeira de rodas estivesse freada e tudo o mais. E enquanto a carroçaria era levantada em seu macaco hidráulico, ele ficou agarrado à cadeira de rodas e, tenho de dizer, foi aquela a subida mais segura que já tive na vida. Aquele homem — sinto muito não saber-lhe o nome — era um perfeito cavalheiro.

Foi agradável, a mudança para o hotel, que não ficava longe do aeroporto, um hotel muito novo, tão novo que ainda estava em construção! A família foi andando pelo corredor e subiu num elevador. A *Srta. Cleo* comentava alto, o tempo todo, demonstrando o quanto lhe agradava o lugar e como gostaria de investigar todos os cheiros e cenas do hotel. Ela gosta muito

de vida de hotel, já a experimentara antes em Fort Erie, Ontário, e morou num hotel em Prescott, Ontário, e depois passou muito tempo no hotel extremamente agradável de Saint John, New Brunswick. Portanto — a *Srta. Cleopatra* e a *Srta. Tadalinka* são hóspedes de hotel muito experientes, e *Cleo*, em especial, tem uma virtude que os humanos não possuem: quando ela vê que alguma ação não agrada aos humanos, não a repete. Não rasga a decoração, ao contrário, usa o seu próprio tapetinho, portanto nunca houve reclamações quanto a essa gatinha em qualquer hotel. Elas são sempre convidadas para “voltar e demorar mais”.

O elevador parou, nós saltamos e entramos no apartamento — é um desses hotéis que têm uma série de apartamentos — e o *Srta. Cleo* e a *Srta. Tadalinka* andaram por ali, inspecionando tudo e comentando as coisas em voz alta. Havia três quartos, e elas foram de um para outro, pisando em cima dos móveis, andando por baixo das camas — um serviço de investigação que seria aprovado pelo próprio Sherlock Holmes!

A comida também era uma aventura para elas. Um mensageiro diferente, um processo diferente, pois o velho, preso a sua cadeira de rodas, não pode estar em salas de jantar apinhadas. Há sempre algum desajeitado que tropeça na cadeira, acontece, a toda hora.

As luzes do hotel se acenderam, e a escuridão começou a baixar sobre o vale em forma de bacia que é a Columbia Britânica, cercada pelas Montanhas Rochosas do Canadá. Por cima dos picos das montanhas a luz ainda era forte, embora já rajada por muitas cores. No vale de Vancouver descia a noite, ou melhor, o crepúsculo. Na estrada, que se avistava da janela, as luzes esverdeadas das lâmpadas de mercúrio brilhavam esquentando, ou o que quer que façam, antes de atingirem seu brilho total. O tráfego fluía para a cidade.

Mas a viagem fora fatigante. Cinco mil quilômetros em acomodações apertadas e muitos problemas e muitas, muitas preocupações não são propriamente o ideal para a boa saúde nem para a paz de espírito. Logo a família se recolheu e foi para a cama — ou melhor, nem toda a família; as *Srtas. Cleo* e *Tadalinka* ficaram rondando, cheirando por baixo das portas e escutando todos os sons estranhos da vida em hotel, enquanto os boêmios retardatários iam e vinham, por vezes meio inseguros ...

De manhã, o dia clareou cedo. Um belo dia de Sol, sem uma nuvem e, claro, nada de neve. O clima era maravilhoso. O velho sentou-se na cama e olhou a estrada pela vidraça. Havia uma porção de carros da polícia lá, de modo que ele pegou seus binóculos para ver qual era a anormalidade. E logo percebeu — os *mounties* (membros da Polícia Montada) estavam armando uma de suas ciladas de controle de velocidade, outra vez! Uns 12 anos antes, o velho tinha estado em Vancouver e resolvera não morar ali por causa da ferocidade da polícia. Naquela ocasião, ele se hospedara no Hotel Vancouver e, pela janela do hotel, via a cena eterna das patrulhas da polícia multando os carros estacionados, atormentando os motoristas. E durante dois ou três dias ele olhou e viu que a polícia parecia ser extraordinariamente selvagem, em Vancouver. Assim, por uns 12 anos, ele resolvera não morar na Columbia Britânica. Agora, olhando pela janela do hotel e vendo os *mounties* fazendo a mesma coisa — e eles o fizeram dia após dia, enquanto o velho olhou — lembrou-se de tudo o que ouvira, de todas as cartas das pessoas que lhe diziam como a polícia era difícil em Vancouver. Uma mulher escreveu: “O senhor fala da polícia de Montreal que o impede de sair, mas, espere um pouco, se um dia for a Vancouver, eles quase o impedirão de respirar!”

Mas estava na hora do café. *Cleo* estava atarefada, vendo que tudo estivesse direito, pois ela é uma gata siamesa com uma mente altamente disciplinada e leva suas responsabilidades muito a sério mesmo. Tem de ver que todos estejam bem, antes de se dedicar a sua própria comida. A gata gorda *Taddy*, é claro, que pesa quase o dobro de *Cleo*, pensa primeiro em sua comida!

Depois do café, o velho e um dos membros da família foram ao saguão do hotel, para apanhar um jornal. Ali ele foi logo reconhecido e, apesar de tentar esquivar-se, a mulher persistiu. Assim que uma pessoa o reconheceu, outra também, de modo que ele fez meia volta e rodou a cadeira de volta ao apartamento, pensando que ali igualmente não havia paz. Ficou deitado na cama, lendo os jornais, enquanto dois outros membros da família iam procurar apartamento; uma foi a todos os endereços para onde tinham escrito, a outra saiu, como franco-atiradora, procurando encontrar alguma coisa.

O velho, *Cleo* e *Taddy* ficaram todos sentados juntos no quarto do hotel, enquanto se escoavam as longas horas da

manhã. Lã fora, o tráfego roncava em incessantes viagens para a cidade e da cidade. Trabalhadores noturnos saindo do trabalho e voltando para casa em várias partes da província, trabalhadores diurnos entrando em montes na cidade, pois lá a distância não parece significar grande coisa. Há um motorista de táxi que viaja 60 quilômetros todos os dias, de casa até o local de trabalho, de táxi, e ainda assim acha que ganha dinheiro!

A hora do almoço chegou e passou, mas, logo depois, uma logo depois da outra, chegaram os dois outros membros da família, cada qual com sua história triste a contar.

— Sim — disse uma delas —, receberam a sua carta, mas eles têm o costume de não receber animais de estimação, de modo que, como não lhe iam alugar coisa alguma, não se deram ao trabalho de responder. Nada têm para nós porque não aceitam animais.

A outra tinha uma história igualmente triste:

— Fui a uma porção de lugares, tentando arranjar alguma coisa, mas em toda parte diziam que não aceitam animais de estimação. “Livrem-se de seus bichinhos”, dizem eles, “e aí, sim, nós os aceitaremos.”

A atmosfera — isto é, o clima — de Vancouver é muito agradável mesmo, é um ótimo lugar onde se raorar, com belos parques, vistas lindas, mas, por algum motivo extraordinário, parece haver um ódio aos bichinhos de estimação. Ora, essa gente será desumana, será que não atingiu um padrão humano, ainda, ou então, por que uma tal aversão pelas criaturinhas, que muitas vezes são muito melhores e se comportam muito melhor que os humanos que lhes negam o direito de espaço vital?

A família ponderou sobre a questão, indagou, mas sempre tinha a mesma resposta — nada de bichos. Uma mulher que encontraram por acaso numa galeria comercial disse: “Ah, sim, é verdade, eles aqui não aceitam bichinhos, eu tive de me desfazer de meu gato para poder arranjar um apartamento em algum lugar. Assim, descartei-me de meu gato e hoje tenho um apartamento de um quarto, pelo qual pago 160 dólares.”

Não, a família não queria se “descartar” de *Cleo e Taddy*, porque elas são civilizadas, inteligentes e são pessoas definidas. Por tanto, se necessário, resolveu a família, se Vancouver é tão pouco hospitaleira, mudemo-nos para outro lugar, onde o clima talvez não seja tão bom, mas onde as pessoas sejam mais bondosas.

Os habitantes de Vancouver realmente parecem intrometer-se, eles se impingem aos outros, pensando que têm o direito de abordar qualquer pessoa. O velho foi a um centro comercial e três vezes, em meia hora, foi abordado de maneira muito insultuosa por gente animada e entusiasmada demais. Mas uma das pérolas entre os encontros aconteceu no dia seguinte,

O velho estava sentado em sua cadeira de rodas na avenida, esperando outro membro da família, que fazia compras. Um rapaz apareceu correndo e quase derrapou, parando defronte do velho:

— Eh! — exclamou ele — eu o conheço. Tenho uma foto sua.

— Muita gente tem — respondeu o velho, um tanto asperamente.

— Ah, sim, mas eu tenho uma foto muito especial, uma foto sua com um amigo meu.

A essa altura, o velho começara a interessar-se. Qual poderia ser essa maravilhosa foto com um amigo? E então ele disse:

— Uma foto de mim com um amigo seu? Quem é?

O rapaz sorriu e fez uma cara sabida:

— Ah, eu sei de tudo a seu respeito. Tenho uma foto sua e você está com o braço por cima do ombro de um amigo meu. Foi tirado na Inglaterra este ano.

O velho quase caiu da cadeira, de tão espantado, e depois disse:

— Mas, meu Deus, não pode ser! Não estive na Inglaterra este ano. Há 15 anos que não vou à Inglaterra.

O rapaz olhou para ele, sacudiu a cabeça com tristeza e disse:

— Você não pode estar dizendo a verdade. O que tem para esconder? Tenho uma foto sua tirada em Londres em agosto de 1972. Você está com o braço sobre o ombro de um amigo meu.

— Mas, repito — disse o velho —, há uns 15 anos que não vou à Inglaterra. Deve haver algum engano.

O rapaz sacudiu a cabeça, desconfiado, e depois perguntou:

— Você é Lobsang Rampa, não é?

Claro que o velho admitiu a sua identidade, e o rapaz gritou, triunfante:

— Bom, então deve ter estado na Inglaterra em agosto de 1972, pois tenho a sua foto para prová-lo. — E ele se virou e foi embora, sacudindo a cabeça. E o velho ficou ali sentado na cadeira, também sacudindo a cabeça!

Mas que coisa realmente extraordinária, todos esses impostores. Havia anos que o velho não ia à Inglaterra, e ele não era o tipo de pessoa que se deixava fotografar com o braço sobre o ombro de outras pessoas! Mas havia coisa pior ainda — apareceu outra pessoa, que disse:

— Ah, eu o vi na televisão! Eu estava em Baltimore há algumas semanas e o vi no *show* tal-e-tal.

O velho disse:

— Bom, não podia ter-me visto lá porque não estive em programa algum de televisão.

A mulher insistiu:

— Ah, era o senhor mesmo. — Depois pensou um pouco.

— Mas tenho de confessar que estava diferente. Talvez o senhor esteja mais doente agora, mas era alguém com o seu nome e duvido de que haja muita gente com o nome de Terça-Feira Lobsang Rampa. Não, era o senhor mesmo! — exclamou ela.

Houve outro caso em que alguém escreveu dizendo que tinha assistido a um programa de televisão de Toronto. Dizia: “Estive ouvindo um homem na televisão que disse que o senhor foi à casa dele e predisse que a mulher dele estava grávida. E ela estava mesmo e eles não sabiam! O senhor disse direitinho como ia ser o bebê — e tinha razão. O homem diz que conhece o senhor bem.” As maravilhas nunca acabam porque — não, nunca predisse que alguém estava grávida. Sempre pensei que a pessoa devia ser suficientemente alerta para saber se vai ter um filho ou não. Não cabe a mim dizer-lhes, especialmente porque não tive nada com aquilo! Mas é realmente extraordinário como há gente mentalmente falida que nada sabe fazer por si e tem de imitar outra pessoa que tem uma espécie de nome. Há pouco tempo, tem havido um surto de gente que finge ser *eu*, ou que eu sou um amigo íntimo deles, etc., etc.

Quando eu estava em Prescott, recebi uma carta de uma mulher que morava em Montreal. Ela me escreveu me chamando de “marido” e, à medida que eu ia lendo, ficava cada vez mais admirado, pois a carta me dava a entender que eu era pai do filho dela. Parece que eu — estritamente de acordo com ela — a visitara no astral e... hum, fizera o que tem

de ser feito para produzir aquele efeito. E assim a mulher pensava que eu era o pai astral de seu filho ainda por nascer! Mas eu me lembrei disso porque nas últimas semanas recebi uma carta de uma mulher na Inglaterra que também acha que sou o pai do filho dela, embora eu esteja a uns 9 mil quilômetros dela e não vá à Inglaterra há 15 anos. Ou eu tenho atributos físicos notáveis, ou então as coisas estão um bocadinho atrasadas, não é? No entanto, suponho que mentes doentias podem imaginar qualquer negócio. Mas isso só foi mencionado para mostrar que tipo de gente às vezes importuna um pobre autor. Suponho que o padre católico romano solteiro e que tem o título de *padre* (pai) sente coisa parecida com o que eu sinto, nesse ponto. Ele não é casado, é chamado *pai*, embora provavelmente nunca tenha nem pensado em *agir*.

Mas a busca tinha de continuar. Como encontrar um lugar para morar? Como fazer? As contas de hotel são altas e ficar muito tempo hospedado em hotel — bom, é preciso ter os recursos de um Rockefeller para fazer isso. Até mesmo Howard Hughes parece que tem de se mudar de hotel em hotel!

Fizemos mais indagações, escrevemos mais cartas. Escrevemos uma carta para um desses lugares que garantem encontrar alojamentos adequados. A resposta foi rápida: “Ah, já ouvi falar a seu respeito, Dr. Rampa, quero tanto conhecê-lo. Não consigo encontrar alojamento para o senhor por causa de seus bichinhos, mas quero muito ir conhecê-lo.”

Afinal a família mudou-se mais para o centro da cidade, na esperança de estar mais no meio das coisas, na esperança de que contatos pessoais lhes permitissem encontrar morada. Mudaram-se para o centro da cidade, para outro hotel que, pelo menos provisoriamente, aceitava os bichinhos.

Parecia que as coisas iam demorar, de modo que a máquina de escrever foi desencaixotada e *Luz de Vela* recomeçado. Tendo recomeçado *Luz de Vela*, então certamente devíamos voltar a discutir esses problemas, essas questões que parecem confundir tanta gente.

8

O velho estava sentado diante da eterna pilha de cartas* De repente, pegou uma delas, ouviu-se o farfalhar do papel e ele começou a dar risada.

— Êh! — chamou ele. — Escutem só isso; é uma carta que acabei de abrir.

Ele leu trechos da carta. “Houve um desses vôos fretados, de Los Angeles a Londres, na Inglaterra. Um grupo de pessoas ia fazer uma excursão pelos lugares históricos de Londres e da Inglaterra. O avião chegou na Inglaterra e a excursão começou. Todos entraram num dos ônibus fretados e foram para um lugar chamado Runymede, um dos lugares históricos do mundo, e não só da Inglaterra, um lugar onde teve início a liberdade, há séculos.

“O Guia levantou-se diante da turma de turistas americanos, com suas bermudas e suas câmaras e olhos de coruja por trás de seus grandes óculos e disse: “E aqui, senhoras e senhores, temos um lugar verdadeiramente histórico. Este é um lugar importante. A Magna Carta de 1215 foi assinada aqui.” “Uma gorducha olhou para o relógio e disse, aborrecida, ‘Que pena! Nós a perdemos por 20 minutos’.”

Mas é um passo tão pequeno da alegria à melancolia. Aqui temos uma pessoa que se preocupa mais com. .. a morte:

“O senhor escreve muito sobre a morte e as alegrias que ela encerra para aqueles que escapam das dificuldades da Terra, mas nunca fala na ajuda a nós que ficamos aqui. Que tal dizer-

nos alguma coisa, no livro que está escrevendo, sobre a tristeza e o que se pode fazer? Está bem para aqueles que se foram, mas não tão bem para nós que ficamos. Então, que tal falat um pouquinho sobre a tristeza?”

Muito bem, é justo: a morte e a tristeza são tão mal compreendidas, mal representadas. Quase todo mundo na vida já teve tristezas, a perda de um filho querido, a morte de um pai ou mãe ou companheiro. A tristeza é realmente uma coisa horrível e, se nos entregarmos a nossas emoções, poderá causar malefícios permanentes. As pessoas deviam compreender que o sistema aprovado pela sociedade atual não é sempre o melhor. Os velhos chineses, por exemplo, costumavam rir-se muito ao contarem a morte de um ente querido. Os velhos chineses não podiam admitir a idéia de mostrar sua emoção, mostrar a emoção da dor, ao mundo, de modo que tratavam aquilo com leviandade, embora inteiramente artificial.

Não há meio de terminar a dor que uma perda nos causa, nem meio de terminar a tristeza. Só o tempo pode fazê-lo. O tempo cura tudo, o tempo acabará com a dor da tristeza, o tempo terminará as dificuldades dessa Terra turbulenta, o tempo terminará a própria vida.

Uma das maiores pragras da vida moderna é a atitude dos agentes funerários, pois eles, sem dúvida por motivos comerciais, querem fingir que o nosso “ente querido” não está morto, mas simplesmente adormecido. Esses agentes funerários pintam os rostos dos mortos, ondulam os cabelos mortos, apoiam o corpo morto para imitar uma pessoa que esteja dormindo numa almofada de cetim.

Parece haver uma conspiração universal na vida de hoje para esconder a tristeza, como se houvesse algo de chocante e vergonhoso em mostrar a emoção diante de uma perda.

Uma pessoa que vai fazer uma longa viagem ao outro lado do mundo, por exemplo — bom, sempre há a possibilidade de a pessoa voltar. Mas quando a pessoa está morta, então essa pessoa já se foi desta Terra e é bem improvável que volte. Muitas vezes a tristeza tem traços de uma hostilidade positiva, hostilidade porque a pessoa morreu e nos deixou. Ora, pense nisso e, embora pareça irracional, é verdade — existe uma espécie de hostilidade subconsciente para com uma pessoa morta. Muitas vezes também há uma sensação de culpa. Poderíamos ter feito mais pela pessoa sofredora? Poderíamos ter-lhe salvo a vida? Poderíamos ter aliviado seu sofrimento? Bom, quando uma pessoa *nos dá uma sensação de culpa*, muitas vezes

temos ressentimento contra essa pessoa, de modo que, quando há uma morte, há muita *pesquisa de alma* — de quem é a culpa, o que mais se poderia ter feito, ou “como é que ele pôde fazer isso comigo, como pôde sair de minha vida?”.

Os agentes funerários fazem coisas fantásticas para fingir que o cadáver não é mais que um corpo adormecido. Deturpam os valores e, em minha opinião, é muito errado colocar um corpo numa atitude não natural, isto é, não natural para a morte, e fingir que ele ou ela está só dormindo. Devíamos ter um novo conceito da morte. Os países deviam gastar dinheiro para investigar a morte e para ensinar às pessoas que o sofrimento é natural, a tristeza é norma!, a tristeza é uma válvula de segurança que permite que nossas emoções contidas se esgotem jnocualmente.

Os grandes homens como Winston Churchill não tinham medo de verter lágrimas, quando a ocasião o justificava. Dizem que Winston Churchill sabia verter lágrimas de tristeza e lágrimas de emoção, e nem por isso deixava de ser um grande homem.

Agora você pergunta o que se poderia fazer para ajudar a uma pessoa que está sofrendo por causa da perda de um companheiro ou parente. . . Não vamos falar dessa hipocrisia de “ente querido”, pois muitas vezes os jovens sentem um grande alívio com a morte ou perda de um pai ou mãe velha e rabugenta. Têm vergonha de seu alívio e por isso falam de “ente querido”.

A primeira coisa a fazer é enfrentar o fato de que ocorreu a morte, e que as coisas agora são diferentes. Haverá burocracia, funcionários intrometidos hão de querer uma porção de papéis assinados. Funcionários públicos sem coração vão querer sua parte de qualquer herança que for deixada. Pode-se ajudar muito ouvindo a pessoa enlutada, ouvir e deixar que ela fale, fale até esgotar a sua tristeza, converse sobre o passado. Assim, a culpa será esgotada, a tristeza será esgotada e aquele que morreu ficará mais livre.

É essencial que se ajude a pessoa a vencer a tristeza, não é bom deixar que alguém fique sozinho, sofrendo, chorando, com uma cara dura e séria, sem nada mostrar ao mundo exterior, pois essa tristeza contida dentro da pessoa tem de aparecer

em algum lugar. É como uma panela de pressão — não se pode apertar a válvula de segurança e continuar a aumentar o calor, pois alguma coisa há de estourar, no fim. Uma pessoa dominada pelo sofrimento contido mais tarde sofrerá de úlceras ou graves distúrbios intestinais, ou pode até passar a ter artrite. Em casos extremos — e tenho dois vizinhos nesse caso, não muito longe de mim — pode ocorrer a esquizofrenia. Por exemplo, uma moça, que parece ter tudo na vida, e parece razoavelmente equilibrada, pode de repente ser abalada pela morte de um parente, e pode ficar desequilibrada mentalmente e passa a andar melancólica, zangada e suja. Essas coisas acontecem, mas não aconteceriam se houvesse mais compreensão da natureza do sofrimento, não aconteceria se os vizinhos ajudassem deixando a pessoa falar, e ficando calados, ou fazendo barulhinhos adequados de vez em quando.

Quantas vezes não ouvimos uma pessoa enlutada dizer: “Se eu tivesse agido de modo diferente, ele hoje estaria conosco.” Há outros casos em que uma pessoa enlutada ralha com uma pessoa morta, ralhando e dizendo “*por que* ele foi morrer e me deixar, *o que* vou fazer agora?”

Uma das piores partes do ofício fúnebre é o elogio, em que alguém fala uma porção de besteiras sobre o morto. Ninguém que morre é ruim, é o que parece. As pessoas procuram alguém que possa dizer uma porção de mentiras, contando como quem morreu era bom e que perda é para a comunidade. Mas isso é mau, sabe, faz a pessoa enlutada achar que perdeu uma coisa muito, muito mais preciosa do que o era, na realidade.

Muitas vezes, há casos em que um marido perde a mulher, talvez de parto. O homem, que agora é pai, tem uma hostilidade não disfarçada pelo pobre bebê inocente, que, ao nascer, eventualmente causou a morte da mãe. Portanto, há um çai marcado e um bebê marcado logo de saída. Se as pessoas ao menos esclarecessem seus conceitos sobre as coisas...

Ora, a tristeza — o quê é? Muitas vezes, é egoísmo. Muitas vezes é uma oposição a qualquer mudança. As pessoas não gostam de uma mudança permanente, de modo que quando ocorre a morte, bom, isso é permanente, isso é uma mudança considerável e ocorrem o ressentimento e a hostilidade.

O que se deve fazer é o seguinte: ajudar a pessoa enlutada encorajando-a a falar e, se ela chorar, tanto melhor. Chorando, as emoções são liberadas e não há perigo para a sanidade da pessoa. Você pode falar com delicadeza, mas firme, com a

pessoa, dizendo-lhe que chore, que não reprima suas emoções, dizendo-lhe que — sim, foi uma perda horrível, mas que em breve também ela estará passando para o outro lado da cortina que separa os mortos deste mundo dos vivos. E se você for bom psicólogo — os melhores psicólogos vêm das casas e não dos consultórios dos ditos profissionais — poderá fazer muito para ajudar aqueles que precisam de seu auxílio.

Quero dizer aqui que, enquanto as pessoas devem ser encorajadas a dar vazão à sua dor, para se *livrarem dela*, não devem ser encorajadas a persistir na dor, pois isso será apenas chorar a própria perda, e não a tristeza autêntica, é autocompaixão e não deve ser encorajada.

Ainda sobre esse assunto, eis outra carta que certamente se aplica ao presente: “Ocorreu uma coisa muito chocante quando o meu pai estava morrendo. Minha filha, que tem 18 anos, deitou-se num sofá e — sabe o quê? — *adormeceu pro- jundamente quando meu pai estava morrendo*. Nunca poderei perdoar-lhe isso!”

Mas, sabe, é preciso lembrar que há certas pessoas que são *auxiliares das que estão passando para o outro lado*. Essas pessoas, seja de que idade forem, ou de que classe, têm a faculdade de ajudar seu semelhante a passar para a outra vida, assim como a parteira tem a habilidade de ajudar um bebê a nascer e a se separar de sua mãe. A parteira tem de ficar bem acoroaóá, mas o “auxiliar” tem de parecer que dorme, pois a forma astral tem de sair do corpo. Assim, nesse caso, a filha não “adormeceu” impensadamente. Ao contrário, ela teve a habilidade de deixar o seu corpo e ajudar o avô a ingressar em sua nova vida.

Há tantas coisas que se poderia dizer sobre a morte. Por exemplo, nos tempos da Atlântida e Lemuria, sempre havia corpos conservados em câmaras frias, corpos mortos, ou aparentemente mortos. Eram corpos *sem entidade* que eram conservados para que os Jardineiros da Terra pudessem a qualquer momento assumir um corpo e aparecer entre os humanos como um ser humano. Foram esses os primeiros casos de *viagem no tempo*, pois os Jardineiros da Terra, que tudo sabem e tudo podem fazer, têm de viajar a mundos diferentes e se misturar com entidades diferentes e assim, como foi dito, conseivam certos corpos que podem ser assumidos, por combinação. Isto não é necessariamente o mesmo que a transmigração, pois nesta

uma entidade assume um corpo — por combinação especial e permissão especial, é claro — e permanece no corpo durante o resto de sua vida na Terra. Mas os Jardineiros da Terra podiam assumir um corpo, ir a qualquer lugar por certo tempo e depois deixar o corpo, assim como uma pessoa pode alugar um carro, fazer uma viagem e depois devolver o carro aos locadores. Talvez possamos fundar um serviço de viagem nessas bases!

Agora, digamos algumas palavras sobre o envelhecimento. É uma coisa bastante desagradável, que acontece a todos nós, por mais que tentemos disfarçar esse fato desagradável, por mais pó-de-arrroz e pinturas que usemos, por mais que tentemos nos convencer do contrário. Lá vem um dia em que você amanhece com as juntas estalando um pouco e que você não se levanta com a mesma facilidade que antigamente. Você aí chega à conclusão inevitável de que está ficando velho.

Quando as pessoas vão ficando velhas, ou melhor, quando envelhecem, parecem se desintegrar bem depressa, mas isso é natural, não é? Digam o que quiserem a respeito, as pessoas não passam de flores do Superego! As flores são apenas artifícios para chamar a atenção para as sementes, e as pessoas, portanto, são apenas as flores que têm as sementes para reproduzir outros membros de uma espécie ou uma raça. Uma mulher deve ser atraente ao macho, pata que, na união que se segue, certos atos que ocorrem permitam que a raça se propague e continue. Afinal, os homens e mulheres estão aqui com um propósito, continuar a raça, para que sempre as pessoas aprendam cada vez mais. Mas segundo a lei básica da Natureza, quando a reprodução não é mais possível, devido à deterioração causada pela idade, então não há mais qualquer necessidade real para que a vida continue. Quando as pessoas foram além da idade em que podem contribuir para produzir outros seres humanos, então, no plano puramente material, estão liquidadas.

Nos tempos antigos, quando a raça do homem era jovem, as pessoas viviam até os 30 ou 40 anos e aí, quando não podiam mais gerar filhos, morriam*. Era semelhante ao que ocorre com as flores; numa planta, as flores desabrocham e as sementes estão dentro da flor. Depois de certo tempo a flor murcha e cai, e esse é o fim daquela flor. Ela cumpriu a sua tarefa, tendo as sementes e deixando-as ah, a serem usadas. Quando essa tarefa se conclui, acabou-se também o motivo para a existência da flor. Os seres humanos antigamente eram mais assim.

Mas a chamada ciência prolongou o espaço de vida de talvez duas ou três vezes, o que era normal nos primeiros tempos da raça. Mas as pessoas continuam a correr pc. aí, tentando manter a ilusão da juventude, pois elas têm uma memória racial de que, sem a capacidade de se reproduzir, não têm mais utilidade e, por isso, buscam uma falsa juventude, em que tentam convencer aos outros de que ainda podem gerar filhos e isso, para eles, é uma desculpa ou motivo para continuar a viver. Vemos isso especialmente na história da vida dos ídolos de Hollywood. Um sujeito alega que é o “maior gerador de filhos que existe”. Ou então alguma atriz cinematográfica, com um busto provavelmente aumentado cirurgicamente, diz que é o melhor símbolo de sexo que já houve. Besteiras! É o espírito e a alma que interessam, não as massas de carne que revestem o esqueleto do corpo.

Nas raças mais velhas, as pessoas morriam jovens, a não ser alguns velhos, muito poucos, que eram propositadamente deixados ali pelos Jardineiros da Terra para ensinar e transmitir os conhecimentos de uma vida bem mais extensa do que o normal. Mas essa mania de hoje, em que as mulheres se fantasiam de coisas que nunca foram — bom, isso é coisa de autojustificação, que significa que elas ainda querem competir no campo (ou devia dizer cama?) do sexo. Se as pessoas ao menos fossem naturais e fizessem coisas adequadas a sua idade, seriam muito mais felizes. Haveria menos distúrbios nervosos, menos hostilidade de outros grupos etários.

Mas, embora triste, pode ser até que os Jardineiros da Terra sejam os responsáveis pelo estado horrível a que chegou a humanidade. Quando um jardim — por mais maravilhoso que seja esse jardim — fica muito tempo abandonado, devido à ausência do jardineiro, então o jardim degenera, e tudo desaparece. Os seres humanos certamente fizeram isso depressa, estão num grande estado de confusão quanto à sua origem. Não sabem por que hão de pensar em coisas materiais e metafísicas. Não sabem onde se encaixam as coisas. Vêem o corpo humano mas não vêem a alma, e assim são mais propensos a acreditarem no corpo humano puramente físico. E, no entanto, os humanos rezam e veneram uma Trindade que, através dos longos anos de uso cristão, é conhecida como Pai, Filho e Espírito Santo. Na verdade, a Trindade é o Superego, que é o Espírito Santo, a forma astral que é o intermediário e depois o terceiro que é simplesmente o corpo físico da Terra.

O corpo físico da Terra é o trabalhador, aquele que faz coisas difíceis para aprender lições difíceis, que o Superego mais intangível não poderia suportar. Pode-se dizer, igualmente, que um selvagem pode suportar mais torturas do que uma senhora muito fina. Assim, a tortura física estaria no plano mais baixo, mas a senhora muito fina poderia suportar muito mais choques mentais do que o selvagem. Os seres humanos deviam lembrar-se de que são basicamente três entidades, a física que é o corpo terreno, a astral e o Superego. Na verdade, há nove diferentes revestimentos, do físico ao astral, mas isso não interessa por enquanto, pois estão em diferentes dimensões e, quando a gente quer falar de coisas numa categoria de três dimensões, não é fácil falar de coisas de uma existência na nona dimensão.

E — para confundi-lo bastante — em outros planos de existência há mais do que os nove revestimentos. Pode acrescentar alguns zeros, se já esteve lá. Eu estive!

Um pastor cristão, que não deseja ver seu nome mencionado, escreve-me — aliás, ele está tão ansioso por que não se mencione o seu nome que nem o dá! Infelizmente para ele, usou seu próprio papel com cabeçalho e, num momento de distração escreveu no verso, ou, mais simplesmente, escreveu no lado em que não havia endereço. O outro lado tinha seu nome e endereço! Não importa, não darei nem seu nome nem o endereço, mas eu lhes direi uma coisa: muitas pessoas religiosas me escrevem, bispos me escrevem, um cardeal já manteve correspondência comigo e, por falar nisso, aprovando completamente meu trabalho. Uma pena que eu não possa conseguir que ele faça uma declaração à imprensa, hem? E há ainda outro cavalheiro de *batina*, em jesuíta e alto membro daquela Ordem. Ensina a outros jesuítas de *alto nível*. Toda essa gente aprova meu trabalho, toda essa gente me escreve dando nome e endereço, seguros de que nunca revelarei nomes e endereços a não ser a pedido ou com a permissão da pessoa citada. Nem todos desejam publicidade. Eu, por mim, não a desejo!

Mas voltemos ao nosso padre encabulado. Ele me escreve uma carta simpática, com exclamações de assombro e horror por que as pessoas não acreditam em meus livros. Conta-me que a Igreja Católica ensina aos seus adeptos que, na hora da morte, o cristão — cristão católico — deixa o corpo físico e aí Deus lhe dá um de espírito. Parece que depois disso eles todos cantam o Aleluia juntos e tocam harpa e esvoaçam pelos campos astrais. Bom, O.K., cada um tem a sua crença, mas

em substância, isso é apenas o mesmo que o que eu tenho escrito. Claro que as pessoas deixam o corpo físico e depois não recebem um corpo espiritual porque já o possuem — o corpo astral.

Ora, é realmente uma pena que esse venerável reverendo pense que está anônimo, pois eu gostaria de lhe escrever para dizer que, não, as pessoas não descreem em meus livros. Acho que, nos últimos 16 anos, não recebi mais do que quatro ou cinco cartas realmente insultuosas, cartas que exprimissem dúvidas, etc. Essas eu guardei em meu — como direi? — Museu Negro. Mas essas são apenas o delírio de mentes doentias. Uma pessoa me disse que Deus me ia fulminar, mas que, se eu lhe enviasse uma importância em dinheiro, ela trataria de fazer com que Deus não me fulminasse e eu não morresse. Pois bem, eu não mandei o dinheiro e continuo aqui.

Outra *senhora* me escreveu muito indignada porque eu falava de curandeiros de ruas escuras e essas coisas. Ela me contou as maravilhas que conseguia, como curava o câncer, e, parece (dá muito trabalho ir verificar!) que até fazia ressuscitar os mortos. Mas então ela me escreveu furiosa porque as pessoas liam os meus livros e sua clientela caíra muito. Acusou-me de ter arruinado sua fonte de renda. Divertido, hein?

Recebi outra carta de um cavalheiro de cor, que escrevia por si e por um amigo. Diziam que gostariam de visitar-me porque os dois queriam ser médicos, e assim me escreviam para perguntar se eu podia mandar-lhes passagens de avião em primeira classe e fornecer-lhes uma importância monetária adequada para eles poderem viajar um pouco pelos EUA e resolverem onde gostaria de morar. O signatário continuava dizendo que, quando tivessem resolvido onde gostariam de morar, eu poderia pagar o treinamento dos dois e todas as suas despesas por uns cinco anos, “ou mais”, escreveu um deles, “se resolvermos nos especializar”. Claro que eles deixaram bem claro que nunca me poderiam reembolsar, mas me garantiam que rezariam por mim todos os dias de minha vida.

Naturalmente, fiquei comovido ao pensar naqueles cavalheiros de cor, rezando tão animadamente por mim, se eu lhes desse milhares e milhares de libras só pelo amor de cavalheiros de cor, mas não fiquei comovido a ponto de me separar de um vintém. Hoje, eu tenho de olhar os dois lados da moeda, e quem mé dera ser versado na arte de dividir uma nota em duas!

Infelizmente, no Canadá, como em outros países do mundo, o Governo não gosta de que as pessoas imprimam seu dinheiro, nem que façam seu dinheiro; o Governo gosta de conservar um monopólio sobre isso, embora sinta grande aversão por outros povos que tenham monopólio sobre qualquer coisa. E é isso, os cavalheiros de cor ficam sem treinamento, e eu continuo virginalmente puro, pelo menos no que diz respeito à falsificação de dinheiro.

Agora, temos de continuar com algumas dessas perguntas. Vocês me tornam dispersivo, sabem! Claro que são vocês que me desviam, pois se não me mandassem essas cartas eu não ia divagar por causa dos comentários curiosos que vocês às vezes fazem. Mas, de qualquer forma, voltemos às perguntas:

Uma senhora da Índia está muito intrigada; ela escreve:

A coifa, membrana que às vezes envolve o bebê ao nascer, tem algum significado metafísico ou psíquico para aquele indivíduo?"

Não, nada significa. Não significa mais que algumas pessoas nascerem de cabelos pretos, outros de cabelos — como quiserem chamar — louros, ou ruivos. Uma coifa é apenas uma coisa peculiar àquela pessoa e de maneira alguma aumenta sua habilidade psíquica ou poder espiritual. Há gente que não pensa assim, mas na verdade não passa de invencionice; como gente que acredita que dá má sorte um gato preto nos atravessar o caminho à meia-noite numa noite sem Lua... e nem sei como veriam aquele gato preto, e vocês? Outros acham que traz boa sorte quando o mencionado gato atravessa seu caminho nas circunstâncias descritas. E é isso, sugiro que vocês peguem a moeda que já mencionei e resolvam em que querem acreditar, depois joguem a moeda para ver se estão certos ou errados. Eu digo que uma coifa nada significa.

Agora, outra pergunta:

Muitos fatores que têm influência sobre nós fisicamente, isto é, o câncer, pobreza, cegueira, etc., têm algum fundo ao qual se pode contribuir para ajudar em todos os aspectos da questão. Seria possível organizar um fundo desses para ajudar a causas como a sua?

Ah, não, minha cara senhora, isso é uma coisa carregada com material de bomba atômica! A primeira coisa que veríamos, se isso fosse feito, seria a imprensa dizendo que eu estava explorando o público, ou esbulhando as pessoas ou coisa que o valha.

Há algum tempo sugeriram que eu organizasse uma Fundação, mas não sou nada adepto disso, pois tantos *cultos* têm uma Fundação dessas, que lhes permite organizar alguma coisa em que não pagam imposto de renda sobre o dinheiro recebido, mas que lhes permite pagar salários muito elevados a si mesmos, uns aos outros, por “serviços especializados”, seja o que for o significado disso. Sou honesto, e lamentavelmente honesto bastante para ter uma aversão instintiva dessas Fundações. Muitas não são o que fingem ser.

Sempre fui de opinião de que, se uma pessoa realmente deseja ajudar a pesquisa na aura ou outros assuntos em que tenho um interesse profundo, sempre podem ajudar com uma doação, se quiserem, mas isso elas têm de resolver por si.

Agora, aqui temos uma coisa que vai abalá-los; essa pergunta é, esperem um pouco, vamos ver direitinho:

Sobre o assunto de Tai Chi, em Wisdom of the Ancients (A Sabedoria dos Antigos), o senhor disse que os sábios da China usavam Tai Chi para indicar aquilo a que voltamos, ao deixarmos este mundo. É o final ou o fim de todas as coisas encarnadas. E uma reunião com o Superego da pessoa e o estado que na Terra só pode ser comparado à felicidade? Acha que pode dissertar sobre isso? Por exemplo, o Tai Chi tem alguma luz para nós hoje, e qual a sua origem?

Mas é sobre isso que lhes venho falando em 13 livros! Quando deixamos esta Terra, estamos um passo mais próximos de *Casa*. Cada passo para cima, de plano em plano, traz um aumento de alegria ou o que o autor da carta chama de “felicidade”. Em cada estágio inferior da evolução, temos de trabalhar duro, com recompensas relativamente pequenas, mas, quanto mais alto subimos, maiores são as nossas responsabilidades, menor o trabalho físico e mais altas as aspirações que nos são possíveis. De modo que nesta Terra, por exemplo, podemos trabalhar de pá e enxada *para a glória de Deus*. Não há nada de vergonhoso no trabalho pesado. Mas você não tem a mesma remuneração que o presidente da companhia que o emprega. Teria trabalho pesado e uma baixa remuneração, mas pouca responsabilidade, enquanto que o pobre coitado, sentado em sua cadeira estofada, tem uma alta remuneração, pouco trabalho físico e tanta responsabilidade que em geral tem úlcera. Bom, quanto mais alto você chega, menos trabalho físico você faz, mas, quanto mais você gostar de fazer bem um tra-

balho, maior prazer terá em estar a serviço dos outros. E quanto mais subimos. . . bom, quando chegamos ao nono plano da existência, por exemplo, chegamos a um estado de felicidade que seria bem incompreensível em termos tridimensionais. É como — ousarei mencionar o amor? — na Terra, devido aos costumes inibidores do cristianismo, o amor está todo misturado com o que também se conhece como sexo, e aqui o sexo é considerado como algo de que não se pode falar, é considerado *sujo*. Portanto, é inútil tentar explicar a uma pessoa enterrada numa sujeira imaginária o que são amor e sexo na nona dimensão. Não há termos para descrevê-los, e no entanto é preciso haver uma tal união de almas altamente evoluídas antes de poder saber o que realmente significam a alegria, felicidade, êxtase, ventura e tudo o mais.

O Tai Chi tem alguma luz para nós hoje?

Bom, estamos na Era de Kali, estamos no movimento descendente do pêndulo, e as coisas vão piorar muito antes de melhorarem muito. Estamos descendo para as profundezas. Quando atingirmos o ponto mais baixo, começaremos a subir de novo até alcançarmos o que é, na verdade, um estado de êxtase sobre a Terra. Claro que nem vocês nem eu estaremos aqui, então. Teremos passado à nossa justa recompensa séculos antes de isso acontecer. Mas podemos assegurar o nosso lugar no caminho ascendente, se nos lembrarmos sempre do “faça aos outros o que quer que lhe façam”, e então você terá saído da Era de Kali e estará a caminho de Tai Chi.

Estamos subindo no mundo outra vez; uma condessa me envia uma porção de perguntas. Querem saber de algumas perguntas de uma condessa? Bom, eis a primeira;

Quando se cria um novo mundo, os habitantes desse mundo também são modificados para se adaptarem às condições de vida. Suas almas também são criadas de novo, ou já estão criadas e existentes naquele momento?

Quando um novo mundo é criado, as entidades já existem. Pense nisso assim;

Nova York está superpovoada, há gente demais ali, de modo que poderia haver falta de comida, falta de eletricidade, de água, de tudo, na verdade. Portanto um novo satélite, cidade ou dormitório, é instalado em algum lugar próximo, digamos por exemplo, em West Chester. Uma porção de pessoas vai a West Chester e monta lojas e o mais. Na verdade, é um novo

mundo, de modo que, quando é criado um novo mundo, isso significa que um dos velhos mundos está superpovoado e está prestes a se desintegrar. Entende, o Sol, afinal, não é mais do que uma pilha atômica, e embora nos possa parecer com carga para milhões de anos, não é mais que o piscar de um olho em certos outros tempos.

Acha isso difícil de entender? Pegue um fósforo na mão e pense nisso como um espaço morto, não é mais que uma massa inerte. Aí risque-o no lado de uma caixa de fósforos e ele incendiará. Uma porção de particulazínhas serão lançadas da superfície em chamas. Sendo muito menores, elas se resfriarão muito mais depressa e, no entanto, enquanto estiverem próximas da chama do fósforo, estarão aquecidas. Mas essa explosão do fósforo só dura um ou dois segundos, não é? Talvez nem isso. Mas imagine esse Sol dando origem a planetinhas que são pedaços lançados, e esses planetas tendo a origem da vida, a própria vida. E depois a decadência da vida, quando a chama do Sol central (a cabeça de fósforo) tem a sua chama diminuindo e por fim se torna um toco queimado. É assim que os mundos perduram. Para nós aqui nessas partículas, ou antes, em uma determinada partícula, parece que o mundo existe há milhões de anos, mas para as pessoas que olham de longe é tal e qual uma cabeça de fósforo se incendiando numa chama repentina, queimando, e expirando.

Passemos à segunda pergunta:

Se essas almas são criadas de novo, até onde vai a multiplicação? Quanto lugar temos? Como acaba?

Aqui estamos diante da relatividade. Na verdade, o espaço não tem limites. Não estamos lidando apenas com uma coisa tridimensional, mas com coisas de todas as dimensões e coisas sem dimensões. Na Terra, estamos limitados a certas dimensões, por exemplo, estou numa sala. A sala tem quatro paredes, tem um teto (felizmente!) e urp chão. Quando estou nessa sala e a porta está fechada, eu não posso sair sem abrir a porta, mas, se uma pessoa na quarta dimensão, que chamaríamos de um fantasma, quisesse entrar — bem, não haveria problema porque as moléculas da parede aqui seriam tão finas para um fantasma que ele simplesmente passaria através dela, sem o menor problema. É assim como o gelo, que é uma substância dura e sólida. As pessoas que vivem num mundo de gelo não têm idéia de como seriam as suas almas, mas vamos matar um

pouco de gelo, vamos alterar seu ritmo de vibração, pois, quando uma coisa morre, seu ritmo de vibração se altera. Esse gelo, então, que vamos *matar* vira água. É uma substância totalmente diferente do gelo. A água flui, pode tomar a forma do recipiente que a contém. Mas queremos descobrir a *alma* do gelo, portanto vamos aquecer a água e assim aumentar a sua vibração, e temos o vapor, um gás. Assim, se pensarmos num corpo — um corpo humano — sendo representado pelo gelo, podemos entender prontamente que o próximo estágio para cima, quando o gelo vira água, é quando saímos do corpo e passamos ao mundo astral e flutuamos por lá. Além disso, bem, passamos do estágio da água para o do vapor d'água, para o estágio gasoso. Portanto, você não poderia empurrar um pedaço de gelo por uma substância aparentemente sólida, como um pedaço de mata-borrão, mas poderia empurrar a água por ali. Melhor ainda, poderia soprar o vapor através dele, facilmente.

Mas pode-se ver que as moléculas de gelo, as moléculas de água e as moléculas de vapor são diferentes. Ficam cada vez mais dispersas à medida que subimos. O mesmo se dá com o corpo e a alma do Homem.

Terceira pergunta:

Ensinarão-nos que o nosso Criador é um Deus. Será realmente só uma Entidade à testa de toda a criação, ou será um grupo governante à testa de nosso Todo?

Essa pergunta sobre Deus é realmente a mais embaraçosa. Pergunta se é realmente uma Entidade à testa de toda a criação. Pense assim: você é humana e supomos que tenha cabeça, pés, braços e outras partes em seu corpo em pontos estratégicos. Tudo isso forma *você* — só uma você — e suas mãos, pés, joelhos, .. *Tudo* vai formar este ser e todas essas partes dependem umas das outras. Claro, você poderia passar sem uma mão ou sem uma perna, mas não sem uma cabeça, embora as pessoas hoje em dia pareçam estar tentando isso. Mas Deus é essa entidade que compreende todos os universos, e há bilhões deles, e cada Universo e parte de um Universo é uma parte essencial do Deus básico.

Quarta pergunta:

Nossas almas viverão para sempre, depois de nos diplomarmos nesse mundo? Depois de tantas vidas, iremos para lugares melhores, o senhor me convenceu disso. Em quantos mundos nos diplomaremos e onde acabaremos?

Sim, nossas almas viverão tanto quanto Deus, pois nossas almas, nossos Superegos, etc., são apenas parte do tecido de Deus. Se você espetar um alfinete em si e o retirar de seu corpo palpitante, pode parecer que o alfinete esteja bem limpo, despidido

de tudo, mas, se o puser na lâmina de um microscópio possante, poderá ver uma molécula solitária agitando-se, pelo amplificador eletrônico. Pois bem, essa molécula solitária pode ser assim como você é para Deus.

Quinta pergunta:

Fui educada como católica e estudei num convento. Ensinaram-nos muito pouca coisa sobre os anos em que Jesus desapareceu. Ele esteve realmente na Ásia, aprendendo, naquela época? Tantos livros dizem coisas tão diversas sobre o assunto... Se ele passou todos aqueles anos na Ásia, deve ter gostado do que aprendeu. Naturalmente toda a minha concepção Dele mudou, desde que me tornei mais religiosa de verdade, o que nada tem a ver com alguma religião especial. Eu me comunicarei com o senhor de novo — breve.

Ora, não sei se essa última declaração, “eu me comunicarei com o senhor de novo — breve” era uma promessa ou uma ameaça. Tenho de pensar a respeito, mas de qualquer forma. ..

Sim, Jesus, o homem, errou pelo deserto no exterior, o deserto sendo a parte do mundo que não era a proximidade imediata e conhecida Dele e do lugar de Seu nascimento. Jesus andou pela Índia, pela China e o Tibete e grande parte da religião cristã original é, na verdade, um conglomerado de religiões orientais que foram misturadas, trabalhadas e estilizadas para se adaptar, realmente, à mentalidade ocidental.

Certamente Jesus gostou do que viu no Oriente porque, de acordo com uma reportagem na imprensa, que já lhes comentei, Ele foi ao Japão, em vez de ser crucificado!

Depois que Jesus — o homem — voltou de Suas viagens, tornou a ir para um lugar distante, em que não seria perturbado por espectadores. Ali, Ele deixou Seu corpo físico e passou a outros lugares. Seu corpo foi assumido por outra entidade do espaço, conforme combinação prévia. Assim, Jesus — o homem — saiu de Seu corpo e o espírito de Cristo assumiu e tornou-se *o Cristo*. Isso, pois, é a transmigração e nada mais.

Tantas pessoas parecem ter dificuldade em compreender esse assunto da transmigração, mas foi Cristo que o ensinou.

Cristo também ensinava a reencarnação e, se as pessoas que lêem a Bíblia a lessem de espírito esclarecido, entenderiam todas essas coisas. Também deviam levar em consideração o fato positivo de que a Bíblia agora não é como era originariamente, nem como era para ser. A Bíblia foi traduzida, retraduzida, mal traduzida, refeita e publicada em milhares de edições. Às vezes, o chefe de uma Igreja diz que certa coisa não pode mais ser ensinada. Aí coça a cabeça e produz outra coisa que deve ser ensinada. A Bíblia devia ser considerada uma declaração geral de política e não um relato detalhado do que aconteceu. É um livro bastante bom, mas a pessoa tem de usar o bom senso ao ler um livro que é tão velho e tão diferente, em concepção, do que foi planejado originariamente.

9

“Eh”, berravam as palavras da carta. “Como é que você, que esíá trabalhando na aura há tanto tempo, nunca conseguiu uma boa reportagem nos jornais?”

O velho, pensativo, puxou um recorte de jornal que estava metido no envelope grande. Era de algum jornal chamado *The National Enquirer*, datado de 24 de setemoro de 1972. Parece que alguém se estava esforçando ao máximo em seus encômios aos russos, por seus esforços na pesquisa da aura.

Passa a dizer que as plantas “sabem” quando o tempo vai mudar. Bom, claro que sabem. Há anos que eu digo isso.

Também comenta “o fato evidente de que os soviéticos estão anos na frente dos EUA na pesquisa da percepção extrasensorial, nos campos do espírito sobre a matéria, telepatia, etc., e que podemos nunca alcançá-los.”

E “os espantosos filmes coloridos da aura humana que os russos produziram mostram como estão adiantados. . .!”

No entanto, há anos que venho fazendo coisas assim. De qualquer forma, tenho todos os detalhes sobre esse camarada e seu artigo anterior. Escrevi a ele, enviando alguns de meus livros, contando-lhe a verdade conforme fui informado ; os russos ficaram muito impressionados cora *Você e a Eternidade*, que provocou consideráveis pesquisas na Rússia. Os russos compraram muitos livros e utilizaram bem as sugestões, etc., que eu dei.

Sim, sim, é ótimo que os russos estejam fazendo progressos, mas por que não dar um pouquinho de crédito aqui também? Parece-me que as pessoas ficam loucas de alegria quando os comunistas da Rússia imitam os outros e descobrem que o negócio funciona, mas agora, que sou cidadão do Canadá, vejo que “em casa de ferreiro, espeto de pau!”. Vejo os meus livros serem citados, e citados erradamente, sem o menor sinal de serem atribuídos a mim — o autor — mas suponho que isso seja a vida.

Há outro livro, elogiando a “ciência” russa, e os comentários acima aplicam-se também a ele. Enviei alguns detalhes de meus escritos aos autores do livro, mas mais uma vez eles não tiveram nem a educação de responder, nem mesmo a cortesia de dizer “obrigado”, Cheguei à conclusão de que devo ser maluco, por responder às cartas das pessoas e agradecer quando me enviam um recorte ou alguma coisa assim. Já me disseram isso, aliás — que sou maluco por me incomodar com tanta gente. Não importa, pode ser que ajude a alguém. Mas quero deixar bem claro que os russos não têm o monopólio da pesquisa sobre a aura. Parece que os russos têm monopólio das finanças para ajudar as pesquisas, e sem dinheiro para se comprar equipamento — bom, muitos inventos promissores nasceram mortos. É isso o que estou verificando agora. Há um *telefone para o céu* e uma boa câmara de aura, pois o que os russos estão fazendo, por enquanto, não é o verdadeiro, mas o revestimento subetérico da aura. Ainda não chegaram à essência, mas ainda poderão chegar, com o tempo!

Outra carta pergunta:

E verdade que os grandes líderes da humanidade eram comerciantes e, se é assim, por quê?

Sim, pode-se dizer isso. Pode-se dizer que a maioria dos líderes mundiais teve o que se chama de “origens humildes”, e há um motivo especial para isso. Os Jardineiros da Terra acham que aqueles que vêm para cá para ajudar a humanidade devem estar em contato com a maioria dos seres humanos. Se um homem chega como rei, então, no curso normal dos acontecimentos, ele só tem contato com as pessoas de categoria real, principesca ou nobre.

Jesus era filho de um carpinteiro. Talvez Ele mesmo tenha experimentado pessoalmente a carpintaria, nunca nos dizem que Ele tenha sido carpinteiro, mas só “filho de carpinteiro”. Maomé, que foi um dos grandes, era um comerciante árabe e, aos 40

anos, começou a receber uma porção de mensagens e “conversas com Mensageiros”. O conteúdo das instruções dos Mensageiros o levou a organizar a religião muçulmana, e a escrever o Alcorão.

Moisés — bom, ele foi apenas um enjeitado sem lar que teve a sorte — boa ou má — de ser encontrado por uma princesa, mas o caso é que ainda assim ele era um enjeitado, que tinha o *togue comum*.

Gautama, claro, foi príncipe, isto é, começou como príncipe. Mas descobriu logo que, como príncipe, ele não tinha contato com o povo comum, de modo que renunciou a sua casta de príncipe e partiu para o deserto, largando sua penca de mulheres, que fizeram muito barulho por ficarem sem marido. Mas a despeito de muitos esforços para persuadi-lo a mudar de idéia, Gautama foi para o deserto como homem pobre e humilde, tornando-se Buda, o fundador do budismo. Ele teve de renunciar a seu alto posto e a abandonar sua fortuna antes de poder realmente entrar em contato com o povo comum que mais precisava de ajuda.

Eis uma pergunta que eu francamente não compreendo bem. É a seguinte:

Existe um absoluto, existindo possivelmente da sétima até à nona dimensão.

Ora, não compreendo esta pergunta, porque o que é “um absoluto”? Será que a pessoa que escreve quer referir-se a um Deus, e, nesse caso, bom, a resposta é *não*. Até mesmo os Manus vão muito além da nona dimensão. Os Manus que podem ser experimentados, que tomam conta deste mundo, por exemplo, são as marionetes de um Superego Manu.

Agora outra pergunta:

À medida que uma entidade sobe mais na escala evolutiva, há cada vez menos leis que a governam?

Sim, basicamente é assim. As leis são realmente feitas para controlar as massas, e muitas vezes uma lei que é muito benéfica para uma massa de povo é terrivelmente injusta para algum pobre coitado. Mas as leis não podem ser feitas para se adaptar a cada indivíduo. Uma lei tem de ser formulada de modo a abranger a grande maioria de pessoas que estará sob seu poder.

Se você leu os formulários de impostos de 1972, sabe o que quero dizer! As instruções desses formulários desgraçados são tão obscuras que, francamente, não consigo entender o sen-

tido delas, e imagino que haja muitos outros como eu. Mas, voltando à nossa pergunta, quanto mais alto a pessoa evolui, menor a necessidade de leis estereotipadas para controlar o seu comportamento, pois, quando ela atinge uma posição suficientemente elevada, sabe instintivamente o que deve e o que não deve fazer, não precisando dos desserviços de legisladores para a cingirem à burocracia e estragarem o que estiver tentando fazer.

Torna-se proporcionalmente mais fácil evoluir, quanto mais alto o plano de evolução?

Isso é relativo. É preciso ter em mente que, quanto mais alto se sobe, mais se pode cair, mas só posso responder a essa pergunta voltando à sala de aula:

Se a gente tem um filho na escola, estudando, então ele é treinado para estudar, treinado para lembrar-se, treinado para absorver informações. Se depois a criança sai da escola e vai trabalhar num emprego comum, como empregado de escritório, ou coisa assim, aí ela perde o hábito de estudo, de modo que, depois de passados alguns anos, se tem de estudar alguma coisa, acha o processo muito difícil e trabalhoso.

Se uma criança está estudando e continua a estudar, durante o curso secundário, no segundo ciclo, e daí talvez para a universidade, nas faculdades de direito ou medicina, então a criança, já adulta, está treinada no estudo e acha cada vez mais fácil estudar, à medida que estuda cada vez mais. Portanto, pode-se dizer que uma pessoa que está evoluindo conscientemente e continuamente — e não regredindo — pode evoluir mais facilmente do que aquelas que estão *arrastando os pés*. Mas se a pessoa comete um engano e pára a sua própria evolução, de modo que tem de voltar para reaprender suas lições, A essa altura, ela verá que elas são muito mais difíceis.

Todos os entes humanos possuem um corpo astral?

Ah, positivamente possuem, tudo possui, não só os seres humanos, mas todos os animais, e até as pedras. Tudo vibra. Não existe um objeto estacionário na existência, isso é impossível. Todos os objetos que existem em qualquer lugar estão num estado de constante movimento molecular. Você pode olhar para uma montanha e pensar que não é mais que uma massa de rocha bruta metida no meio da paisagem para impedir que você veja o que há do outro lado. Mas não é assim; é uma grande massa de moléculas em vibração, e a ação de todas essas moléculas, vibrando juntas, é estabelecer uma forma de campo elétrico que produz um corpo astral e também uma aura. Portanto a resposta é sim, tudo tem um

corpo astral, todos têm uma aura.

Às vezes sou admoestado, embora, confesso, da maneira mais amável, por aparentemente me repetir. Dizem-me que eu digo a mesma coisa duas ou três vezes, de duas ou três maneiras diversas, mas aí recebo uma carta de uma pessoa que diz que agradece muito eu ter repetido, porque afinal eu me fiz entender. As primeira e segunda tentativas de explicação não deram resultado, mas a terceira deu. Mas agora tenho uma pergunta;

Quer fazer o favor de tornar a explicar como se pode controlar a mente e como dirigir o pensamento?

Ora, já tratei bastante desse ponto, mas positivamente me pedem para repeti-lo, portanto todos vocês, que não gostam de repetições, *continuem a ler*, porque podem aprender alguma coisa!

Temos de lembrar-nos de que só temos um décimo de consciência e que a verdadeira fonte do conhecimento, a verdadeira fonte da ação é o subconsciente. Mas o subconsciente é como um velho preguiçoso que quer ficar sentado e fumar um cachimbo o dia todo, sem nada fazer. Ele sabe que é o guardião de um grande conhecimento, etc., mas não quer separar-se de nada, não se quer mexer. Por isso, é preciso chegar até ele para galvanizá-lo e fazê-lo agir.

Se você quiser dirigir o pensamento ou controlar o seu espírito, então tem de saber o que quer, pois é inútil procurar uma coisa se não souber o que está procurando, pois se você não souber o que é que procura, não saberá quando o tiver encontrado, não é?

Suponhamos que você queira aprender alguma coisa; bom, você se senta em algum lugar tranquilo e pensa no assunto que quer estudar. Talvez você receie que a sua memória falhe, ou coisa assim, mas, de qualquer modo, pensa no assunto que deseja estudar. Diga ao seu subconsciente o que quer fazer, diga-lhe por que quer fazê-lo, diga quais os benefícios que terá, aprendendo essa matéria. Tem de informar ao seu subconsciente que você e George ou Georgina são todos parte da mesma firma, do modo que o que prejudica a um prejudica ao outro, o que beneficia a um beneficia ao outro. Portanto você tem de pensar na coisa que quer fazer, tem de pensar nela diretamente, tem de pensar em volta dela, tem de pensar em todas as vantagens. Depois tem de se visualizar, estudando o assunto ou possuindo o objeto. Se fizer uma verdadeira campanha disso — fazendo-o talvez três vezes seguidas — o subconsciente pode ser despertado e então o ajudará a conseguir aquilo que deseja.

Você tem de usar a visualização. Ora, a visualização não é

imaginação. A imaginação é uma coisa que se pode ter só numa base imaginária. Por exemplo, nem toda a imaginação lhe permitiria saltar por cima um prédio de 30 andares. Você poderia fazê-lo em sua imaginação, e aí pareceria um mocinho de filme de bague-bague, não? Mas um salto desses — sobre um prédio de 30 andares — está além das leis da natureza física, e portanto não passa de imaginação, e muitas pessoas perdem tempo imaginando o que é impossível.

A visualização, ao contrário, é uma coisa inteiramente possível porque é inteiramente de acordo com as leis físicas normais. Como ilustração, suponhamos que você queira comprar um barco; aí, se você se visualizar de repente possuindo uma grande quantia em dinheiro e indo a um lugar em que vendem barcos, examinando-os e por fim decidindo que quer tal barco, você poderá verificar que a sua visualização produziu frutos. É um fato que, se as circunstâncias forem propícias, tudo o que você visualizar poderá ter — cora o tempo. Pode não ser bem no momento em que você o deseja, mas você o terá — se visualizar as coisas devidamente.

Você tem de sentar-se comodamente. Tem de cruzar os tornozelos e dobrar as mãos diante de si. Depois envie um pensamento muito forte para o seu subconsciente, chamando-o (ou a) pelo nome particular que já sugeri neste livro. Diga três vezes ao seu subconsciente: “Atenção! Atenção! Atenção!”* Depois diga: “Agora olhe em minha mente.” Repita isso três vezes, e depois pense muito definidamente, muito claramente sobre o assunto para o qual deseja a cooperação do seu subconsciente. Voltemos aos pêndulos.

Você quer que seu pêndulo lhe diga onde está tal coisa assim assim: pode ser uma barra de ouro, e nesse caso você afina o seu pêndulo para uma barra de ouro (já lhe disse como fazer isso no princípio desse livro). Depois você se visualiza segurando o pêndulo pelo seu cordão e o balanço indicando o ouro. Apanha um mapa e tenta localizar o ouro com o uso do mapa. Se você transmitir a idéia com clareza total e mostrar

as vantagens ao subconsciente, então poderá encontrar o ouro, *se houver ouro ali.*

Agora, uma pergunta sobre o futuro Líder do Mundo:

A vida dele será tornada tão triste e horrível quanto a sua? A humanidade lhe dará ouvidos, ou tornará a escarnecer, nr, exigir provas, e gritar até não poder mais? Ele nascerá num país politicamente aceitável ao resto do mundo, ou também terá de sofrer discriminação?

Eu lhes direi o seguinte: esse Líder do Mundo não é nenhum desses jovens ultrabadalados que andam gritando, com muita publicidade da imprensa, que eles e só eles podem salvar o mundo. Não, o verdadeiro Líder do Mundo está vivendo em sossego e, por enquanto, não é conhecido do mundo. Quando chegar o momento, e só então, é que de aparecerá no foco da publicidade indesejável.

Sim, ele terá sofrimento, ele terá miséria, lhe negarão crédito, ele será ridicularizado e perseguido pelos jornais — mas se sua mensagem alcançar mil pessoas que sejam, ele não terá vindo em vão. No momento, existe uma pessoa assim nesta terra. O corpo está sendo desenvolvido. No momento oportuno, a transmigração se efetuará e uma Entidade superior descerá e continuará dali. Coisa semelhante se passa na cirurgia ou na arte. Um homem menos perito faz a incisão inicial e depois, feito o trabalho básico, o mestre toma conta e faz aquilo pelo que é aclamado mestre. Depois que o mestre fez a operação com êxito, algum cirurgião menos importante, por exemplo, faz a “costura” e a limpeza geral da operação. O mesmo se passa com os Líderes do Mundo que vêm aqui e assumem um corpo que já está treinado para funcionar na Terra. Seria um desperdício tão grande se uma importante Entidade tivesse de passar uns 30 anos nessa droga de Terra que é a nossa. É por isso que as pessoas assumem pela transmigração.

Tenho aqui umas perguntas de um senhor cujo nome é famoso por causa de saquinhos de chá! Ele quer saber sobre a longevidade. Pergunta:

Há pessoas que têm a impressão de que, devido à ciência médica, é possível viver mais na época atual do que, digamos, há 100 anos. A resposta será não? Temos um período máximo de vida, mas se formos tolos ele pode terminar prematuramente? Essas mortes prematuras de antigamente podiam ser devidas à pobreza e más condições de vida, etc.?

Na verdade, em teoria não há limites para quanto a pessoa possa viver, pois tudo depende da memória guardada em nossas células cerebrais, a memória que permite ao corpo reproduzir partes idênticas. Se tivéssemos uma memória suficientemente boa, e é uma memória subconsciente, a pessoa poderia continuar a viver quase que indefinidamente. Infezivelmente, no atual estágio de evolução, a memória se deteriora. É como a velha história do Exército.

Havia uma longa fila de homens, 100 homens numa linha. Um oficial numa extremidade da fila cochichou uma mensagem para o homem mais próximo dele e lhe disse para transmiti-la ao seguinte, e assim por diante. O último homem apareceu com uma mensagem que tinha pouco em comum com a mensagem original.

O mesmo se passa com os seres humanos. Podemos dizer que um pedaço de pele está gasto e que a entidade-corpo quer que se faça um conserto, mas a memória está um pouco cansada de todas essas repetições, de modo que há uma ligeira diferença no tipo, textura ou coloração da pele. Assim, a pessoa pode ter uma dessas manchas marrons, que são um sintoma da idade, ou uma senhora exigente pode ter pele demais e ver que está com uma feia ruga, e assim ela passa uma porção de pomadas na pele para ver se a pele encolhe.

Dia virá em que as pessoas poderão viver 500 ou 600 anos, e isso se dará não por algo de especial em matéria de cirurgia ou medicina, e sim pelo desenvolvimento na química elétrica, pois se pudéssemos manter correto o nosso equilíbrio químico, teríamos a voltagem cerebral certa, e nesse caso o câncer, e esquizofrenia e outras coisas poderiam ser curadas. Por exemplo, uma pessoa fica cansada demais devido ao excesso de trabalho, de modo que a química de seu corpo se esgota dos elementos químicos que formam as voltagens necessárias para mantê-lo em condições de funcionamento. Ora, se a pessoa de repente toma um pouco de açúcar, por exemplo (desde que não seja diabética!), tem um ímpeto repentino de energia e o cansaço passa, provisoriamente. Em outras palavras, sua bateria foi recarregada e novamente funciona no nível normal.

Meu velho amigo, Jim Dodd, que mora nos Estados Unidos, acaba de me enviar uma cópia de um recorte de jornal sobre a “medicina elétrica”. Jim Dodd se interessa muito por meus comentários, porque ele sofreu um desastre de automóvel

e, pelo que entendo da sua carta, os cirurgiões fizeram pica-dinho dele, deixando só os ossos! Um triste estado para a pessoa se encontrar. Agora, parece que quando ele anda pela rua os cachorros o perseguem para roer os ossos. Mas aí está; isso nos faz pensar que a vida não é assim tão maravilhosa!

Mas esse recorte sobre a medicina elétrica não é mais que aquilo a que já me referi, antes de dizer “nós raramente paramos para pensar que os nossos corpos funcionam com a eletricidade, mas isso é verdade.” E Jim Dodd quer saber se há alguma verdade no que escreve o autor do artigo. A resposta é sim, há muita verdade, mas o triste em tudo isso é que a medicina geralmente está pelo menos com uns 100 anos de atraso. Os médicos ortodoxos não ousam arriscar a sua reputação sequer tentando alguma coisa que não tenha sido aprovada por 10 anos de uso por alguns dos sindicatos que controlam os médicos.

Ah, sim, conservemos em mente sempre que os médicos têm sindicatos ainda mais poderosos do que os outros e que são mantidos rigidamente na linha. Alguns dos membros do» sindicatos médicos não deixam nada a desejar a Jimmy Hoffa, em matéria de disciplina! Mas isso é divagação.

Sim, pode-se fazer muita coisa com a eletricidade. A eletricidade, devidamente aplicada, pode acelerar as curas, pode soldar mais facilmente ossos fraturados. Numa extremidade da escala, está a eletrocução, em que o sujeito é literalmente arrancado de seu corpo e o seu astral sai errando por aí. Na outra extremidade da escala as pessoas podiam até ser ajudadas a nascer, pela eletricidade.

Jim Dodd interessa-se especialmente pela anestesia elétrica, e o artigo que ele envia parece estar muito atrasado, pois a anestesia elétrica é coisa provada positivamente. Dois eletrodos são colocados nos lados da cabeça e uma corrente fraca é ligada — uma corrente direta — e o paciente passa a um sono sem sonhos, pois o astral diz, com efeito, “puxa, não gosto disso, está muito quente para mim. Vou embora.” E assim o astral sai do corpo depressa e só volta quando a corrente é desligada.

Na verdade, se a pessoa soubesse como fazer adormecer alguém sem dificuldade, seria perigoso, porque — bom, todos nós sabemos dos traficantes de escravas brancas e seu lenço de clorofórmio. Eles passam um pano embebido em clorofórmio

pelo rosto da pessoa, e a pobre mocinha indefesa e inocente adormece instantaneamente, mas isso não é bem assim, sabe. Leva muito tempo para se fazer uma pessoa adormecer por esse método. É mais fácil usar um martelo.

Mas esperem, não vão tentar truques com a eletricidade (ou martelos!), pois é realmente muito errado tentar o suicídio, assim como é errado cometer assassinato. Portanto, quando ier esses detalhes sobre a eletricidade, não vá ter idéias malucas, pois — repito — *o suicídio é uma coisa muito má.*

Mas se a pessoa conhecer a técnica muito simples da anestesia elétrica, quase qualquer pessoa poderia ser apanhada desprevenida e posta a dormir. Talvez seja por isso que os médicos tenham tanto cuidado a esse respeito. Provavelmente querem ter uma função ou ritual, para parecer mais difícil do que é. O que se pode fazer é o seguinte: um paciente — imaginemos isso, sim? — é levado de maca para o anexo da sala de operações. O anestesista apenas coloca dois pequenos eletrodos em lugares cuidadosamente escolhidos em cada lado da cabeça. A corrente é ligada e o paciente adormece tão depressa quanto a pessoa acende uma luz, não sufoca, nada disso — o paciente é *desligado* quando a corrente é *ligada*.

Depois, terminada a operação, a corrente é desligada e o paciente acorda imediatamente, sem qualquer recordação de dor ou outra coisa relacionada com a operação, e, o que é interessante, a ausência de dor dura de 12 a 20 horas. Nesse período o paciente fica plenamente consciente e cordato, isto é, naturalmente, se ele já era cordato antes. Mas essa forma de anestesia nos chegará, com o tempo. É só questão de se romper os tabus do preconceito e medo puro e simples. Parece-se demais com a eletrocução, não é, deitar-se e deixar que alguém ponha eletrodos em sua cabeça e ligar a corrente e — pronto, você fica inconsciente?

A indução elétrica da anestesia é uma grande bênção em operações do fígado, rins, etc., Nas operações do rim, é preciso uma quantidade enorme de anestésico químico ou gososo (a mesma coisa), mas os pobres rins que estão sendo operados ainda têm de sofrer a operação e também cumprir a tarefa de eliminar os elementos químicos usados na anestesia, e isso torna a coisa muito, muito difícil. Além disso, se a pessoa receber uma dessas cargas de produtos químicos, tóxicos, no organismo pode ficar com o metabolismo alterado, seja qual for a operação. enquanto que, na indução elétrica, não há produtos químicos de espécie alguma, porque — voltando aos nossos tem* pos de rádio — quando a corrente elétrica flui por certos condutos do cérebro, age da mesma maneira que a velba bateria de voltagem graduada dos velhos

receptores de rádio que se usavam há tantos anos. Isso provoca uma pressão de corrente que evita o fluxo da eletricidade no cérebro, o que significa que a pessoa estava consciente. E é só isso. Nem dor, nem sofrimento, nem drogas, nem produtos químicos, só o sono sem qualquer efeito posterior.

E assim aí está, amigo Jim Dodd. Quando você ler isso, terá a resposta. É uma pena que não pudesse ter tido tudo isso quando se operou, hem?

Vamos continuar com algumas de nossas perguntas e respostas que parecem interessar a um número espantosamente grande de pessoas. E assim, uma pergunta sobre o exorcismo. A pergunta é a seguinte:

Uma porção de homens do clero dizem ter efetuado essa operação, alguns com muito êxito. Outros confessam maus resultados. Ora, se não são plenamente clarividentes, e não são, como saberão com quem ou com que estão lidando? É permitido dizer o que realmente se passa?

É, sim. Se um lugar é mal-assombrado, quer dizer que há alguma Entidade indesejável presente. A Entidade emana um pensamento ou forma de pensamento desagradável. As pessoas tomam consciência da presença dessa Entidade sem poder dizer como o sabem. Em alguns casos, podem ver a Entidade. Em outros casos, podem sentir a Entidade, mas quando são totalmente não clarividentes, a pessoa que está sendo assombrada tem um grande sentimento de mal-estar, impressões estranhas lhe atravessam a mente e até mesmo o menos clarividente *sabe* que há alguma coisa errada.

Aqueles que conseguem praticar o exorcismo são pessoas com fortes ondas de pensamento, isto é, conseguem projetar a idéia de alguma coisa com muita força. Ora, um padre que se hipnotize completamente acredita que está fazendo alguma coisa como o braço direito do Senhor, e o esquerdo também, às vezes, e sua onda de pensamento se fortalece, com seu hipnotismo auto-induzido. Ele acha que é a resposta aos desejos das donzelas, ou aos desejos do Senhor, seria mais adequado. Mas ele está tão seguro de si que gira todos os botões ao máximo em seus processos de pensamento, e a Entidade que está assombrando não gosta nada daquilo. Na verdade, ela pensa, “ah, meu Deus, não suporto esse sujeito. Se ele vai ficar aqui — vou embora”. E assim as forças de assombração partem para outros campos, onde não haja clérigos projetando pensamentos desagradáveis. E é só isso. É apenas uma questão de telepatia, pois, não importa o que se acreditar, todo mundo é telepático, até certo

ponto. Foi provado, por exemplo, que mesmo quando um não telepático (que se dizia assim) foi posto à prova, quando ele pensava em direção a uma vítima não telepática, podia influenciar o pulso e a pressão arterial do objeto do teste. Isso foi provado. Muita coisa foi provada a respeito de clarividência e telepatia, mas não foi publicada porque os assassinatos sangrentos são atrações que vendem muito mais.

Uma nota alegre. É um parágrafo de uma carta dirigida a mim. Ei-lo: “P.E.S. — Mais Uma Ilustração da Precisão de Seus Escritos é Isso. Uma mulher escreve em nosso jornal, dizendo que não consegue dormir de noite se as fronhas ou lençóis tiverem listras, Ela sente as listras. Não importa se a luz esteja acesa ou não, ela não precisa ver as listras para saber que estão ali, e elas perturbam o sono dela.” Ah, sim, era uma citação, parece que de um jornal inglês, quisera saber de qual jornal.

Eis uma pergunta que podia ser interessante:

Pode explicar o destino da evolução do reino vegetal e animal?

Uma porção de gente acredita que as plantas evoluem e se tornam animais e os animais evoluem para se tornar seres humanos, mas isso não é verdade. Você nunca ouviu falar de um cavalo que virou vaca, não é, nem de uma alface que virou pássaro. O reino animal, o reino humano e o reino vegetal são coisas completamente distintas, coisas completamente diferentes. Direi a seguir algo, muito seriamente — isso não é absolutamente uma brincadeira, é a verdade absoluta. Em certos outros planetas, os animais tomam o lugar dos humanos. Em outros planetas, é o reino vegetal que é soberano. Por exemplo, há um planeta em que plantas como as árvores conseguem um modo lento de locomoção. Pegam suas raízes modificadas e vão para um local diferente e tornam a fundar suas raízes para poderem absorver o alimento necessário. Portanto a evolução é essa; uma couve pode não ter muita consciência nesta Terra, do ponto de vista humano, mas assim mesmo as couves podem reconhecer as pessoas e as emoções. Ah, não acredita nisso?

Pois bem, isso já foi provado, foi provado em testes de laboratório. Assim, se a sua tia era uma alma feliz, a sua aspidistra também seria feliz e cresceria mais e teria melhor cor. Enquanto que a planta de Melissa Mugwump, velha azeda, também seria afetada e teria uma cor feia e o crescimento retardado. A moral disso parece ser: sorria para as suas batatas e elas crescerão melhor para você!

A evolução faz-se sempre para cima, de modo que os legumes e plantas que conhecemos hoje nessa Terra com a tempo se tornarão pessoas sensíveis e altamente inteligentes do mundo das plantas,

numa evolução diferente e uma encarnação diferente. Os animais também crescem para cima, em estatura espiritual. Isso não significa que seu gatinho de estimação de repente vá começar a pintar quadros melhor do que Rembrandt, ou a fazer rádios sobre a mesa da cozinha. Não, os valores deles são bem diferentes. Seus valores consistem em realizações espirituais, assim como nos tempos antigos, antes do advento de comunismo e televisão e imprensa. No longínquo Extremo Oriente, só interessavam as coisas de espírito, coisas puras, coisas do verdadeiro pensamento religioso. As pessoas ganhavam o suficiente para se manterem vivas, para progredir nessa Terra e não ter de voltar a ela. Portanto os seres humanos, nos tempos antigos, eram pessoas melhores do que os humanos de hoje, porque hoje em dia os humanos são contaminados pela TV, contaminados pela imprensa e contaminados por demasiados interesses comerciais. Hoje não importa no Ocidente se a pessoa viva é boa; só interessa o tamanho de sua conta bancária. Nesse último setor, eu não valho coisa alguma! Mas conheço alguma coisa sobre o espírito e a pessoa não pode levar consigo o seu saldo para o Outro Lado. O meu saldo bancário é o conhecimento, conhecimento que posso levar comigo quando eu partir.

O curioso é que tenho outra pergunta a respeito disso:

Os minerais em algum planeta têm inteligência?

E a resposta é um sim positivo. Ora, já lhes disse que em alguns outros planetas a molécula de carbono não é a pedra fundamental do sistema, pode ser um silicato, e há *pedras* de composição de silicato que são entidades pensantes e moventes. Se você pudesse ir lá e vê-las (mas não pode, por isso não apoquento seu agente de viagens), teria de passar uma vida inteira, antes de ver algum movimento, pois se uma criatura pode viver um milhão de anos, a velocidade de locomoção não interessa muito. Portanto, as pedras moventes são vagarosas. São tão lentas quanto o pessoal que fez a minha mudança, há pouco tempo.

Eh, quer saber uma coisa? Agora que eu pensava ter acabado de lidar com a transmigração, aparece outra pergunta. Ei-la:

Dizem que o corpo muda, molécula por molécula, em cada sete anos. O que acontece de fato? Certos livros orientais que contêm essa informação podiam estar deturpados, na tradução. Isto é para aqueles que duvidam da troca de corpos.

Bom, vejamos um caso imaginário, sim? Billy Smith não se dá bem com a mulher, tudo sai errado para ele e ele está farto de viver nessa Terra, onde todo mundo parece estar perseguindo-o. Pensa no suicídio, o que certamente é uma coisa estúpida, pois se suicidar-se,

voltará à Terra em circunstâncias ainda piores. Mas, de qualquer forma, antes de ele se matar, recebe uma mensagem, no sono. Tom Thomas, que está no astral, deseja voltar à Terra para fazer um trabalho especial, e Tom Thomas arranhou com um Conselho Especial, que controla essas coisas, para Billy Smith largar o seu corpo, desde que ele permita que Tom Thomas passe a tomar conta dele. Assim, Billy Smith não acha muito boa idéia, a princípio, de alguém tomar conta de seu corpo de barro, mas, à medida que os dias se passam e ele vai pensando mais a respeito, vai ficando mais pronto para concordar. E assim se faz um acordo. Billy Smith deita-se em algum lugar, o Cordão de Prata se parte, mas, antes que ele seja completamente desligado, é ligado a um Cordão de Prata saindo de Tom Thomas, e Tom Thomas, cavalheiro do astral, então penetra o corpo de Billy Smith.

O pobre Tom estremece, desanimado, assim que chega lá. O corpo é ineficaz. Os músculos são flácidos, os pés não parecem ir para onde são mandados, e os olhos não focalizam muito bem. Além disso, o corpo tem um cheiro horrível. Não importa, Tom se habituará com isso, com o tempo, mas verá que o corpo não é muito satisfatório, será como um piloto num avião, um piloto que já voou um avião, mas não aquele determinado modelo. O piloto fica ali sentado, tremendo de medo, olhando para todos os diferentes mostradores e botões, etc., e aí ele, vacilante, estende a mão para fazer funcionar o motor. Logo ele consegue controlar o corpo, mas há sempre essa sensação terrível de estar num corpo estranho, e isso se torna intolerável. Assim, as moléculas daquele corpo emprestado, aquele corpo assumido, são modificadas, molécula por molécula, de modo que no fim de sete anos o corpo de Billy Smith não é mais da mesma constituição; tudo foi modificado, e agora há o corpo de Tom Thomas. E Tom Thomas está feliz de novo — mais ou menos —, porque tem o corpo ao qual está acostumado.

Antigamente, os sacerdotes sabiam ensinar o povo a fazer essas coisas. Era assim como ir a uma exposição de automóveis e ver o chefe dos vendedores a demonstrar os modelos novos. Podia-se experimentar os corpos, para ver qual o mais adequado, e, como já disse antes, na Atlântida e Lemuria havia corpos especiais, *sem dono* para os Jardineiros da Terra em viagem. Os corpos eram usados de maneira muito semelhante ao modo como alugamos um carro, partimos em viagem e devolvemos o carro.

Uma pergunta:

Os yetis, muitos dizem tê-los visto e fotografado em várias

partes do mundo. S verdade? As cabeças, mãos, etc., exibidas em certos lugares são apenas objetos manufaturados para atrair os visitantes?

É uma idéia estranha, não é?, ter ido gente à Lua, naves-robôs terem ido a Marte e outros robôs irem a outros mundos, e no entanto o homem ainda não ter explorado completamente, nem investigado todos os aspectos deste mundo. Há muitos lugares da Terra — no Canadá, por exemplo, e Alasca, Tibete, India e Africa — em que o ser humano nunca esteve, e nessas regiões remotas há vestígios de uma raça que devia ter expirado há séculos. Sim, existem *yetis*. Estes são os últimos restos de uma raça que deixou a Terra, todos menos eles. Pense em gente que tenta drenar os peixes de um lago; por algum motivo, os proprietários do lago querem tirar todos os peixes, para poderem povoá-lo com um tipo diferente. Usam redes e uma porção de meios para apanhar os peixes e transportá-los para outro lugar e, em seguida, o lago é reestocado com uma espécie diferente de peixe. Mas, de vez em quando, há casos de um ou dois peixes do tipo original, que foram vistos brevemente, mas não apanhados. Não se pode pegar tudo. Um peixe pode estar prenhe, pode estar escondido num buraquinho, numa rocha e escapar das redes. Quando esse peixe desova, ou

seja o que for, mais peixes nascem. O mesmo acontece na Terra, nas regiões mais remotas. Mas é uma boa coisa que seja em regiões distantes, pois há tanta gente sanguinária que quer sair e atirar num *yeti* em pessoa, para poder ter a pele dele diante da lareira, ou coisa que o valha.

Quanto aos *espécimes* — bom, pode-se ir a um museu de cera e ver umas *pessoas* notáveis lá, mas são apenas figuras de cera, não são? Eu não acreditaria muito nos que dizem que ali, afinal, está o corpo de um *yeti*.

Pergunta:

O que são as Pirâmides? De onde se originaram? Como foram construídas? Qual a sua verdadeira utilidade? E um objeto em forma de pirâmide conserva as coisas?

Que pergunta e tanto! Parece um bando de perguntas para mim, mas vejamos o que se pode fazer a respeito.

As pirâmides não são mais do que marcos luminosos. Se você mora perto do mar ou de um rio navegado por navios, verá bóias na água. Se mora perto de um aeroporto, verá marcos luminosos para orientar os aviões. Uma pirâmide tem essa forma, porque é a forma mais resistente e porque tem quatro lados, pode ajudar a refletir um sinal.

Nos tempos em que os Jardineiros da Terra chegaram a este mundo, vieram em naves espaciais e as naves espaciais tinham de ser dirigidas, assim como um navio entrando num porto tem de ser dirigido pela coloração e configuração dos objetos ancorados na água.

Quando essas pirâmides foram construídas, havia na Terra muitos outros engenhos que estão perdidos para o Homem; engenhos, por exemplo, que anulavam os efeitos da gravidade. Aí era possível pôr-se uma espécie de pregador num grande bloco de pedra e virar uma chave e ajustar um botão e o bloco se erguia no ar e podia ser guiado a seu destino.

Isso não é ficção. É fato. Deixe-me dizer-lhe uma coisa: nos Estados Unidos foi construído um hotel especial. Primeiro foi construído como um esqueleto com uma porção de nichos, e depois um motor possante foi fixado em cima de caixas especiais, cada caixa sendo um quarto completamente equipado, e o motor foi ligado e lâminas giratórias levantavam a caixa à altura exata, para ela ser encaixada em um dos nichos. Eu vi isso, creio que em *Practical Machines*, há pouco tempo. Gostaria de poder mostrar-lhes a figura. Muito interessante.

É assim as pirâmides foram construídas por máquinas anti-gravidade.

A Esfinge? Também pergunta por ela. A Esfinge é um dispositivo de marcação especial que mostra o local de um grande tesouro escondido debaixo dela; nesse caso, o tesouro é um museu das artes e ciências de uma era passada há muito. É esse o propósito da Esfinge.

Ah, caso vocês não saibam, existem várias pirâmides espalhadas pelo mundo. O Egito não tem o monopólio das pirâmides. Houve pirâmides no México e no Brasil, em certas partes da China e vários outros locais e, repito, eram apenas marcos luminosos. As naves espaciais podiam *voltar* pelos sinais emitidos dessas pirâmides e depois chegar ao desejado espaçoporto. Isso, repito solenemente, é a pura verdade; não é ficção.

Eis uma pergunta que pode interessar:

Onde é o astral inferior? O que é isso ?

O astral inferior é um lugar, ou zona, ou contínuo de tempo, em que as vibrações são bidimensionais em vez de tri, e em que as condições não são harmoniosas. É uma zona astral em que o pensamento não é claro, onde não é possível a criação artística. É o que se poderia chamar de uma zona de crepúsculo, e pense só nisso; você está olhando para uma imagem ao escurecer e não pode ver as cores, pode? Pode ser que consiga descobrir o motivo do quadro, mas a penumbra impede as cores e em vez disso você poderá ver uma série mais ou menos uniforme de tons acinzentados. É preciso luz do dia para se ver as cores. Do mesmo modo, se a gente vai ao astral acima desta Terra, pode-se ver cores que não são visíveis nesta Terra, mas se vamos para o astral inferior, isto é, se somos apanhados nessa teia de vibrações inferiores, não podemos ver nem as cores baças que vemos nesta Terra.

10

— Puxa, *óia* o cara *véio di* roda! — berrou o jovem cavalheiro no centro comercial.

— Cruzes! — exclamou seu companheiro franzino. —• Que *bacana!*

Os olhos furtivos, de um lado para outro, arregalando-se a tudo que lhes chamava a vazia atenção, os dois rapazes se afastaram.

Não longe dali, um vulto vagoroso com relutância se destacou da tarefa que se impusera, de sustentar um pilar de concreto. Mascando a valer, ele se aproximou e, com a habilidade de uma longa prática, pregou um bocado de chichete na vitrina da loja mais próxima.

Os dedos enfiados no cinto, ficou ali de pernas abertas, continuando a mascar, de hábito antigo.

— Eh! — falou ele, por fim, — Esse negócio seu é bem *legal*. Guia com os pés? — Sem esperar resposta, habilmente pegou de volta seu chiclete, meteu-o na boca e se afastou, cansado.

— Meu Deus, olhe só *aquilol* — berrou uma mulher gorda, com vários centímetros de combinação aparecendo debaixo da saia.

— E um *espetáculo* as coisas que inventam, *nél* — berrou sua companheira.

O velho na cadeira de rodas rosou, enojado. Uma senhora idosa, ali de pé, teve um sobressalto com o ruído. Nesse

momento, houve um empurrão repentino e caiu uma cascata de mantimentos em volta dele.

— Você *tava* andando muito depressa! — gritou uma mulher descabelada. — Não vi nada, *tava* muito depressa.

O velho, cuja cadeira de rodas estava estacionária, afastou-se.

— Ahh! — murmurou consigo mesmo — vou indo e terminar o livro. Aí talvez possamos procurar um lugar menos louco do que a Columbia Britânica.

Outro velho estava morrendo. Deitado na cama no quarto escurecido, olhava, com uma visão que diminuía rapidamente, o raio de luz ao alto, onde as cortinas não tapavam completamente a luz do Sol. Um raio de luz atravessou o quarto e fez uma mancha na tinta velha.

O velho remexeu-se inquieto, quase sem o sentir. Não sentia dor. Havia uma sensação de frio subindo-lhe dos pés aos joelhos, e mais para cima.

Sem entusiasmo, ficou pensando quando seria que os anjos iriam rodeá-lo. Toda a sua vida fora um crente fervoroso na religião. Acreditava nos anjos, acreditava que, quando morresse, iria para os Portais de Pérola, acreditava. .,

A luz sumiu como se uma nuvem tivesse passado pela face do Sol, mas simultaneamente surgiu uma Luz maior. O velho agora sentia o frio, o frio como de gelo, subindo acima de seus rins, até à cintura. Devagar. . . devagar.. . estendia-se para o seu coração.

Como uma explosão solar, a luz envolveu o quarto. Ele olhou em volta, com olhos que estavam ficando cegos rapidamente, havia figuras nebulosas em volta dele, vultos com asas. O murmúrio de vozes, não ainda compreensíveis a ele, porque ele estava vendo como que por um véu diáfano de gaze.

O frio subiu mais e atingiu seu coração. Com um último soluço convulsivo, o velho começou finalmente a morrer enquanto seu coração parava e seus pulmões cessavam de pulsar. Agora o processo se acelerava porque, com a parada da respiração, cessava a oxigenação do cérebro. O corpo físico estremeceu nos últimos Teflexos nervosos, contorceu-se sem que o velho sentisse as contorções, sem a menor dor. Agora ele estava além da dor, não sentia mais o corpo.

Os olhos cegos, agora olhos mortos, olhavam fixamente para cima, imóveis. Dentro do corpo havia o sussurro de fluídos

e o farfalhar de ventos. Havia crepitação à medida que as articulações afrouxavam e os músculos relaxavam a tensão que os agarrava à vida.

Lentamente, uma aura branco-azulada começou a emergir do corpo sem vida, reunindo-se numa forma intangível sobre a cabeça. Essa forma se foi definindo, aparecendo como um ser humano nu: um ancião devastado pelo sofrimento. Mas, à medida que a figura se foi tornando mais clara e os contornos mais nítidos, mostrou-se mais jovem, mais tranqüila.

Gradualmente, o cordão de ligação — o Cordão de Prata — se foi afinando até partir-se.

A nova forma astral hesitou por um momento e então, gradualmente, com uma leve sacudidela começou a mover-se, dirigindo-se cada vez mais rapidamente para um plano desconhecido.

— Em vida, o velho fora um seguidor convicto da sua religião. Não acreditara na reencarnação. Havia acreditado na ressurreição do corpo no dia do Juízo Final. Acreditara que todos os corpos sepultados ou eventualmente queimados seriam reunidos e novamente revestidos de carne, mesmo depois de 10 mil anos. Agora, na forma astral, ele estava perdido, perdido e vagando, vítima das crenças falhas em que acreditara por tanto tempo. Não acreditava em outra coisa a não ser os mortos repousando em seus túmulos solitários ou reunidos em pilhazinhas de cinzas dos crematórios, mas estava vivo, vivo numa forma diferente. Em volta de si, ele via aternadamente a névoa negra do nada, e depois, quando uma duvidazinha sobre sua religião entrava em sua percepção, via outra faceta de sua religião — os anjos. Desesperadamente, ele se agarrou à idéia dos anjos. Com relutância, afastou a ideia da ressurreição — o que era a ressurreição para ele? Ele estava vivo — não estava? —. num estado diferente? Mas ele via anjos — não via? —, de modo que qual era essa conversa de ressurreição? Deixá-lo viver um momento, pensou, e aí ele pareceu cair por terra. Seus pés — pés astrais? pés de espírito? — pareciam-lhe muito sólidos. O chão parecia muito macio e morno a seus pés descalços. Mas ele caiu por terra e o véu foi afastado, ele olhou em volta. Os anjos voavam pelo ar, os querubins estavam sentados nas nuvens, grandes coros cantavam numa repetição monótona. À distância, ele viu uma luz dourada. À distância, ele viu os Portais de Pérola.

Ele rapidamente começou a agir, correndo pela relva macia, aproximando-se inexoravelmente dos Portais de Pérola. Afinal, depois de um tempo não especificado, ele alcançou aqueles edifícios monumentais, que pairavam tão altos acima dele. Um vulto brilhante do lado de fora, com uma espada de ouro reluzente, barrava o caminho.

— Quem é você? — perguntou uma voz.

O velho deu o nome. De dentro do Portal outra figura cintilante abriu um grande livro e molhando os polegares com a língua folheou o livro.

— Ah, sim! — disse a segunda voz. — Sim, nós o esperávamos aqui. Entre!

O grande Livro dos Registros fechou-se. Os Portais de Pérola abriram-se, e o velho, agora um rapaz jovem e despido, entrou.

Por algum tempo, o visitante recém-chegado ficou em êxtase, diante de tudo quanto a sua religião lhe ensinara. Anjos, querubins, serafins. As Hostes Celestes cantando em coros numerosos, S. Pedro, o Anjo do Livro, e o grande Livro de Todo o Conhecimento, onde estava o registro de todas as almas da Terra, em que estavam registrados o bem e o mal de todas as pessoas que já viveram.

Aos poucos, porém, o velho — agora o visitante mais novo — começou a se inquietar. Havia incoerências. Isso não era verdadeiro, era pantomima, era coisa de teatro. Em que ele errara? Seria alguma coisa errada com sua religião? Aí ocorreu-lhe o pensamento da ressurreição. Bom, pensou ele consigo, isso é tão pouco autêntico quanto a ressurreição? O que há com a ressurreição? Como podiam os corpos mortos, há muito apodrecidos, ser remontados ao último toque de uma grande trombeta? Onde ficaria toda aquela gente, como estaria vestida, como se alimentaria? E esse Exército Angélico, essa Visão do Céu — lugar decepcionante, eston começando a duvidar de meus sentidos.

Mal ele disse isso consigo, houve um grande estrondo, como de trovão, e todo o edifício ruiu em volta dele, em fragmentos dos Portais de Pérola, e a luz dourada extinguiu-se. Mas — *Parel*

— surgiu uma luz maior. O velho, agora um visitante, olhou em volta, com assombro. *Isso* era mais razoável. Correndo para ele, viu gente que tinha conhecido em sua última vida Terra,

pessoas que ele amara. Viu um bichinho de estimação querido vindo para junto dele e pulando e gritando de alegria.

Outro vulto veio para ele e disse:

— Ah, agora você está livre de suas ilusões. Agora, você chegou à casa da verdade, à Terra da Luz Dourada. Aqui você vai permanecer um pouco, enquanto você e só você decide o que quer fazer.

Ê assim que muitas religiões enganam a pessoa. É assim que podemos ler sobre qualquer religião e aprender com isso, mas a verdadeira sabedoria vem de se ter um espírito esclarecido e aberto para que, quando chegar o momento da transição dessa vida para outra, você — e você — e você — *todos* possam ir para o estado para o qual a sua evolução e realizações os prepararam, pois no Plano Maior das coisas, até aqueles que passaram para lá têm de ser protegidos contra sua própria loucura. Se uma pessoa acredita que vai para um céu imaginário, então isso será exibido para ela, até ela ver as falhas.

Se uma pessoa acha que vai para uma terra de prazeres inefáveis, em que sempre haverá dançarinas para diverti-ia, então terá tudo isso, até ultrapassar essas coisas tão efêmeras.

E se uma líder feminista tiver como sua idéia do Céu um lugar em que todos os homens sejam escravos, então sem dúvida isso também poderia ser produzido para eia. E essas peças podem continuar até que a pessoa em questão venha a perceber a tolice dessas peças teatrais; até o momento em que a pessoa envolvida se desenvolva espiritual e mentalmente e possa aceitar a Terra da Luz Dourada como ela é, um lugar de realidade, um lugar diferente mas não tão diferente assim daquele que acaba de deixar. Um lugar com o mal purgado, um lugar em que só podemos encontrar aqueles que são compatíveis conosco, um lugar em que não há ódios, nem inimizade, nem pobreza, nem sofrimento. Um lugar em que a pessoa, plenamente consciente de seus atos, julga seus esforços e falhas passados e resolve o que será feito no futuro.

Mas o barulho da máquina de escrever tem de parar. O cilindro não vai mais girar, os papéis não serão mais introduzidos e puxados para fora datilografados, pois acabou-se o espaço destinado a este livro. Agora, ele tem de ser enviado ao Venerável Agente Knight para ser passado ao Venerável Editor!

A *Sría. Cleópatra Rampa* suspirou aliviada, virando-se para *Taddy Rampa*:

— Ah, graças a Deus! — disse ela. — Agora que ele se livrou desse negócio, talvez tenha tempo para nós.

Só restam então mais duas tarefas a fazer. A primeira, agradecer à Sra. Rampa por sua vigilância constante ao ler o original e verificar os ligeiros erros. Depois, é realmente preciso agradecer à Sra. Sheelagh Rouse, companheira leal através dos anos, pelo trabalho duro que teve, datilografando tudo isso para nós.
